



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN**  
**FACULTAD DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN Y DE LA COMUNICACIÓN**  
**DOCTORADO EN CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DA PEÇA TEATRAL “SEVERA  
ROMANA”, DE NAZARENO TOURINHO, VOLTADA À  
EDUCAÇÃO.**

Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos

**Asunción-Paraguay**

**2022**

ÂNGELA DO CÉO GONZAGA DE VASCONCELOS

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DA PEÇA TEATRAL “SEVERA ROMANA”, DE NAZARENO TOURINHO, VOLTADA À EDUCAÇÃO.

Tese apresentada à Facultad de Ciencias de la Educación y de la Comunicación como requisito final para a obtenção do título de Doctorado en Ciencias de la Educación.

Orientador: Professor Pós-Doctor Homerval RibeiroTeixeira

Asunción-Paraguay

2022

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos

**Uma Análise Semântica da Peça Teatral “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, Voltada à Educação.**

Asunción - Paraguay: Universidad Autónoma de Asunción, 2022.

Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos – 190 páginas.

Nome do tutor: Professor Pós-Doctor Homerval RibeiroTeixeira

Dissertação acadêmica em Doutorado em Ciências da Educação.

Palavras Chave: Análise Semântica; Dramaturgia; Cultura local; Educação.

**Esta Tese está estruturada e formatada de acordo o Guia de Apresentação de Trabalhos de Graduação e Pós-Graduação segundo as normas APA/UAA.**

**UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DA PEÇA TEATRAL “SEVERA ROMANA”, DE NAZARENO TOURINHO, VOLTADA À EDUCAÇÃO.**

Esta tese foi avaliada e aprovada na data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ para a obtenção do título de Doutora em Ciências da Educação do Curso de Doutorado em Educação da Facultad de Ciencias de la Educación y de la Comunicación. Asunción - UAA

Orientador: Pós-Doctor Homerval Teixeira

**BANCA EXAMINADORA**

Examinador (a): \_\_\_\_\_

**Asunción-Paraguay**

**2022**

A Deus, meu Criador e Salvador, e a meus pais: José Antônio Vasconcelos (in memoriam) e Miracy Gonzaga de Vasconcelos, pelo amor incondicional que sempre me dedicaram.

A meu pai (in memorian) e a minha mãe, pelo apoio e incentivo. A meus irmãos: Tarcila Maria, Norma Suely, José Antônio e Jairo Guilherme, pela amizade e incentivo ao meu crescimento profissional. Ao ilustre escritor Nazareno Tourinho (in memorian) pela receptividade, apoio e por sua versátil, inteligente e historiográfica dramaturgia paraense. A meu tutor Pós-Doctor Homerval Ribeiro Teixeira, por sua humildade que me encanta e por tratar todos os orientandos como se fossem únicos. À amiga Rosimary Lobo da Silva, pela amizade e valiosa orientação acadêmica, como minha co-orientadora. À Direção, aos Professores e a todos os Funcionários da Universidade Autónoma de Asunción, pelo apoio e pela gentileza com que sempre me trataram. Ao Paraguay, Nação que sempre me acolheu com amor: “meu segundo país”. Rohaihu Py.

“Muito mais forte que um sermão é a dramatização de uma cena evangélica, porque, no Teatro, a palavra se corporifica, o verbo se torna carne.” (Cláudio Barradas).

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	x
LISTA DE TABELAS.....	xi
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xii
RESUMEN.....	xiv
RESUMO.....	xv
ABSTRACT.....	xvi
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1- UMA SINOPSE DA ORIGEM E RETROSPECTO DO TEATRO MUNDIAL, BRASILEIRO E PARAENSE.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 2- ANÁLISE SEMÂNTICA DA OBRA SEVERA ROMANA, RESGATANDO E RETRATANDO A CULTURA PARAENSE, NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.....</b>	<b>12</b>
2.1 Projeto comentado do filme “Severa Romana em Tese”.....	31
<b>CAPÍTULO 3- MARCO METODOLÓGICO.....</b>	<b>46</b>
3.1 Justificativa da investigação.....	46
3.2 Problema investigatório.....	47
3.3 Objetivo Geral.....	48
3.4 Objetivos Específicos.....	48
3.5 Desenho e caracterização da investigação.....	48
3.6 Tipo e enfoque da pesquisa.....	49
3.7 Contexto espacial e sócio-econômico da pesquisa.....	51
3.7.1 Um pouco do Brasil.....	51
3.7.2 Conhecendo o Estado do Pará e sua capital.....	53
3.7.2.1 O Estado do Pará.....	53
3.7.2.2 Belém do Pará.....	55
3.7.3 Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros.....	57
3.8 Fonte de informação (Amostra).....	59
3.9 Técnicas e instrumentos da coleta dos dados.....	60
3.10 Validade dos instrumentos da pesquisa.....	61

3.11 Etapas do processo de investigação.....	61
3.12 Dificuldades encontradas no momento da execução da pesquisa de campo.....	63
<b>CAPÍTULO 4- ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>65</b>
4.1 Respondendo aos objetivos da pesquisa.....	65
4.2 Resposta ao objetivo 1.....	66
4.3 Resposta ao objetivo 2.....	69
4.4 Resposta ao objetivo 3.....	73
4.5 Resposta ao objetivo 4.....	75
4.6 Resposta ao objetivo 5.....	76
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>79</b>
<b>RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>89</b>
ANEXO I- Sobre o decreto de criação da CTRB - ETRB.....	89
ANEXO II- Fotos do colégio pesquisado.....	92
ANEXO III- Fotos relacionadas a Nazareno Tourinho.....	94
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>96</b>
APÊNDICE I- Efemérides biográficas de Nazareno Tourinho.....	96
APÊNDICE II- Termo de consentimento livre e esclarecido enviado à direção da instituição in locus da pesquisa.....	105
APÊNDICE III- Vocabulário extraído da obra de Severa Romana e seus significados (350 vocábulos).....	107
APÊNDICE IV- Validação do questionário aplicado aos alunos, posteriormente modificado.....	150
APÊNDICE V- Roteiro de validação modificado para construção do questionário.....	158
APÊNDICE VI- Roteiro do questionário aplicado aos alunos .....	165
APÊNDICE VII- Carta aos pais dos alunos pesquisados.....	170
APÊNDICE VIII- Termo de consentimento destinado a Nazareno Tourinho.....	172
APÊNDICE IX- Resposta ao termo de consentimento destinado a Nazareno Tourinho.....	174

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA Nº 1- Mapa do Brasil.....	53
FIGURA Nº 2- Mapa do Estado do Pará.....	55

## LISTA DE TABELAS

TABELA N° 1- Fonte de informação.....	60
TABELA N° 2- Primeiro objetivo.....	66
TABELA N° 3- Palavras consideradas novas para os alunos.....	68
TABELA N° 4 Segundo objetivo.....	69
TABELA N° 5- Terceiro objetivo.....	73
TABELA N° 6- Quarto objetivo.....	75
TABELA N° 7- Quinto objetivo.....	76

## LISTA DE ABREVIATURAS

AA - Atividade Avaliativa  
AEPA - Associação dos Economiários do Pará  
APL - Academia Paraense de Letras  
AVI - Avaliação 1  
AV2 - Avaliação 2  
CELCIT – Centro latinoamericano de Creación e Investigación Teatral  
CEL AV R1 - Coronel Aviador da Reserva  
CEL INT R1 - Coronel Intendente da Reserva  
Cia – Companhia  
COMAER – Comando da Aeronáutica  
COVID-19 - Corona Vírus Disease 2019  
CTRB - Colégio Tenente Rêgo Barros  
DEPENS - Departamento de Ensino da Aeronáutica  
DIRENS – Diretoria de Ensino do Comando da Aeronáutica  
DVD - Disco Digital Versátil  
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio  
ETDUFPA - Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará  
ETRB - Escola Tenente Rêgo Barros  
FENAT - Festival Nacional de Teatro  
FESAT - Federação Estadual de Atores, Autores e Técnicos de Teatro  
FETAPA - Federação de Teatro Amador do Pará  
FIBRA - Faculdades Integradas Brasil Amazônia  
FIEPA - Federação das Indústrias do Estado do Pará  
GIA – Grupamento de infraestrutura e apoio  
IAP - Instituto de Artes do Pará  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
ICOMAR – Primeiro Comando Aéreo Regional  
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal  
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
LP – Long Play  
MABE – Museu de Arte de Belém  
MEC – Ministério da Educação e Cultura

- OM – Organizações Militares
- PMB – Prefeitura Municipal de Belém
- PPP – Projeto Político Pedagógico
- PROEX - Pró-Reitoria de Extensão
- PSOL - Partido Socialismo e Liberdade
- SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
- SESC - Serviço Social do Comércio
- SNAPP - Serviço de Navegação na Amazônia e Administração do Porto do Pará
- STPA – Subdivisão Técnica de Planejamento e Avaliação
- TABA - Teatro Adulto de Belém Adulta
- TV - Televisão
- UFPA - Universidade Federal do Pará
- UNAMA - Universidade da Amazônia
- UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization  
(Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a Cultura)

## RESUMEN

Este trabajo presenta un estudio de carácter cualitativo con un enfoque descriptivo e interpretativo, es una investigación orientada a la obtención del grado de Doctor en Ciencias de la Educación. El título de la tesis es “Un análisis semántico de la obra teatral Severa Romana del autor Nazareno Touriño orientada a la educación”. El problema que nos planteamos en este estudio fue: ¿La educación lingüística y literaria ofertada del CTRB a los alumnos de noveno año de enseñanza fundamental II, ofrece conocimiento necesario para realizar un análisis semántico de la obra “Severa Romana? El objetivo general fue verificar si los alumnos de enseñanza fundamental II del Colegio Teniente Rego Barros de noveno año, poseen conocimiento necesario para realizar un análisis semántico de la obra “Severa Romana”. Los objetivos específicos fueron: Identificar palabras y/o expresiones de la obra teatral citada y su relación con el lenguaje local conocido por los alumnos. Describir el conocimiento que posee el alumno sobre la obra teatral. Relacionar las palabras o expresiones de la obra Severa Romana que forman parte del campo semántico y cultura del alumno. Comprender la importancia de los beneficios artístico-semánticos y culturales de la citada obra desde el punto de vista del alumno. Realizar propuestas de inserción de la obra Severa Romana en el currículum de lengua portuguesa de los alumnos de enseñanza fundamental II. La obtención de información se realizó a través de cuestionarios aplicados a los alumnos, así como la observación en las aulas. Participaron en esta investigación alumnos de noveno año de enseñanza fundamental del colegio citado. La investigación duró aproximadamente un año y 6 meses. La conclusión a la que llegamos fue que con el pleno conocimiento de las obras de Nazareno Touriño el alumno es capaz de analizar semánticamente la obra Severa Romana así como es apto para conocer los aspectos relevantes de su cultura regional de final del siglo XIX e inicio del siglo XX, de manera que se contribuye a una educación más completa y conectada a la historiografía de su ciudad estado región y país.

Palabras clave: Análisis Semántico, Dramaturgia, Cultura Local y Educación.

## RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de caráter qualitativo, com um enfoque descritivo e Interpretativo; é uma investigação voltada à obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação. O título da tese é "Uma Análise Semântica da Peça Teatral Severa Romana, de Nazareno Tourinho, Voltada à Educação". O problema levantado neste estudo foi: A educação linguística e literária ofertada pelo CTRB para os alunos do nono ano, do Ensino Fundamental II, oferece conhecimento necessário para realizar uma análise semântica da obra "Severa Romana"? O objetivo geral foi: Verificar se os alunos do Ensino Fundamental II do Colégio Tenente Rêgo Barros, do nono ano, possuem conhecimento necessário para realizar uma análise semântica da obra Severa Romana. Os objetivos específicos foram: Identificar palavras e/ou expressões da peça teatral "Severa Romana", de Nazareno Tourinho, enfocando a semântica da linguagem local conhecida pelos alunos; Descrever o conhecimento que possui o aluno sobre a obra "Severa Romana"; Relacionar as palavras e/ou expressões da obra "Severa Romana", que fazem parte do campo semântico e da cultura do aluno; Compreender a importância dos benefícios artísticos, semânticos e culturais da obra "Severa Romana", na visão discente; Propor a inserção da obra "Severa Romana", no currículo de Língua Portuguesa, dos alunos de Ensino Fundamental II, do nono ano, do CTRB. Neste contexto, realizaram-se aulas teóricas a respeito do tema em questão, assim como foram aplicados questionários aos alunos. Os sujeitos pesquisados foram alunos do nono ano do Ensino Fundamental do referido colégio, localizado em Belém do Pará. Este estudo deu-se em um período de aproximadamente 4 anos, sendo que a pesquisa in locus realizou-se em 1 ano e 6 meses. A conclusão a que chegamos foi que, com o pleno conhecimento da dramaturgia de Nazareno Tourinho, o aluno é capaz de analisar semanticamente a obra "Severa Romana", assim como é apto a resgatar aspectos relevantes de sua cultura regional, de final de século XIX e início de século XX, contribuindo para uma educação mais completa, em direção à historiografia de sua cidade, estado, região e país.

**Palavras-chave:** Análise Semântica; Dramaturgia; Cultura Local e Educação.

## ABSTRACT

This academic work is the result of qualitative study, with a descriptive and interpretative focus, this research is a post-graduate Doctoral degree in Education Science called “A Semantic Analysis of the theatrical play ‘Severa Romana’, by Nazareno Tourinho, focused on Education”. Which it had as a main objective: To verify if the students of elementary school II of the Tenente Rêgo Barros School, of the ninth-grade, have the necessary knowledge to carry out a semantic analysis of the play "Severa Romana". And as specific objectives: To Identify words and/or expressions of the local language from the theatrical play “Severa Romana”, by Nazareno Tourinho, focusing on the local language semantics known by the students; To Describe the knowledge owned by the student over the play “Severa Romana”; To Relate the words and/or expressions from the play “Severa Romana”, which belongs to the semantics field and to the students culture; To comprehend the importance of the artistic, semantic and cultural benefits of the play “Severa Romana”, in the students point of view; To Propose the insertion of the play “Severa Romana” in Portuguese Language curriculum for ninth-grade middle school students in CTRB. The questioned problem in this study was: Does the linguistic and literary education offered at CTRB to ninth-grade middle school students, offer enough knowledge to realize, a semantic analysis of the play “Severa Romana”? In this context, it was realized theoretical classes about the mentioned theme, as well as it was applied questionnaires to the students. The researched subjects were ninth-grade students of middle school of CTRB, located in Belém of Pará. This study took place over a period of approximately 4 years, in which the in locus research was realized in 1 year and 6 months. The reached conclusion was that, with an ample knowledge of the Nazareno Tourinho dramaturgy, the student is capable to semantically analyze the work "Severa Romana", as well as, he is able to rescue relevant aspects of his regional culture from late 19th century and early 20th century, contributing to a more complete education, towards the historiography of his city, state, region and country.

**Keywords:** Semantic Analysis; Dramatization; Local Culture and Education.

## INTRODUÇÃO

Estamos vivendo em pleno século XXI, no qual a tecnologia vem evoluindo de forma acelerada e os métodos de educação tradicional vêm dando espaço a novas técnicas e métodos mais modernos e contemporâneos.

Os alunos, de modo geral, já não querem manusear e ler os livros físicos, em cuja leitura eles precisam imaginar as cenas e perfil físico dos personagens. Eles preferem ler virtualmente porque a imagem, o movimento e recursos avançados da internet lhes dão novas e prontas emoções, competindo com a tradicional leitura de livros impressos. O educando surpreende-se, a cada dia, com novos recursos tecnológicos. A tecnologia criada pelo ser humano está a serviço de determinadas necessidades da sociedade.

Assim, recentemente, no ano de 2020, devido à pandemia mundial da doença Covid 19, causada pelo Corona-vírus, os métodos de educação das escolas, colégios, faculdades e universidades precisaram adequar-se a uma nova e desafiadora realidade, através da qual as aulas passaram a ser on-line.

Professores e alunos precisaram aprender a manipular as plataformas de aplicativos, através de computadores e celulares, para adentrarem em uma sala virtual. Foi um desafio muito grande para educadores e educandos. Todos tiveram que aprender a utilizar essas ferramentas subitamente. Isto prova que sempre há novos desafios a serem superados, na área da educação.

Todavia, tanto os métodos tradicionais de educação quanto os modernos buscam transformar o aluno num ser participativo, capaz de refletir, pensar e formular suas próprias ideias. O educando não deve ser robotizado, apenas recebendo laconicamente as informações. Ele precisa ser autor de conceitos e construir conhecimentos de forma atuante, participativa e salutar.

Esta tese de Doutorado em Ciências da Educação levou o educando a refletir não somente sobre a análise semântica da obra “Severa Romana”, como também fez a correlação literária entre a obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, e o filme curta-metragem, “Severa Romana em Tese”, dirigido por Ângela do Céu, para que todos os aspectos da cultura paraense, contidos nestas obras, enriqueçam todos os alunos que a elas tiverem acesso, haja vista que o foco central é a “educação”.

Esta pesquisa metodologicamente fez uma análise de conteúdo da obra *Severa Romana*, partindo da premissa de que o texto serve de suporte para captar um sentido simbólico, com entendimento que os significados não são únicos.

Foi engendrado como objetivo geral: Verificar se os alunos do Ensino Fundamental II do CTRB, do nono ano, em 2020, possuem conhecimento necessário para realizar uma análise semântica da obra "*Severa Romana*".

Os objetivos específicos foram:

- Identificar palavras e/ou expressões da peça teatral "*Severa Romana*", de Nazareno Tourinho, enfocando a semântica da linguagem local conhecida pelos alunos;

- Descrever o conhecimento que possui o aluno sobre a obra "*Severa Romana*";

- Relacionar as palavras e/ou expressões da obra "*Severa Romana*", que fazem parte do campo semântico e da cultura do aluno;

- Compreender a importância dos benefícios artísticos, semânticos e culturais da obra "*Severa Romana*", na visão discente;

- Propor a inserção da obra "*Severa Romana*", no currículo de Língua Portuguesa, dos alunos de Ensino Fundamental II, do nono ano, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros.

Com base no tema proposto, foram realizados os seguintes passos: Uma sinopse da origem e retrospecto do teatro mundial, brasileiro e paraense; Análise semântica da obra "*Severa Romana*", resgatando e retratando a cultura paraense, no final do século XIX e início do século XX; Projeto comentado do filme "*Severa Romana em Tese*"; Efemérides biográficas de Nazareno Tourinho; Marco metodológico; Proposta pedagógica para a inserção da obra "*Severa Romana*", como leitura necessária aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros; Análise dos resultados; e Conclusão.

Sabe-se que o enfoque qualitativo caracteriza-se pela coleta de informações. No caso deste trabalho, os dados foram coletados e foi feito um panorama linguístico, o qual se caracteriza como um retrato fidedigno da realidade semântica de uma determinada época (final

de século XIX e início do século XX), não se prendendo a causas; só ao registro do fenômeno observado.

No contexto desta pesquisa, foram descritas as características da Língua Portuguesa utilizada pelos falantes da cidade de Belém do Pará (Brasil) e seus aspectos semânticos relevantes, assim como valores, crenças, superstições e comportamentos sociais, existentes em final do século XIX e início do século XX.

Assim, houve uma perfeita interação entre pesquisadora e elementos pesquisados (discentes), no sentido de que os aspectos semânticos da obra e da realidade na qual esta obra esteve e está inserida, foram tratados semântico-qualitativamente com cumplicidade e parceria equilibradas.

Para esta pesquisa de campo, realizada no CTRB, foram utilizados os seguintes instrumentos: Datashow, caixa de som amplificadora, telão, quadro magnético, canetas para quadro magnético, notebook, papel, gravador, DVD do filme curta-metragem “Severa Romana em tese”, DVD da peça teatral “Severa Romana”; encenada no Teatro Experimental Waldemar Henrique, na cidade de Belém do Pará, Brasil.

O problema questionado foi sobre a obra dramaturgica de Nazareno Tourinho, intitulada “Severa Romana”, e sua análise semântica, a fim de expor os valores dos signos (significantes e significados) linguísticos e históricos, registrados pelo autor em questão, cuja leitura, compreensão e análise proporcionaram aos estudantes uma melhor compreensão da cultura local.

Faz-se relevante que a história paraense seja conhecida por todos os brasileiros e pesquisadores mundiais, em relação aos seguintes aspectos: nossos fatos históricos importantes, mesmo os mais tristes, os quais marcaram a vida de nosso povo; nossa diversidade de crenças e religiões; nossos costumes; nosso regionalismo; nossas superstições; nossos falares, em relação às variantes do português culto, regional, coloquial e vulgar, todos de extrema relevância à comunicação; os valores de honestidade e respeito ao próximo, adquiridos de geração a geração.

Os educandos, ao conhecerem a obra de Nazareno Tourinho, adquirem adição à sua riqueza cultural e o conhecimento de mundo atinge, certamente, um melhor patamar em

relação à educação, haja vista que, quanto maior o conhecimento que o cidadão adquire, mais crítico ele tornar-se-á.

A leitura, compreensão, interpretação e análise da dramaturgia Tourinheana certamente promovem uma educação mais ampla e acentuam as possibilidades de uma formação crítica, capacitando o indivíduo a ter um maior poder de argumentação em relação a inúmeros aspectos da vida, porque a obra abre um leque de possibilidades sobre o conhecimento da cultura paraense.

Neste contexto, surgiu o problema: A educação linguística e literária ofertada no CTRB para os alunos do nono ano do Ensino Fundamental II oferece-lhes os pré-requisitos necessários para realizar uma análise semântica da obra “Severa Romana”?

Com este trabalho foi oferecida a proposta de levar o conhecimento da dramaturgia de Nazareno Tourinho, também na prática, aos alunos do Colégio Tenente Rêgo Barros, através da realização de um filme curta-metragem, realizado pelos alunos-atores da própria escola, os quais interpretaram (junto com dois professores e uma diretora), os personagens do filme.

A finalidade foi fazê-los perceber as mudanças culturais e educacionais sofridas por eles próprios, após terem acesso ao repertório cultural, transmitido pela obra teatral em questão, a qual pode ser considerada uma obra de historiografia: retrato da história do povo de Belém, Pará, Brasil.

## **CAPÍTULO 1- UMA SINOPSE DA ORIGEM E RETROSPECTO DO TEATRO MUNDIAL, BRASILEIRO E PARAENSE**

Os livros consideram os Gêneros Lírico, Épico e Dramático como sendo a base da Literatura, no que se refere aos inúmeros gêneros textuais que dos três derivaram.

O Teatro pertence ao Gênero Dramático, e teve sua origem oficial, na Grécia, mais precisamente em sua capital, Atenas. Tudo aconteceu, durante uma das festas em homenagem ao deus do vinho, Dionísio (Conhecido como Baco, em Roma.), no século VI a.C..

Nessas festas, Dionísio era representado através da figura de um bode, daí a origem da palavra “Tragédia”, derivada do vocábulo “tragóide”, o qual significa “canto do bode”. Neste período, a música era considerada o grande e melhor ornato da Tragédia. O canto (melopolia / melopeia) encontra-se na raiz da Tragédia e surgiu exatamente dos ritos que tinham como significado o morrer e o renascer do deus homenageado: Dionísio.

Os gregos, durante as homenagens feitas a esse deus, usavam um figurino feito de pele de cabra e, na cabeça, usavam folhas de parreira. Eles andavam pelos campos e ruas em procissões e cantavam, em homenagem a Dionísio.

Certa vez, Téspis, um ateniense comum, escondeu-se em uma carroça, usando uma grossa túnica e uma máscara tosca e, quando a procissão se aproximou, ele a abordou, dizendo com uma voz bem grave: -Eu sou Dionísio!

Diante de um simples ateniense que se fazia passar pelo deus Dionísio, a multidão ficou espantada, admirada, estarecida. E, para muitos, este ato foi um sacrilégio, inclusive para Sólon, um grego que, apesar de eficaz, era um legislador tirano. Todavia, a maior parte da plateia ficou extremamente impressionada e considerou a interpretação agradabilíssima! Téspis acabou sendo aplaudido. Foi a primeira vez que um simples ateniense foi visto como sendo um deus de carne e osso pelos gregos, no mercado. E foi assim que o Teatro teve o seu início oficialmente registrado, com o hibridismo de realidade e fantasia, risos e lágrimas, em busca de uma catarse espiritual.

A partir daquele ano, durante a festa ao deus Dionísio, havia um concurso anual que oferecia prêmio a quem melhor conseguisse interpretar um personagem, diante de uma plateia.

Rindo, chorando, vibrando de entusiasmo ou sofrendo o impacto do terror, os cidadãos comprimiam-se na praça do velho mercado de Atenas, a mais importante cidade-estado da Grécia no século VI a.C., contra a vontade de Sólon, tirano e legislador eficaz mas nem sempre dedicado às sutilezas da sensibilidade, o povo preferiu acreditar em cada gesto de Téspis – um homem estranho que ousava imitar os deuses e os homens. (Coleção Teatro Vivo, 2010, p. 12).

E, a partir da atitude teatral de Téspis, do século VI a.C. aos nossos dias, o Teatro evoluiu, agregando-se a outras linguagens, como a dança, a música, o cinema, em busca de uma arte globalizada e completa.

Em outras palavras, podemos afirmar, também, que o Teatro surgiu, a partir do desenvolvimento do ser humano, diante de suas reais necessidades, pois o homem primitivo caracterizava-se como um ser selvagem, caçador e possuía necessidade de exercer o domínio sobre tudo o que havia em sua volta, sobre toda a natureza. A partir desta necessidade, surgiu o desenho, a música, a dança e o teatro, em sua forma mais primitiva e imitativa, com danças dramáticas coletivas que simbolizavam uma espécie de ritual de celebração, relacionada às questões do cotidiano e tinham como objetivo exaltar uma divindade, agradecer ou demonstrar algum tipo de perda.

Este tipo de ritual em que o homem dançava e cantava conferia-lhe poderes sobrenaturais, assim se acreditava, atribuindo-lhe, ainda, poderes para que houvesse uma melhor sobrevivência, obtendo-se terra fértil, casa digna de moradia, sucesso nas batalhas, exorcizando maus espíritos etc., conferindo ao Teatro um caráter ritualístico.

Houve pequenas evoluções, com o passar de vários anos. Com o tempo, o homem passou a realizar ritos sagrados na tentativa de apaziguar os efeitos da natureza, harmonizando-se com ela. Os ritos prevaleciam e as danças eram miméticas. A mimesis (mímica) era muito praticada e as mulheres participavam de belos rituais de danças e cantos. Assim, surge o Ditirambo, um exemplo de procissão informal que, com o passar do tempo, ficou mais estruturada e organizada. Tratava-se de um ritual artístico, um culto de evolução e louvação para homenagear ao deus Dionísio, através de cantos, chamados Cantos Dionisíacos.

Com o passar do tempo, o Ditirambo passou a ter outras características, frutos de sua evolução: possuía um coro formado por coreutas e pelo corifeu. Eles cantavam, dançavam, narravam histórias e falavam sobre mitos relacionados a Deus. A maior modificação ocorreu, a

partir do momento em que foi criado o diálogo entre coreutas e corifeu. Engendrou-se a ação, na história. Surgem, assim, os primeiros textos teatrais.

Inicialmente, tudo acontecia nas ruas. Depois, houve a necessidade de se ter um espaço adequado para a execução da arte teatral. Então, surgiram os primeiros teatros, e foi assim que a dramaturgia foi evoluindo e foram-se criando novas formas do fazer teatral. Depois, a civilização egípcia surgiu e com ela os ritos transformaram-se em grandes rituais, os quais se baseavam em mitos (histórias que se caracterizam por narrar o sagrado). Cada mito representava a história de como uma determinada realidade veio a existir e propagavam as tradições, a cultura de um povo, o apelo a elementos sobrenaturais, assim como faziam referências a oferendas para conseguir favores. Procuravam homenagear entidades, buscavam a diversão e a honra aos nobres.

Com o desenvolvimento do homem em relação à natureza e seus fenômenos, em relação à ciência, o Teatro vai perdendo as suas características ritualísticas e vai tendo características mais ligadas à educação. Os gêneros foram evoluindo e se ramificando. Surgiu a peça teatral satírica. Aristófanes criou um gênero diferente, pois a comédia deste escritor fazia uma mistura da sátira política com a paródia mitológica.

Nesta época, somente os homens interpretavam os papéis, pois à mulher era vetada a participação como atriz. Em Roma, Plauto e Terêncio foram grandes representantes. Havia gigantescas tendas que abrigavam cerca de quarenta mil espectadores e, apesar do Teatro Romano ter se baseado nos aspectos do Teatro Grego, o Teatro Romano possuía características próprias e criou a pantomima, a qual se caracterizava por apresentar apenas um ator interpretando todos os papéis, usando máscaras, uma para cada personagem interpretado. O ator era acompanhado pelo coro e por músicos.

Quando surgiu o Cristianismo, o Teatro foi considerado pagão e, por falta de patrocínio, as apresentações foram quase extintas. Todavia, na época Medieval, o Teatro renasceu, graças à própria igreja, com a apresentação de peça teatral que falava sobre a história da ressurreição de Jesus Cristo. O Teatro, a partir de então, era usado para propagar a mensagem de conteúdos bíblicos, com a finalidade de conversão, e este mesmo Teatro Medieval entrou em declínio, a partir do século XVI.

Na Itália, o Teatro Renascentista rompeu com o Teatro Medieval, através do Teatro Humanista. No século XVI os atores profissionalizaram-se com a Commedia Dell'Arte, na qual alguns personagens vinham de tradição do antigo Teatro Romano, com os tipos: fanfarrão e avarento, como afirma Diana (2020). Neste tipo de comédia, as mulheres já eram liberadas para tomar parte nas dramatizações.

Na Inglaterra e França, as mulheres passaram a atuar como atrizes, a partir do século XVII. No século XVIII, após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, surgiram formas como o melodrama e muitos teatros novos.

No século XIX, o Teatro Booth de Nova York passou a utilizar o recurso do elevador hidráulico e várias inovações relacionadas à iluminação, entre elas a luz a gás e, em 1881, o primeiro a utilizar a luz elétrica foi o Teatro de Londres, chamado Savoy Theatre e os cenários e figurinos passaram a ter uma caracterização mais realista. Nesta época, surgiu a figura do Diretor Teatral, responsável por cuidar de todos os aspectos do espetáculo cênico.

Ao final do século XIX, a arte passou a ter características de denúncia social, tendo como destaque as figuras de Henrik Ibsen e Émile Zola. No século XX, o Teatro passa a ser eclético, se desassociando de tradições passadistas, sendo influenciado pelas ideias inovadoras de Bertolt Brecht, o qual dizia que o ator deve estar consciente do fato que está interpretando e que jamais pode emprestar sua personalidade ao personagem interpretado. Dizia, ainda, que a peça e a mensagem social nela contida deveria ser o principal objeto de interesse e os espectadores não deveriam confundir personagem com pessoas reais, pois, se assim o fizessem, a emoção do espectador obscureceria seu senso crítico.

Brecht, temendo que os atores não conseguissem interpretar os papéis com imparcialidade, criou recursos para separar as encenações da realidade, para fazer com que os espectadores percebessem a ficção com clareza. A cenografia, por exemplo, possuía efeitos não realísticos e as mudanças de cenário podiam ser vistas pela plateia.

No Brasil, o Teatro iniciou através de representações de catequização dos índios, no período de Colonização. As peças eram escritas com características didáticas, com a finalidade de ensinar aos índios a crença e valores cristãos (Teatro, n. d.). A Companhia de Jesus foi uma ordem que expandiu a catequese através do Teatro, com grande representatividade dos autores José de Anchieta e Antônio Vieira, ambos padres, os quais escreviam as peças sob enorme influência do Barroco europeu.

Entre os projetos que os jesuítas traziam de Portugal, ao criar a Província do Brasil em 1552, logo estaria o de realizar representações escolares que, reafirmando o ponto de vista católico contra os protestantes, na linha da Contrarreforma, dessem ainda aos alunos de seus colégios a oportunidade de praticar o latim, a exemplo do que se fazia na Europa. A precariedade cultural do Brasil, todavia, nesses bravios tempos de colonização em que os próprios idiomas europeus podiam figurar como estrangeiros, levou os responsáveis pela Companhia a transigir, admitindo em seus espetáculos, ao lado do português e do espanhol, até mesmo o tupi, ou língua geral, a única capaz de atrair aquela porção do público, a indígena, que mais interessava aos jesuítas conquistar. (Faria, 2012, p. 21).

A herança teatral portuguesa trouxe-nos um grande presente: o advento do Teatro Romântico, a partir de 1836, com suas características de melodrama. Somente na terceira década do século XIX, a produção teatral, no Brasil, passou a ter uma consistência maior. Porque, até então, os atores, em sua grande maioria, assim como os textos escritos e os empresários vinham da Europa, especialmente de Portugal, que enviava ao Brasil companhias inteiras. Eles chegavam ao Rio de Janeiro e eram recebidos extremamente bem. Tudo era bem mais fácil, haja vista que falávamos o mesmo idioma.

Na verdade, é o estilo melodramático que predomina nas origens do teatro brasileiro e tem sua popularidade ligada à repercussão que obteve a obra do escritor francês Charles Guilbert de Pixérécourt, autor de mais de cem peças teatrais. Aparece, também, o drama histórico, o qual se desenvolve com base em histórias verossímeis, retiradas do passado e ocorridas em países distantes.

A partir de 1922, com o advento do Modernismo brasileiro, o teatro passou a ter uma nova consciência sobre os processos criativos e procurou atualizar os modelos da tradição. O impulso modernizador só adquiriu unidade e forças com a organização da Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo.

Em uma de suas linhas de frente, o movimento acentuou as inquietações internacionalistas, como decorrência do contato direto com as vanguardas europeias do pós-guerra, as quais exerceram forte impacto sobre o pensamento conceitual no campo das artes plásticas e da literatura, embora reflexos sejam encontráveis igualmente na arquitetura, no estatuário, nas artes decorativas e, sem dúvida alguma, no teatro. (Faria, 2012, p. 21).

Hoje, no Teatro contemporâneo brasileiro, as características românticas, realistas e as não realistas convivem lado a lado, tornando-se uma arte bastante eclética, rica, variada. Quanto ao Teatro, no Pará, pode-se afirmar que iniciou no período da colonização executada pelos portugueses, com destaque para os missionários lusitanos, século XVII. Objetivava evangelizar os índios e oferecer entretenimento às famílias economicamente mais elevadas. Tratava-se de um Teatro com características didáticas e lúdicas.

A primeira peça teatral esteve relacionada à Paixão de Cristo e ocorreu no ano de 1654. No Convento das Mercês, em 1677, foi encenada uma peça teatral estilo comédia, com características lúdicas e evangelizadoras. Esta possuía como objetivo destacar defeitos psicológicos, de caráter dos seres humanos. A intenção era fazer com que a plateia refletisse sobre as falhas morais do ser humano, com o intuito de aperfeiçoá-las. Havia, nesta época, um relevante ponto de encontro para os amantes do Teatro: o Largo das Mercês. Durante o ciclo da borracha, o Pará viveu uma época extremamente boa e relevante. Havia uma produção artística que trabalhava de maneira muito expressiva. Havia uma grande interação entre o Pará e outros estados, haja vista que o Pará recebia várias companhias teatrais de diversos estados e países. Outras culturas, portanto, mesclavam-se à cultura paraense e brasileira, o que enriquecia o contexto teatral paraense; e os paraenses os enriqueciam, também, com a arte e cultura locais.

Devido a essa época engrandecedora, no campo da arte, e devido ao “ciclo da borracha”, época de crescimento econômico paraense, foi construído um maravilhoso Teatro, em Belém do Pará: o Theatro da Paz. Executado em 15 de fevereiro de 1878. Possui estilo neoclássico e o projeto de construção foi realizado por José Tibúrcio Pereira de Magalhães, que era um inteligente engenheiro e arquiteto militar. O mesmo inspirou-se no Teatro Scalla de Millão, na Itália, para construir o prédio.

A este Teatro foi sugerido outro nome: Teatro de Nossa Senhora, com o intuito de homenagear a Santa. Este nome foi sugerido pelo Bispo Dom Antônio de Macedo Costa, o qual mudou de ideia com medo de macular o nome da Santa, haja vista que, no Teatro, aconteceriam trabalhos artísticos profanos. Então, ele mesmo sugeriu o nome definitivo: Theatro da Paz, em homenagem ao fim da Guerra do Paraguay. O referido Teatro foi inaugurado com a peça teatral chamada “As duas órfãs”, cujo autor era Adolphe d’Ennery.

A responsabilidade do espetáculo era da Companhia de Vicente Pontes de Oliveira, relevante dramaturgo pernambucano. O Theatro da Paz possui muita imponência e uma belíssima fachada, na qual há alguns bustos, os quais representam a Comédia, Tragédia, Poesia e Música. Na entrada, há um lustre francês, assim como muitos materiais importados da Europa.

As escadas possuem detalhes decorativos, no piso de mosaico português, em bronze, com material anti-derrapante. O teto possui pintura italiana e a cortina, pintura francesa. Há inúmeros espaços para o público: plateia, varanda, frizas, camarotes. Devido ao declínio da borracha, as grandes produções artísticas acabaram. Surge, assim, a cena popular e “o teatro da ralé, das massas, dos que não podiam fazer plateia nos teatros oficiais.” (Salles, 2012).

Surge, neste período, o “Teatro da Época”, caracterizado por encenações referentes a épocas como Natal, Carnaval, Quaresma, época junina, etc. Como exemplo, temos: Pássaros Juninos (gênero melodrama fantasia) e peças teatrais em homenagem à Virgem de Nazaré. A seguir, nasceu o Teatro de Revista, trazido a Belém pelo Grupo de Teatro Arthur Azevedo. Em 1919, nasceu o Teatro dos Estudantes, realizado nas escolas, tendo como artistas professores e alunos. Era um Teatro que se caracterizava pela simplicidade de recursos e por não ter grande apelo popular.

Em 1941, surge uma escola de Teatro: a Norte Teatro, com a produção em destaque de Margarida Schivasappa.

Em 1958, esteve em cartaz a peça teatral “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, montada pelo Grupo Norte Teatro.

Em 1963, o Padre e ator Cláudio Barradas viu sua ideia efetivada, haja vista que foi criada a Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará. A partir deste evento, o Teatro paraense ganha novo significado, nova expressão e novas maneiras de se fazer Teatro, em Belém.

Em 1979, foi fundado o Teatro Experimental Waldemar Henrique, em um prédio histórico, construído em 1912, no qual havia funcionado anteriormente um cinema e um museu comercial. Neste mesmo ano, em janeiro, foi criada a FESAT, (Federação Estadual de Atores, Autores e Técnicos de Teatro), em Belém do Pará.

Nos anos 80, foi criado um dos mais relevantes grupos de Teatro do Pará: o Grupo Experiência, sob a direção de Geraldo Salles. E, junto com ele, foi criado um grande espetáculo de teatro, intitulado “Ver-de-ver-o-peso”, um texto pertencente ao gênero Comédia, que retrata a realidade dos feirantes da cidade de Belém, com suas histórias engraçadas, tristes, alegres, sempre recheadas de poesia e crítica social. O Teatro Experimental do Pará Waldemar Henrique passou por muitas reformas. Em uma delas, em 2012, sob a direção de Salomão Habib, ficou fechado por 1 ano e 9 meses, para se aperfeiçoar. Mais ou menos oitocentos mil reais foram usados para esta recuperação do teto, do forro e da restauração de algumas peças do patrimônio artístico e histórico.

## **CAPÍTULO 2- ANÁLISE SEMÂNTICA DA OBRA SEVERA ROMANA, RESGATANDO E RETRATANDO A CULTURA PARAENSE, NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX**

A obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, é possuidora de amplos valores: literário, histórico, linguístico, cultural e educacional. A relevância deste trabalho reside no fato de que “Severa Romana” é um texto dramático, o qual resgata a história real da jovem Severa Romana.

As inúmeras histórias dos milagres foram recolhidas nos anos 70, com a finalidade de ser alcançada uma possível beatificação. A Igreja Católica teve interesse em canonizá-la, após a sua morte. Só não o fez em virtude de terem esbarrado em um detalhe burocrático: não foi encontrada a sua certidão de nascimento.

Severa Romana Ferreira foi uma jovem cearense que morava em Belém do Pará, no ano de 1900. Ela tinha 19 anos e era casada com um soldado do décimo quinto Batalhão de Infantaria do Exército, chamado Pedro Cavalcante de Oliveira. O casal era pobre e morava em um quartinho alugado, na casa de uma senhora chamada Joana Maria Gadelha. Severa era constantemente assediada sexualmente pelo Cabo do Exército do Ceará, Antônio Ferreira dos Santos, o qual havia sido transferido do Ceará ao Pará, e era colega de trabalho de seu esposo.

O Cabo Ferreira, como era chamado, era um homem violento, alcoólatra, falso e vulgar. Para aproximar-se de Severa, ele alugou um espaço na mesma casa onde ela morava. E, certo dia, quando Pedro estava trabalhando no quartel, o Cabo ficou sozinho com a vítima e resolveu assediá-la seriamente, objetivando ter com ela uma relação sexual, mesmo ela estando com nove meses de gravidez. Ela não cedeu aos apelos em defesa da honra. Então, ele pegou um canivete e matou-a, golpeando-lhe as costas, barriga e pescoço.

Este foi o segundo crime bárbaro contra a mulher, no Estado do Pará. O primeiro foi referente a uma moça, também vítima de tentativa de estupro, chamada Maria Bárbara. O crime contra Maria Bárbara ocorreu em 1800 e o crime contra Severa Romana aconteceu em 1900.

Cem anos de diferença. Todavia, com algumas semelhanças: ambas eram mulheres de soldados, estavam grávidas, eram lavadeiras, fiéis aos esposos, morreram em defesa da honra e foram assassinadas em final de século.

Todos os anos, no dia 2 de novembro, Dia de Finados, a sepultura de Severa Romana, um sepulcro surpreendentemente simples, localizado no cemitério de Santa Izabel, lápide 25-762, recebe inúmeros fiéis, os quais lhe presenteiam com flores, velas, placas com agradecimentos escritos sobre graças alcançadas e oferendas das mais diversas. Segundo crenças populares, todos esses presentes lhe são oferecidos por causa dos milagres realizados pela intercessão desta jovem que morreu defendendo a sua honra.

A obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, é uma obra extremamente relevante à história do Pará, não somente por recontar um pouco da trajetória de vida de uma mulher, mas por ser uma obra de valor historiográfico, no que se refere à linguagem popular e regional, com grandes marcas de oralidade; por registrar costumes, crenças e tradições; e por mostrar toda uma cultura de final do século XIX e início do século XX.

Neste capítulo, há uma análise semântica, sobre a obra “Severa Romana”, peça teatral de Nazareno Tourinho e, em se tratando de uma análise a ser executada, vejamos um dos inúmeros conceitos e comentários sobre o verbo “analisar”, extraído do relevante livro “Compreensão e produção de textos”:

Analisar é dividir um conjunto a fim de descobrir e revelar os elementos de seu todo, bem como especificar as relações desses elementos entre si. O trabalho de análise comporta, portanto, a divisão de um todo em partes, com o objetivo de melhor compreensão do todo. O trabalho analítico aplicado à compreensão de texto implica a separação das ideias principais das secundárias. Isso envolve um trabalho cognitivo sobre as estruturas sintáticas, o vocabulário, a construção dos parágrafos e o conteúdo do tema em foco. Além disso, devem-se considerar aspectos ideológicos que sempre estão presentes nos textos e o confronto do texto com outros que tratam do mesmo assunto. (Souza & Carvalho, 2014, p. 21 e 22).

E, em se tratando da palavra “semântica”, leiamos o que se encontra no excelente livro “Manual de semântica”:

Quando se fala em estudos do significado, o que vem logo à mente das pessoas é a palavra semântica. E é exatamente assim que a grande maioria dos livros didáticos de português e dos livros teóricos sobre linguística define a semântica: o estudo do significado. (Oliveira, 2017, p. 13).

Exatamente por valorizar a semântica da fala popular paraense, Nazareno Tourinho retratou a linguagem de uma época, em sua dramaturgia, e a eternizou, através de sua obra, com as características linguísticas coloquiais, expondo a polissemia do idioma com excelentes marcas de oralidade.

Até o presente momento, não se tem documentada nenhuma análise semântica da obra “Severa Romana” de Nazareno Tourino, tendo esta tese o caráter inédito. Faz-se relevante o conhecimento de expressões e palavras contidas na obra de uma determinada época, para a construção deste capítulo. A pesquisadora desta tese amparada na obra “Severa Romana”, realizou o seguinte estudo.

Foram analisadas semanticamente 450 palavras e/ou expressões utilizadas, no final do século XIX, na obra de Severa Romana, as quais foram organizadas de forma enumerada e os trechos onde elas aparecem foram selecionados, obedecendo à sequência do alfabeto brasileiro para melhor efeito didático.

Dos 450 vocábulos ou expressões analisadas 350 estão nos apêndices desta tese. 100 dessas palavras ou expressões, serão apresentadas a partir do próximo parágrafo. Vejamo-las então, através dos seguintes trechos, extraídos da obra “Severa Romana”, segundo Tourinho (2014, p. 115 à 176).

TRECHO A - “Diacho! Não chegava o reumatismo, ainda mais este pigarro me azucrinando. (Descobre a vassoura, dirige-se para a sala, faz menção de dizer algo à Severa, que ali se encontra, arrepende-se, inicia a varrição, depois de um tempo interrompe o serviço e fala.) Como vai esta barriga? Tenho um palpite que pego essa criança muito antes do que vocês esperam. (Severa responde com um gesto vago.) Conversa alguma coisa, criatura, nunca vi ninguém tão retraída e caladona. Nessa boca não entra mosca?...” (p. 115).

01- A palavra “diacho” é uma forma eufemística, usada pelas pessoas paraenses da época, para que se evitasse falar o vocábulo “diabo”. As pessoas eram extremamente religiosas e não se sentiam bem em usar esta palavra, pois acreditavam que quanto mais o falante usava a palavra “diabo”, mais ele (o falante) atraía este elemento para a sua vida. Portanto, era preferível amenizar a força semântica maléfica da palavra. Assim, em vez de “diabo” usavam “diacho”.

02- O verbo “chegar”, neste contexto, não era sinônimo de “vir”; não representava nenhuma ação relacionada ao ato de caminhar. A palavra era simplesmente usada no sentido

de “bastar”: “Não chegava o reumatismo, ainda mais este pigarro me azucrinando.”. Semanticamente falando, temos: Não bastava o reumatismo, ainda mais este pigarro me azucrinando.

03- Outra expressão de época é a utilização da palavra “azucrinando”. Este vocábulo derivou de “azucrim”, entidade diabólica e molesta; pessoa importuna, apoquentadora, amofinadora. (Aurélio Ferreira, 1982). Atualmente, usamos outras expressões com o mesmo valor semântico, como: “perturbando”, “enchendo o saco”, “aborrecendo”.

04- Outra marca de oralidade desta época era a utilização da expressão “tenho um palpíte”. Esta expressão era utilizada em alternância com a expressão “Tenho pra mim”, muito utilizada, a partir do início do século XX.

05- “Tenho um palpíte que pego essa criança muito antes do que esperam.”. Nesta oração, há um costume popular de 1900, bem diferente dos costumes atuais. “Pegar uma criança”, significava o nascimento desta, através das mãos de uma parteira, fato que não ocorre mais, nas grandes cidades, como Belém do Pará e outras. Temos registro deste fato, ainda e somente, em algumas cidades do interior do estado. Todavia, isto ocorre muito raramente.

06- “Nessa boca não entra mosca?” é uma expressão que retrata o laconismo de alguém, ou seja, apresenta uma pessoa calada, fechada ao diálogo. É uma expressão coloquial que perdura, até os dias de hoje. Refere-se ao provérbio atual, popular e análogo: “Em boca fechada não entra mosca.”, para demonstrar o perigo que há em se falar, sem pensar; um perigo que pode provocar atritos entre pessoas por algo que se diga precipitadamente.

TRECHO B - “Ficar viúva como eu. Viúva e doente, dando consumição aos outros, tendo de viver atamancando.” (p. 115).

07- A utilização deste último vocábulo deriva do verbo “atamancar” que significa consertar ou remendar toscamente. Ela, a personagem, usa este termo referindo-se ao fato de estar viúva, doente e ter que sofrer, dando trabalho aos outros, que acabam lhe ajudando a consertar seus males de uma forma sofrível. Em pleno século XXI, não se ouve mais o vocábulo “atamancando”. A propósito, muitos leitores nunca ouviram ou leram esta palavra, a não ser na obra de Nazareno Tourinho, o que confere à obra um caráter linguístico historiográfico.

TRECHO C - “Com honra ou sem honra, Nosso Senhor devia era livrar deste vale de lágrimas toda criatura sem valia, traste inútil como eu. Enfim, vasilha ruim não quebra...” (p. 115).

08- Com esta expressão “vasilha ruim não se quebra”, Nazareno está perpetuando um dito popular que é pronunciado por nós, ainda nos dias atuais, da seguinte forma: “Vaso ruim não quebra.”. E, quando esta expressão não fizer parte de nossa oralidade, certamente ela eternizar-se-á em sua obra e na vida de todos os que tiverem acesso a esta belíssima e relevante dramaturgia.

TRECHO D - “Tem alguma complicação para deslindar? Pois se está no mato sem cachorro, desembuche.” (p. 116).

09- Estar no mato sem cachorro significa estar em apuros. Refere-se aos costumes dos caçadores, os quais, em final do século XIX, ao adentrarem em um matagal ou floresta para realizarem atividades de caça, sempre levavam um cão farejador e protetor, para que este os ajudasse. Caso contrário, enfrentariam apuros, sem o animal. E é outra expressão da época, ainda utilizada em nossos dias.

TRECHO E – “(Espanta-se; nota-se que a revelação deixa-a descontrolada.) É mesmo??? Nunca bispei isso. E olhe que sou macaca velha...” (p. 116).

10- “Bispar” é um verbo que está em desuso, atualmente, no linguajar coloquial belenense. Significa visualizar de longe.

11- Quanto à expressão “macaca velha”, ainda a utilizamos e significa pessoa experiente. Pelo simples fato de se considerar que quanto mais idade se tem, mais experiência se adquire.

TRECHO F - “Vôte! Não caia nessa asneira. Boca de siri.” (p. 116).

12- A primeira palavra é uma interjeição regional que era utilizada para expressar repulsa, repugnância. Atualmente, está em desuso. Apenas algumas pessoas bem idosas ainda a utilizam.

13- A expressão “boca de siri”, neste contexto em que alguém a utiliza no imperativo, sugere que o elemento interlocutor se mantenha calado, em silêncio, sem contar algo a outra pessoa. E é uma expressão metafórica que compara a boca de uma pessoa, quando está fechada

(calada) com a boca do animal chamado siri, devido ao fato da boca deste animal ser bem pequena e também por ser resistente, ao segurar, em seu interior, um alimento.

TRECHO G - “Acho que o escovado do Cabo Ferreira querer namorar você debaixo deste teto, nas ventas do seu marido, vai...” (p. 116).

14- O adjetivo referente ao Cabo Ferreira, “escovado”, na gíria popular do início do século XX, significava alguém ladino, manhoso, esperto, matreiro. Este termo encontra-se obsoleto, atualmente.

15- A expressão “vosmecê” é a famosa apócope de uma outra expressão: “vossa mercê”, a qual, com o passar dos tempos, pela lei do menor esforço, sofreu uma redução, no falar do povo brasileiro. Hoje, ela já não mais existe, haja vista que continuou sofrendo modificação e como resultado, atualmente, temos o pronome de tratamento “você”, que por uma questão de lógica poderá, um dia, ser registrado pela forma “cê”. E as gramáticas possivelmente falarão o seguinte sobre esta palavrinha: “pronome de tratamento, monossílabo tônico, resultante da expressão “vossa mercê”. Observe a evolução: vossa mercê >vosmecê >você > cê.

16- A expressão “nas ventas de seu marido” significa “na frente de seu marido”, “aos olhos de seu marido”, uma expressão que pouco se usa, nos dias atuais. A palavra “venta” é uma derivação da palavra “ventana”, do latim, e que significa: lugar por onde passa o vento. Esta mesma palavra é usada, em espanhol, e significa “janela”. Em língua portuguesa, é sinônimo de “nariz”, lugar por onde passa o ar, o vento. Atualmente, a palavra é usada muito raramente e geralmente pelos mais idosos, acima de 70 anos.

TRECHO H - “O melhor é não bater com a língua nos dentes. O melhor é se conservar caladinha, não soprar coisíssima nenhuma a seu marido. Se mais tarde ele vier a saber, por portas e travessas, você nem se dá por achada, alega que não percebeu qualquer saliência da parte do Cabo Ferreira.” (p. 116).

17- Nesta fala, percebemos uma expressão popular que significa que o melhor é não falar o que não se deve a alguém. Trata-se de uma frase popular ainda falada, nos dias de hoje; porém, esta expressão é falada pelas pessoas mais velhas. Os jovens já não a usam mais. Aos poucos, esta estrutura linguística está sendo extinta. Todavia, através da literatura de Nazareno Tourinho, ela está sendo imortalizada, contribuindo de forma extremamente relevante com a educação e cultura de todos que tiverem acesso a esta obra dramaturgica.

18- A expressão “por portas e travessas” sugere ser sinônima de “por outras pessoas ou através de outros informantes”. Origina-se da expressão “por portas travessas”, que significa: fazer as coisas de forma pouco clara, às escondidas. Portas travessas são as portas secundárias de uma casa. Por exemplo: a porta do quintal, uma determinada porta lateral, a porta da cozinha ou outra porta qualquer sem ser a principal, de entrada. Na obra, o significado é “se mais tarde ele vier a saber por outras pessoas, por pessoas secundárias”.

19- A expressão “nem se dá por achada” significa que a pessoa deve se fazer de desentendida. Ambas são expressões que, em pleno século XXI, já não são mais usadas; porém, estão sendo imortalizadas através da historiográfica dramaturgia Tourinheana.

TRECHO I - “É perigoso. Seu marido pode imaginar que esse coirão se embeçou por você porque... porque você lhe deu confiança.” (p. 116)

20- O vocábulo “coirão” Trata-se de uma gíria de época; possui um aspecto semântico único, em Belém do Pará. Um significado que não se encontra registrado em dicionários. Significa, quase pejorativamente, uma espécie de moleque maroto, garoto treloso. No contexto da peça teatral “Severa Romana”, significa “malandro”, “sagaz”, “espertalhão”.

21- Outro vocábulo quase extinto, pelo menos nas grandes cidades, é “embeçou” que significa “se interessou sexualmente, apaixonou-se, enamorou-se”. Hoje, esta gíria é substituída por outra: “ficou a fim”. Assim, se esta frase fosse pronunciada, numa contextualização coloquial atual, pronunciá-la-íamos assim: “É perigoso. Seu marido pode imaginar que esse coirão ficou a fim de você porque você lhe deu papo.” Note que a palavra confiança foi transformada por uma gíria atualizada (papo), o que comprova a polissemia da Língua Portuguesa, assim como comprova, também, que todo idioma é um processo evolutivo.

TRECHO J - “Desculpe, não desejei ofender. É que, pelo sim pelo não, a gente carece ser prevenida. Seguro morreu de velho, desconfiado ainda vive. Se lembra da Paquita? Aquela que casou atrás da porta? Disque ela quis tirar uma linha com o tapioqueiro, nem lhe digo: quando o amante deu em cima foi um fuzuê danado, a infeliz levou uma pisa que passou uma semana no azeite de andiroba.” (p. 117).

Estas cinco linhas acima representam uma das falas da personagem Joana. Cinco poucas linhas, mas que representam uma grande riqueza de expressões coloquiais de época e marcas de oralidade do povo paraense.

22- A expressão “Seguro morreu de velho, desconfiado ainda vive” demonstra que nós devemos ser cautelosos, para que não haja arrependimentos futuros e para que as pessoas não sofram por falhas que poderiam ser evitadas.

23- “Casar atrás da porta” significa um casamento feito às pressas e obrigado por terceiros, pelo fato de o ato sexual ter sido consumado, antes da cerimônia propriamente dita, símbolo de um ato íntimo precipitado que poderia ter sido evitado. A expressão “atrás da porta” simboliza o ato de se esconder atrás de algo, de um segredo. Significa que algo não está às claras.

24- “Tirar uma linha” é uma gíria e, nos dias atuais, poderíamos substituir pelas expressões (que também são gírias): “tirar uma onda”, “curtir”.

25- “Dar em cima” é uma gíria que significa investir sexualmente em uma pessoa, com intenções de conquista amorosa.

26- “Disque” é uma expressão coloquial, marca de oralidade que, se fôssemos substituir por um sinônimo culto, teríamos “Dizem que”. Como podemos perceber, trata-se de um parágrafo rico semanticamente e linguisticamente falando; um retrato fiel do português falado pelos nossos belenenses do início do século XX, nossos caboclos brasileiros.

TRECHO K - “Aceite, Severa, aceite, eu tenho experiência de vida. Mulher quando se preza não deve assuntar com o marido certas estórias. Guarde o seu recato até a maré baixar; o Cabo Ferreira acaba se desvanecendo por obra e graça do tempo.” (p. 117)

27- A repetição da palavra verbal “aceite”, neste contexto, refere-se a uma insistência semântica, com a intenção de convencer alguém a fazer algo.

28- Outra expressão de época é “assuntar”, como sinônimo de “conversar”, expressão que não representa o hábito do falante da Língua Portuguesa, em nossa contemporaneidade, haja vista que está obsoleta.

29- Analisemos a oração imperativa: “Guarde o seu recato até a maré baixar”. Sabemos que a expressão em destaque é uma metáfora correspondente a “até a poeira sentar”. Ambas significam “calmaria”, ausência de problemas evidentes. São rarissimamente usadas, hoje.

TRECHO L - “Abusa nada: Formiga sabe o pau que rói...” (p. 117).

30- Eis uma expressão que está em fase de extinção. Os jovens que nasceram da década de 80 em diante, certamente entendem o seu significado pelo contexto. Todavia, não a utilizam, no campo da oralidade. O significado corresponde à ideia de que alguém conhece muito bem a sua realidade. Mostra que, mediante determinado contexto, a pessoa não é ignorante a respeito de outrem ou de uma situação qualquer.

TRECHO M - “(Conclui a varrição da sala cantarolando, numa tentativa de superar ou disfarçar a preocupação.)

Sapo cururu,  
Da beira do rio,  
Quando o sapo canta  
Maninha  
É porque tem frio.  
A mulher do sapo,  
Deve estar lá dentro  
Fazendo rendinha  
Maninha...

(Sai ao encontro de Severa na cozinha.) Eu sei que quem muito quer saber mexerico quer fazer; mas porém... (Titubeia, encabulada.) Você... nunca deu mesmo trela pro Cabo Ferreira?” (p. 117).

31- Este provérbio popular (Quem muito quer saber mexerico quer fazer.) mostra a curiosidade de certas pessoas que se interessavam pela vida dos outros com a finalidade de construir comentários nocivos e destrutivos, o que, atualmente, chamamos “fofoca” e é uma das expressões de época, registrada e eternizada, na obra de Nazareno Tourinho.

32- Observemos o sentido do vocábulo “trela”, neste contexto: “dar confiança, estabelecer vínculo de conversas, criar reciprocidade numa relação a dois”. Se a expressão fosse atualizada para o falar coloquial, nos dias de hoje, teríamos: “...nunca deu mesmo papo (ou bola) pro Cabo Ferreira?”

33- O trecho em versos trata-se da letra de uma música popular, sem autor definido, considerada uma cantiga de roda ou uma canção de ninar. Antigamente, as mães cantavam esta musiquinha, embalando o bebê, na rede, no berço ou no colo. As crianças maiores cantavam

esta canção, também, em suas brincadeiras de roda, que eram brincadeiras muito poéticas, nas quais todos se davam as mãos e, em círculo, giravam cantando e, às vezes, fazendo determinadas coreografias.

TRECHO N – “(Pressurosa) Não é que eu não deposite fé na sua honestidade, compreende? É que...pinoia! Às vezes quanto mais a gente enquizilha com uma perna de calça, mais tem vontade de grudar o olho nele. Tentação do capeta. Eu sei como são essas coisas, sou vivida. Olha, o meu finado marido não era um babaquara, com ele escreveu não leu, pau comeu; pois bem: apesar da afoiteza do Diquito eu sentia uma gana de me pôr na janela toda boquinha da noite, quando o mingauzeiro passava. Era o danisco do mingauzeiro passar e eu ali na janela, rente como pão quente. Pois o homenzinho não encasquetou que eu tinha interesse nele?” (p. 118).

34- Em relação ao vocábulo “pinoia”, trata-se de uma palavra, na obra, que corresponde a uma interjeição. Hoje, esta palavra é usada raramente e somente pelas pessoas que possuem mais de 70 anos de idade. Corresponde a uma outra interjeição, contemporânea e usada nacionalmente: “Caramba!”.

35- O vocábulo “enquizilha” possui uma conotação especialíssima, neste contexto. Significa ter uma certa aversão, no sentido de encrencar com alguém. Este aspecto semântico não está registrado em dicionários. E a utilização desta palavra com este significado está em desuso.

36- A expressão “grudar o olho nele” significa ter uma atração incontrolável por alguém. É uma metáfora de época e que já não é mais proferida da forma como o era, em 1900.

37- A expressão “escreveu não leu, pau comeu” denota uma pessoa que possui um caráter explosivo, austero, radical. Significa: “Quem ouve a ordem e não obedece é punido.” Ainda é usada, nos dias de hoje.

38- “Boquinha da noite” representa o momento inicial da noite, as horas finais da tarde. Trata-se de uma metáfora usada, ainda hoje, pelas pessoas mais antigas e que vivem em cidades do interior do Pará. Em Belém, a expressão não é mais usada.

39- A expressão “rente como pão quente” significa “pontualmente”. Faz referência ao fato de que as padarias sempre costumavam produzir pão em uma determinada hora, de forma imutável. O comprador habituava-se ao horário e comer pão quentinho implicava obedecer ao

horário estipulado de uma determinada padaria. Foi escolhido o termo “pão quente”, também, por uma questão de rima, haja vista que a última sílaba do vocábulo “rente” rima com a última sílaba do vocábulo “quente”, dando uma espécie de comicidade à expressão, a qual ainda é usada pelos falantes da Língua Portuguesa com mais de setenta anos.

40- “Encasquetar” significa acreditar radicalmente e insistentemente em uma ideia; acreditar de uma forma imutável. Outra palavra que retrata a veemente oralidade de final do século XIX.

TRECHO O - “Conte tudo, tím-tim por tím-tim, bote tudo em pratos limpos, não estou puxando pra trás. Porém se o seu marido resolver tomar as dores com o Cabo Ferreira, se os dois brigarem e um deles esticar as canelas, recorde que eu avisei...”. (p. 118)

41- A expressão “tím-tim por tím-tim” significa “detalhe por detalhe”. Trata-se de uma expressão metafórica coloquial da Língua, usada até os nossos dias.

42- “Botar tudo em pratos limpos” corresponde ao ato de dizer as verdades, esclarecendo tudo. Retrata um linguajar que ainda não foi extinto de nosso falar coloquial paraense.

43- “Puxar pra trás” significa discordar, tentando destruir uma ideia ou algo que já estava resolvido ou em andamento.

44- “Tomar as dores” significa fazer alguma reclamação com terceiros, colocando-se ao lado da pessoa atingida. É o mesmo que tomar partido, diante de uma situação problemática.

45- “Esticar as canelas” é um eufemismo que significa “morrer”, pouco utilizado, nos dias atuais.

TRECHO P - “Pois é em homem pacato que mulher inteligente não se fia...”. (p. 118).

46- Este último vocábulo (fia) significa “confia”, “tem fé”.

TRECHO Q - “ (Judiciosa, convencida) Não se vexa... Ninguém perde por esperar.”. (p. 118).

47- Antigamente, a expressão “Não se avexe”, praticamente não possuía sinônimo correspondente no plano da oralidade. Era uma expressão muito falada em Belém, no ano de 1900. Hoje, já é substituída por outras, como: “Não se apresse”, “Não se afobe”, etc..

TRECHO R - “(Fita Severa, entendendo que todos os seus argumentos foram ineficazes para demovê-la do intento.) Como você está tão cúria para entornar o caldo, vou fazer uma confissão: tenho medo que me pelo de escândalo. Se o seu marido e o Cabo Ferreira virarem a frege esta biboca, eu agarro os meus breguêssos e perna pra quem te quer! Não tenho meu umbigo enterrado onde haja barulho.” (p. 119).

48- No parágrafo acima, há uma pluralidade semântica enriquecedora, não apenas à peça teatral “Severa Romana”, mas a uma sociedade que tem acesso a esta obra, haja vista que qualquer leitor ou espectador da dramaturgia de Nazareno Tourinho, verá retratada a sociedade belenense do século XIX e início do século XX, com seus costumes, tradições e falares de época. O vocábulo “cúria”, neste contexto, significa uma extrema ansiedade sentida por alguém; um desejo irreprimível de se tomar uma determinada atitude. No dicionário, a palavra significa “impaciente”, “irrequieto”, “que não para”.

49- A expressão “entornar o caldo” significa consumir uma confusão, briga; significa expor um problema e revelar o seu desfecho.

50- A expressão “tenho medo que me pelo de escândalo” é uma espécie de hipérbole. Neste contexto, exprime o exagero do medo de alguém.

51- “Virar a frege” significa fazer um grande escândalo, provocar uma grande briga. A palavra “frege”, no dicionário, significa “desordem”, “briga”, “barulho”, “bagunça”.

52- O vocábulo “biboca” significa uma casinha velha, ou pobre; um casebre; em determinados contextos, pode significar um estabelecimento desorganizado.

53- “Breguêssos” é um vocábulo que nomeia toda sorte de objetos que alguém possui; geralmente, se usa para objetos velhos ou pobres, com baixo valor monetário. No caso da obra, a personagem, de fato, era uma mulher extremamente pobre. Daí a utilização do termo.

54- A expressão “Pernas pra quem te quer!” representa o ato de correr. Uma metáfora usada, ainda, nos dias atuais.

55- “Não tenho o meu umbigo enterrado onde haja barulho.” Esta construção é uma metonímia (parte pelo todo). “Umbigo” representa a própria pessoa que fala. A palavra “barulho” é uma metáfora que simboliza “briga”, “confusão”, “escândalo”. O vocábulo “enterrado” representa uma catacrese linguística. Como podemos ver, trata-se de uma simples

construção; porém, rica de figuras de linguagem. Uma construção que não é mais usada contemporaneamente. Todavia, Nazareno Tourinho faz este brilhante resgate, o que contribui bastante com a nossa educação linguística e semântica, comprovando que a Língua Portuguesa é, de fato, um processo evolutivo.

TRECHO S - “Não disse isto. Você me perdoa, mas é que sou covarde, nasci assim. Prefiro perder os cobres do aluguel, prefiro curtir fome, amanhecer e anoitecer o dia com chibé... (Regressa à sala, apanha a vassoura e efetua a limpeza do quarto; ouve-se um ruído característico de comida queimando; acorrem as duas ao fogão; Severa retira uma panela do fogo e esmiúça o seu conteúdo.) (p. 119).

56- A utilização da palavra “cobres” era referente a uma gíria de final do século XIX. Referia-se a dinheiro.

57- “Chibé” era uma comida feita pelos paraenses que não tinham um bom poder aquisitivo. Em determinadas situações, essa comida era oferecida a quem estivesse doente e fraco, haja vista que era feita com farinha, água e sal. E esta mistura fortalecia quem estava fraco, com baixa resistência. Ainda hoje se conhece este prato; Todavia, ele é desprezado pela classe média e alta. Somente nas classes baixas da sociedade ele ainda é feito, isto em raríssimas situações.

TRECHO T – “Vou comprar umas postas de peixe frito. Na quitanda tem piramutaba. O Cabo Ferreira é arisco para comer, não se contentará com esta boia. Arre! Até parece que jogaram caninga em cima de nós.” (p. 119).

58- “Quitanda” é como eram chamados os locais de venda de comidas e frutas, no início do século passado. Não havia supermercados. Eram “quitandas” ou “tabernas”, palavras que hibernam nos dicionários e não mais ocupam a mente do falante da Língua Portuguesa do século XXI. Este registro é de suma importância para os falantes de nosso idioma. Nazareno Tourinho eterniza o nosso passado histórico.

59- “Piramutaba” é um peixe de nossa região e, através da utilização desta palavra, o autor registra nossos costumes alimentares, o que vem a ser um relevante registro, enriquecendo a educação e cultura de todos que tiverem acesso a esta obra.

60- “Arisco” é sinônimo de “desconfiado”, “arredio”, “esquivo”, “esperto”.

61- A palavra “boia” é uma gíria passadista que significa “comida” e expressa uma maneira simples do falar de nosso povo paraense, quando se referia a almoço ou jantar. A expressão ainda é usada, geralmente, pelos falantes com mais de 70 anos ou pelos que vivem em cidadezinhas do interior do estado.

62- “A palavra “arre” é uma interjeição usada, geralmente, para expressar insatisfação, susto, raiva etc. Atualmente, há uma expressão análoga, na linguagem coloquial. Trata-se da palavra ‘Afe’. Ambas as palavras, por serem interjeições, são seguidas por um ponto de exclamação, na linguagem escrita.

63- “Caninga” refere-se à cultura religiosa trazida ao Pará pelos africanos. Representa um feitiço causado por um mau olhar, ou por uma inveja, ou ódio que alguém direcionou a outrem.

TRECHO U – “Você não acredita em pussanga, caçoa muito da Vizinha, porém uma coisa eu lhe asseguro: se fizer aquele banho de priprioca, receita da Vizinha para descarregar o corpo, o Cabo Ferreira lhe deixa de mão. Dou o meu braço a torcer se ele não deixar.” (p. 119)

64- “Pussanga” deriva do tupi, “poçang” e significa “medicamento caseiro”, “mèzinha”.

65- “Priprioca” é uma planta de nossa região, da qual se faz perfumes e, de acordo com as superstições de nosso povo, afasta as más influências de espíritos perturbadores.

66- “Lhe deixa de mão” é uma expressão coloquial que significa “lhe esquece”, “para de lhe perseguir”, “para de lhe chatear.”

67- “Dar o braço a torcer” significa “admitir que estava errada”.

TRECHO V - “Sem banho de priprioca, sem a pajelança da Vizinha, a partir de hoje o Cabo Ferreira me dará sossego, nem que o mundo desabe.” (p. 119).

68- “Pajelança” é uma palavra utilizada para qualquer forma de macumbaria ou feitiçaria e deriva do vocábulo “Pajé”, “feiticeiro”.

69- “Priprioca” é uma erva pertencente à família ciperácea. É perfumada e medicinal. De sua raiz exala uma fragrância amadeirada com aspectos florais. É um perfume tradicional da região Amazônica. O óleo dessa planta tem cor avermelhada e é valorizado na indústria farmacêutica e cosmética. Através da obra em questão, temos uma visão das ervas amazônicas que fazem parte da região Norte brasileira.

TRECHO X - “Na minha cabeça não desabarará... (Resignada, vencida.) Só penso é os dois se emboletarem, se darem pancada... (Súplice) Severa, tome sentido. O tiro pode sair pela culatra.” (p. 120).

70- “Emboletar” é um verbo que, neste contexto, significa a união de corpos, numa briga desenfreada.

71- “O tiro pode sair pela culatra” é o mesmo que afirmar que algo idealizado pode dar errado, prejudicando a própria pessoa que o idealizou.

TRECHO Z - “Assim seja, sou um trapo velho, sem eira nem beira, não tenho apego à existência, porém desejo morrer tranquila na minha rede de tucum. E lhe confesso, pela derradeira vez: se houver um furdúncio aqui, do seu marido com o Cabo Ferreira, tenha a santa paciência - a Joana Maria Gadelha vai plantar a sua macaxeira noutra roça, volto somente quando a pororoca tiver asserenado.” (p. 120).

72- A expressão “sem eira nem beira” é popular e se refere a alguém muito pobre, que não tem recurso nenhum. A gênese encontra-se em Portugal: “eira” era um espaço livre, o quintal; “beira” era como chamavam o beiral da casa. Assim, quem não tem eira nem beira, não possui nem casa, nem quintal.

73- Quando se lê que a personagem “quer morrer tranquila na sua rede de tucum”, pode-se afirmar que o autor eterniza os costumes nortistas de dormir em rede. Em Belém do Pará, algumas redes eram produzidas através de uma árvore chamada Tucum, palmeira nativa da região amazônica, cujo nome científico é *Astrocaryum Vulgare* (*Bactris Setosa*). Este tipo de rede é produzida através da palha da Carnaúba, desfiada de forma artesanal, o que representa os costumes de nosso povo.

74- “A Joana Maria Gadelha vai plantar a sua macaxeira noutra roça.” Trata-se de uma metáfora que se refere ao fato de alguém abandonar outrem ou uma determinada situação; nos remete ao fazer de um povo. Nesta época, as pessoas costumavam plantar para terem o seu próprio sustento. Plantavam, também, para vender e, assim, viver com mais recursos. Os mais humildes trabalhavam na roça e a macaxeira era um dos principais produtos comercializados.

75- A palavra “derradeira” significa “última” e é uma palavra pouco usada, atualmente. E muito usada, no século XX.

76- Furdúncio significa “confusão”, “bagunça” e era um vocábulo muito usado, na primeira década do século XX. Hoje, é pouco utilizado pelos falantes da Língua Portuguesa.

77- O Vocábulo “pororoca” é utilizado pelas pessoas da região Norte do Brasil, fazendo referência a um fenômeno natural muito conhecido: Trata-se de uma expressão de origem indígena e significa “estrondo”, “barulho”, provocado pela natureza.

TRECHO W – (Entra à direita, desinibida e espalhafatosa, a despeito da idade avançada; traz uma cuia petinga com açaí e entrega à Severa.) “Toma, mulher, está fresquinho, amassei agorinha, mata o teu desejo. Por falta de açaí ninguém perde filho nessa terra. (Vislumbra um tamanco emborcado, endireita-o.) Tamanco ou sapato emborcado chama azar, minha gente.” (p. 120).

78- Quando a personagem fala sobre o “açaí”, o autor eterniza uma de nossas bebidas típicas. O açaí é uma bebida não alcoólica, extraída do fruto de uma palmeira. Antigamente, o açaí era amassado com as próprias mãos da pessoa que produzia a bebida. Hoje, já há uma máquina apropriada para a realização deste trabalho. O açaí é tomado com ou sem açúcar e com farinha d’água. Todavia, atualmente, as pessoas preferem tomá-lo com uma farinha especial, chamada farinha de tapioca. Esta bebida faz parte do cardápio de todos os paraenses.

79- “Tamanco ou sapato emborcado chama azar, minha gente.” Através desta afirmação o escritor ressalta uma superstição passadista e atual que expressa o valor negativo de se observar um sapato, sandália ou tamanco emborcado. Quando isto ocorre, a pessoa supersticiosa acredita que a mãe vai morrer. Então, a tendência é a pessoa desvirar o calçado, colocando-o na posição correta. Com isto o autor eterniza nossas superstições, como o faz em várias passagens da obra. Assim, os descendentes de todos os que hoje vivem poderão ter acesso a nossa cultura, à cultura de nossas raízes: um valioso processo para a educação de um povo.

TRECHO Y - “Por falar em sangue fizeram o que eu mandei?” (Inspecciona o lado interno da porta da rua.) Joana Gadelha, Joana Gadelha, deixa de ser desleixada. Corta o pé duma galinha e com o sangue dela faz uma cruz atrás dessa porta, pra afastar o Tinhoso. Olha que eu tenho o corpo fechado, chorei na barriga da minha mãe, mas nem por isso me esqueço de resguardar a minha casa contra as influências das trevas. (p. 120).

80- De acordo com as superstições da época, “cortar o pé de uma galinha e com o sangue fazer uma cruz atrás da porta”, afastava o Diabo, o qual era chamado de Tinhoso, por uma questão eufemística. Trata-se de uma superstição ligada a várias religiões existentes.

81- “Ter o corpo fechado” significava ser forte espiritualmente ao ponto de não ser atingido por nenhuma influência negativa. Ainda hoje se usa esta expressão por pessoas supersticiosas ou pertencentes a alguma religião afro-brasileira. É usada, também, por pessoas que creem no Espiritismo, doutrina originária da França (século XIX), que tem como representante Allan Kardec (1804-1869).

82- “Chorar na barriga da mãe” é um fato lendário. Acredita-se que, quando uma criança chora na barriga da mãe, é porque ela, a criança, possui dons espirituais.

83- A palavra “trevas”, neste contexto, significa o Diabo e todos os anjos maus que o acompanham à realização da principal tarefa que executam, no planeta Terra: destruir o ser humano, criado por Deus. O vocábulo é usado como uma expressão eufemística, simbolizando o respeito que as pessoas tinham por Deus, a ponto de substituir a palavra “Diabo” por outra menos chocante, menos ofensiva.

TRECHO A.1 - “Sabe qual é o ‘assunto delicado’? Vizinha, estou num beco sem saída, metida numa barafunda medonha. Imagine que ontem, depois do jantar, o Cabo Ferreira me falou para alugar a ele esta sala. Eu concordei, um dinheirinho a mais não dá frieira, disse cá com os meus botões. Não faz mal o Cabo Ferreira morar aqui, se já come e bebe conosco e a Severa lava até a roupa dele. Que mal faz, se Pedro não se importa, se os dois são como unha e carne?” (p. 121).

84- “Estar num beco sem saída” é uma metáfora que representa estar passando por um problema que não possui solução.

85- “Barafunda” é um vocábulo coloquial que significa confusão, problema, situação de conflito. Vocábulo não mais utilizado em nossos dias.

86- A expressão “um dinheirinho a mais não dá frieira” está em total desuso e significa que um dinheiro a mais que alguém possa receber não causa problema. Sendo “frieira” um problema de saúde, uma inflamação na pele, causando bolhas e rachaduras, trata-se de uma ironia com as palavras e consiste em atribuir ao texto um tom de brincadeira.

87- A expressão “Disse cá com os meus botões” origina-se do fato de que, antigamente, as roupas eram cheias de botões. E as pessoas, quando abriam ou fechavam esses botões, geralmente estavam sozinhas ou em um momento muito particular. Daí o fato de dizer ou pensar com os seus botões ser o mesmo que dizer algo sozinha, em pensamento, em profunda reflexão ou em uma intimidade particular.

88- “Ser como unha e carne” é o mesmo que afirmar que alguém é extremamente íntimo ou amigo de outrem. Esta expressão é usada até os dias de hoje.

TRECHO B.1 - “Não é boa bisca, eu sei, não vale três vinténs. Descobri isso há dois minutos.” (p. 121).

89- “Não ser boa bisca” significa não ser uma pessoa de bom caráter.

90- A palavra “vintém” equivale a uma antiga moeda brasileira que valia 20 réis.

TRECHO C.1 - “Agora é tarde, Inês é morta. Dei ontem a minha palavra, alugando para o Cabo Ferreira esta sala, desde hoje, e sabe a novidade? Vigie só: ele anda querendo namorar a Severa, entendeu-porque-entendeu de conquistar a coitada, mesmo ela estando barriguda.” (p. 121).

91- Esta expressão “Agora é tarde, Inês é morta” refere-se ao romance proibido de Dom Pedro com a dama de companhia, Inês de Castro, no século XIV. Ele era filho de Dom Afonso IV, rei de Portugal. Dom Pedro foi obrigado a casar-se com Constança, mas ele amava a empregada de sua esposa, a Inês de Castro. Eles acabaram tornando-se amantes e houve um grande escândalo, na corte. Inês, devido a isso, foi exilada pelo rei, no castelo de Albuquerque, na fronteira castelhana; mas eles continuaram a se corresponder. Quando Constança morreu, Dom Pedro ordenou que Inês voltasse a Coimbra para viverem juntos. Todavia, o rei ficou furioso. Um dia, Dom Pedro saiu a caçar e o rei mandou degolar Inês. Pedro ficou desesperado. Ele vingou-se dos assassinos arrancando-lhes o coração com as próprias mãos. Dom Pedro mandou coroar Inês, cinco anos após a morte dela, pois jurava que havia se casado escondido com ela e ela era, portanto, uma rainha. Colocou o corpo dela no trono, pôs uma coroa em sua cabeça e obrigou toda a corte a beijar a mão do cadáver. Mas, de nada adiantou, pois era tarde, Inês estava morta. Desse ocorrido foi gerada a frase: “Agora é tarde, Inês é morta.”

92- “Vigie só” é uma expressão bem cabocla, muito falada no interior do Pará, que significa “preste atenção”.

93- A expressão “entendeu-porque-entendeu” significa a insistência imutável de alguém em realizar um propósito.

94- “Barriguda” era como se chamava a mulher, quando ela estava grávida. Até o século XX ainda se usava esta expressão.

TRECHO D.1 - “Santa Bárbara.” (p. 121).

95- Quando a personagem invoca o nome de um santo ou santa, o autor demonstra a religiosidade das pessoas, eternizando os aspectos culturais em direção à educação de um povo.

TRECHO E.1 - “O pau vai chingar!” (p. 121).

96- Esta expressão é uma metáfora que significa “haverá confusão, problemas ou brigas.” O substantivo “pau” está sendo usado no sentido de “briga, confusão, conflito”. O verbo “chingar” significa “repreender”, “dar um puxão de orelha”.

TRECHO F.1 - “Se pegue com São Jorge, que é santo forte.” (p. 121).

97- As pessoas católicas acreditavam que São Jorge era um santo extremamente forte e, quando se recorria a ele, logo as bênçãos eram recebidas. Atualmente, os católicos creem que todos os santos são fortes e as bênçãos são alcançadas mediante à fé.

TRECHO G.1 - “A vontade que tenho é de tomar um chá de sumiço antes das coisas ficarem pretas, antes da porca torcer o rabo.” (p. 121).

98- “Tomar um chá de sumiço” significa sumir por longos dias.

99- Quando se fala na possibilidade “das coisas ficarem pretas”, ressalta-se a ideia da possibilidade dos acontecimentos ficarem problemáticos e difíceis. Usa-se o vocábulo “preto” para dar ideia de negatividade, de problema, de confusão.

100- A expressão “antes da porca torcer o rabo” origina-se do comportamento dos suínos. Quando eles se estressam, eles enrolam ou torcem o rabo e partem para cima do inimigo, principalmente quando querem defender os filhos. A expressão significa que se trata de um momento crucial, relacionado a um problema; o momento principal e mais difícil de um conflito: o clímax.

## 2.1 Projeto comentado do filme “Severa Romana em Tese”

O cinema, segundo Cagliari (2010, p. 6), “Na sua função mais básica, nada mais é do que a realização do objetivo de quem escreve”. Eis o roteiro cronológico das cenas do filme ao qual foi baseado na obra de Severa Romana”, obra esta escrita por Nazareno Tourinho e organizada em livro por Martins (2014, p. 115 à 176) e sistematizada pela pesquisadora deste estudo.

**Tomada I (Interna):** (Nazareno Tourinho, dramaturgo que escreveu a obra “Severa Romana”, contando o início da história de Severa Romana, em sua casa. Ele conta a história de Severa Romana, através de uma sinopse, sem contar o final. Em seguida, a história é mostrada, através das cenas do filme).

**Nazareno Tourinho (Narrador)** – O fato aconteceu no dia 2 de julho do ano de 1900. Severa Romana era uma moça pobre, nascida no Maranhão. Tinha 19 anos e morava em Belém do Pará, na Rua João Balbi. Ela estava grávida de nove meses. Morava num quartinho alugado, numa casa muito pobre de uma Senhora chamada Joana Gadelha, e trabalhava como lavadeira pra ajudar o marido, um soldado do exército, chamado Pedro Cavalcante de Oliveira, de 22 anos, nascido no Rio Grande do Norte. No quartel, Pedro conheceu o Cabo Ferreira, que era cearense e tinha 39 anos. Era um sujeito sem escrúpulos, mau caráter e se apaixonou pela Severa Romana.

**Tomada II (Externa):** (Severa Romana sai de casa, com uma trouxa de roupa na cabeça. Para em um riacho. Começa a lavar as roupas. Demonstra muito cansaço, em virtude de sua gravidez).

**Tomada III (Interna):** (O Cabo Ferreira conversa com o soldado Pedro. Ele insinua de forma cínica que o soldado Pedro poderá estar, naquela noite, detido, no quartel).

**Cabo Ferreira** – Onde está Severa?

**Pedro** – Severa foi ao riacho, lavar roupa.

**Cabo Ferreira** – Vosmecê é um cabra de sorte... Severa é uma mulher bonita!

**Pedro**– É verdade. Minha mulher Severa é realmente uma mulher muito linda e virtuosa, mesmo.

**Cabo Ferreira**- Tenho uma notícia pra lhe dar: Tome tento no quartel, pra num ficar detido!

**Pedro**– Mas, por que vosmecê está me dizendo isso?

**Cabo Ferreira**– Nada não. É apenas uma desconfiança!

**Pedro**– É... Seguro morreu de velho, desconfiado ainda ficou...

**Tomada IV (Interna):**

**Cabo Ferreira:** Qual é a boia, hoje?

**Joana:** Açai com jabá! Tá daqui, oh!!!

**Cabo Ferreira -** E minha Severa? Onde está minha Severa?

**Joana**– Hmmmmm... Ela risca já aí!

**Cabo Ferreira -** Vosmecê podia bem assuntar, nas oiças de Severa, mode ela dormisse comigo hoje...

**Joana-** Pinóia! Vosmecê encasquetou com isso! Vosmecê não é boa bisca!

**Cabo Ferreira:** (Gritando, expulsando-a de sua própria casa.) Velha cascavel! Eu te mato, hoje! (Joana, com medo, sai de casa, em direção à casa da vizinha.)

**Tomada V (Interna):**

(Joana está na cozinha. A Vizinha chega. Elas conversam sobre o assédio do Cabo Ferreira contra Severa. A Vizinha diz que sente uma energia negativa, na casa.)

**Vizinha**– Ó, de casa! Já tô adentrando! E com o pé direito!

**Joana**– Vizinha, eu tô metida num beco sem saída, numa barafunda medonha! Imagina que o Cabo Ferreira anda maneirando a Severa... Encasquetou de conquistar a coitada, mesmo barriguda.

**Vizinha**– Aquele Cabo Ferreira... Aquilo num vale vinte réis! (música misteriosa)

**Joana**– O que foi, Vizinha?

**Vizinha-** Tô sentindo que essa casa tá é carregada... Mas pra toda essas encrenca, o remédio infalível é uma defumaçozinha. Ah! Se vosmecê soubesse o valor dessas buginganga, vosmecê num vivia assim, aí na pindaíba, não. Mas, num se avexe, cumadre, num se avexe, não! Que eu vou trazer um tajá curado, pra cá, que é pra mode proteger a Severa e pra mode proteger o ambiente...

**Tomada VI (Interna):** (Vizinha entra com o pé de tajá. Ela e o Cabo Ferreira discutem, na sala.)

**Cabo Ferreira**– Onde vosmecê pensa que vai, velha?

**Vizinha**– Tou indo ao Teatro Politheama! Mas, antes, passei aqui, que é pra mode deixar esse tajá curado, aqui, pra Severa! (Irônica) E eu já bispei o que tá acontecendo. Tô sabendo do seu

assuntozinho delicado com a Severa... Mas a Severa vosmecê num desencabeça, que é porque ela tem juízo!

**Cabo Ferreira**– Pois fique sabendo que, se Severa fraquejar, eu dou o bote! E num adianta trazer esse tal de tajá curado pra cá não, visse?!

**Vizinha**– Pois o tajá curado vai ficar é aqui, que é pra mode proteger o ambiente!

**Cabo Ferreira**- Velha dos seiscentos diabo!!! (Vizinha faz o sinal da cruz, com a mão direita, como se o estivesse desconjurando, e sai.)

**Tomada VII (Externa):** (Crianças, adolescentes e a Comadre Maria Antônia brincam de roda, cantando.)

Música de roda: “Capelinha de melão, é de São João  
É de cravo, é de rosa, é de manjeriço  
São João está dormindo, não acorda não  
Acordai, acordai, acordai João...”

(Vizinha se aproxima.)

**Vizinha**– Vôte!!! Comadre Maria Antônia? Por aqui, ainda essas hora, comadre ? olhe, comadre, se avexe, viu? se avexe que lá vem é chuva!

**Maria Antônia**– Estamos brincando de roda! Hoje é Dia de São João!

(A roda se dissolve. Uns brincam de bola, outros brincam com cavalinhos de madeira e outros conversam.)

**Criança 1**– Espia só, Vizinha! Que fogueira linda que nós fizemos!

**Vizinha**– Hmmm... Já bispei! Meus parabolas! Mas se avexe, meu filho. Se avexe, viu? Se avexe porque é perigoso ficar aqui a essa hora! Olhe, disque aparece Matinta Perera!

**Criança 2**– Armaria, Vizinha! Credo! Eu tenho medo que me pelo de Matinta Perera!

**Vizinha**– Hmmmmmmm...

**Criança 3**- E hoje eu bispei Xincuçã, três vezes!

**Criança 4**- Credo! Isso não dá azar?!?

**Criança 5**– E, por falar em azar, hoje eu bispei um tamanco emborcado, na casa da Dona Joana!

**Vizinha**– Afe Maria! Pinoia! Tamanco emborcado, Xincuçã! Isso é sinal de mau agouro... E o pior, o pior, comadre, olhe: Hoje, Xincuçã cantou 3 vezes!

**Maria Antônia**– E Xincuçã, quando canta, é sinal de desgraça!

**Vizinha**– Ah...Tomara! Mas, tomara mesmo, que o maldito Cabo Ferreira seja o escolhido! É... sabe por quê, comadre? Porque vaso ruim num se quebra! Mas ele há de quebrar! (Barulho

de trovão, relâmpago) Eita, que lá vem toró! É trovão demais! Vamos embora, comadre! Vamos embora, mulher, vamos, vamos embora, todo mundo, rápido, que lá vem é chuva!

(Todos se retiram juntos, numa mesma direção.)

**Tomada VIII (Interna):** (Severa Romana e Pedro conversam, no interior da casa de Joana. Ela insinua que o Cabo Ferreira é um mau caráter. Ela está com uma péssima intuição e Pedro tenta tirar essa ideia da cabeça dela.)

**Severa**– Pedro, afasta de mim esse Cabo Ferreira!

**Pedro**– Tens tanta antipatia por ele, Severa... Eu não entendo. Por quê?

**Severa** – Esse Cabo Ferreira é um sujeito sem escrúpulo! Não vês como ele me trata?

**Pedro**– (Sorrindo) Mas é para ser agradável a mim que ele te trata dessa forma. Vive elogiando tua beleza e te pondo nas alturas. Por favor, entenda!

**Severa**– Pois, na tua ausência, ele não me respeita.

**Pedro**– Mas é a ignorância. A ignorância que faz com que o Cabo Ferreira seja um sujeito assim: desbocado. (Severa demonstra chateação e tristeza. Ambos ficam em pé.) Não se avexe. Eu nunca vou deixar nada de ruim lhe acontecer. (Pedro a abraça.)

**Tomada IX (Interna):** (O Cabo Ferreira está sozinho, na casa. Severa chega.)

**Severa**– Pedro já chegou?

**Cabo Ferreira**– Não. Hoje ele não vem. Tá detido.

**Severa**– E comadre Joana?

**Cabo Ferreira**– Ah... Ora! Discuti com ela. Foi ali na casa da Vizinha, coisá! Vosmecê tá uma belezura! (pegando-a pelo braço)

**Severa**– Me largue, seu indigno!

**Cabo Ferreira**– Esta noite é minha. Só eu e vosmecê, mais ninguém. Temos toda a liberdade do mundo!...

**Severa**– Endoideceu, foi? Vou arrumar minha bagagem e vou dormir na casa de Maria Antônia.

**Cabo Ferreira**– Severinha, não faça isso, Severinha! Eu lhe dou perfume, lhe dou broche de ouro, vestido de seda, todos os luxo do mundo!

**Severa**– Seu atrevido! Eu tenho nojo de vosmecê!

**Cabo Ferreira**- Tem nojo, num é? Mas hoje nós dorme junto! Ou não me chamo Cabo Ferreira!

**Severa**– (Gritando) Não!!! (Dá um tapa no rosto do Cabo Ferreira.)

**Cabo Ferreira**- (Puxando uma navalha.) Tá vendo? Navalha afiada como essa, Severa, não foi feita pro meu gogó!

**Severa-** Não faça isso! Eu lhe suplico! Não por mim, mas por meu filho!

**Cabo Ferreira-** Não! (Dá uma gargalhada) Se vosmecê não for minha, não será de mais ninguém. (Ele a mata com algumas navalhadas).

(Severa cai no chão. A Vizinha vê, de longe, a cena e grita.)

**Vizinha-** (Voz da Vizinha em off) Não mata a mulher, desgraçado!!!

**Cabo Ferreira:** O que fiz com ela eu faço com vosmecê!

(Ele joga o canivete no chão, chuta o pé de taja e foge. Severa agoniza e morre. No mesmo instante, uma vela se apaga.)

**Tomada X (Interna):** (Nazareno Tourinho finaliza a história.)

**Nazareno Tourinho (Narrador)** –Severa morreu em defesa da honra. Hoje está sepultada no Cemitério de Santa Isabel e é considerada por alguns católicos como uma Santa Popular. Uma mulher que foi o berço e o túmulo do seu único filho.

Com base neste roteiro, citado e demonstrado, nos parágrafos anteriores, o filme curta-metragem “Severa Romana em Tese” foi resultado de um projeto executado no Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros, para representar a parte prática referente a este trabalho de tese. Teve a duração de dez meses, iniciando em 1º de fevereiro até 1º de novembro de 2015.

O local utilizado para os ensaios foi a Sala de Teatro e Música do CTRB. Os atores foram professores, uma diretora e alunos pertencentes ao Ensino Fundamental e Médio do Colégio.

Através deste relevante projeto objetivou-se ler, compreender, interpretar e analisar a dramaturgia de Nazareno Tourinho, assim como divulgar e revitalizar o aprendizado, experimentação e apresentação do fazer teatral e cinematográfico, interpretando personagens, com base na obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho.

Como exercícios, os participantes do projeto leram a obra escrita, classificada como peça teatral e intitulada “Severa Romana”, assistiram a um filme homônimo, foram promovidos debates a respeito da obra, assim como trabalhou-se a leitura dramatizada, recital de poesias, exercícios corporais, técnicas para aperfeiçoar a dicção (“Quando o Fernando Sétimo usava paletó...” / “O sapo não lava o pé...”, etc.), técnicas para aperfeiçoar a concentração (“O meu chapéu tem três pontas...”), na busca de proporcionar aos alunos da escola, funcionários e ao público de modo geral a oportunidade de conhecer, experimentar e apreender uma obra que faz

parte tanto do repertório universal quanto do nacional e regional, uma vez que a formação do aluno do Ensino Fundamental deve estar alicerçada na formação global e não unilateral.

E, em se tratando do aprendizado cinematográfico-teatral, os educandos tiveram noções básicas de teatro, no que se refere à origem do teatro e sua história, desde Atenas, na Grécia, até os dias de hoje, dando-lhes uma visão teórica geral do Teatro e sua evolução, no mundo, assim como também lhes foram dadas todas as noções conceituais a respeito dos principais elementos teatrais e cinematográficos: “teatro”, “personagem”, “texto”, “palco”, “plateia”, “iluminação”, “cenário”, “figurino”, “rubrica”, “sonoplastia”, “marcação”, “coxia”, “deixa”, “set”, “câmera”, “edição de imagens”, “gruas”, etc.

De posse de todos os principais elementos teóricos, o aluno recebeu aulas práticas de teatro e cinema, através da utilização e execução de jogos teatrais, valorizando a improvisação e tendo como base os jogos da Viola Spolin, aplicados à realidade de cada educando, visando ao fazer teatral didático, no colégio.

Todos os conhecimentos teóricos e práticos, no campo do fazer cinematográfico-teatral, culminaram com apresentações do filme em que o aluno apresentou à plateia os resultados de um trabalho artístico, transmitindo cultura, arte, prazer estético e deleite cinematográfico-teatral.

Em relação à ficha técnica, assinaram os seguintes nomes abaixo:

**Direção Geral:** Ângela do Céu;

**Roteiro:** Ângela do Céu;

**Cenário:** Ângela do Céu;

**Preparação de elenco:** Ângela do Céu;

**Assistente de Direção:** Nelson Oliveira;

**Figurino:** Carlos Henrique;

**Adereços de figurino:** Miracy Vasconcelos;

**Apoio Cenográfico:** Carmem Batalha;

**Elementos cenográficos:** Ângela do Céu e Urubatam Castro;

**Criação e confecção de adereços cênicos:** Urubatam Castro;

**Sonoplastia:** Urubatam Castro;

**Câmera:** Tadeu Henrique e Thaianne Santos;

**Edição de imagens:** Tadeu Henrique e Thaianne Santos;

**Direção de arte:** Tadeu Henrique e Thaiane Santos;

**Direção de fotografia:** Thaiane Santos;

**Elenco principal:** Ângela do Céu (Interpretando: Vizinha Raimunda Cardoso de Freitas Pinto); Poliana Caramuru (Interpretando: Severa Romana Ferreira); Roseane Gonçalves (Interpretando: Dona Joana Maria Gadelha); Urubatan Castro (Interpretando: o Assassino, Cabo Antônio Ferreira dos Santos); Victor Barros (Interpretando: Soldado Pedro Cavalcante de Oliveira);

**Elenco coadjuvante:** Alexandre Veloso Pampolha (Interpretando: Criança 4); Lucas Bittencourt (Interpretando: Criança 2); Matheus Martins Furtado (Interpretando: Criança 3); Raí de Almeida Gomes (Interpretando: Criança 1); Tarcila Maria Vasconcelos (Interpretando: Comadre Maria Antônia); Vytor Almeida (Interpretando: Criança 5).

**Elenco figurante:** Ângela Beatrice Vasconcelos; Daysa Martins; Manuella Soares; Vítor Augusto Bezerra de Castro.

**Participação especial:** Nazareno Tourinho (Escritor da peça teatral “Severa Romana”), Interpretando: Narrador do Episódio).

O filme possui a duração de 15 minutos e baseia-se na peça teatral, escrita por Nazareno Tourinho. Sendo assim, ele narra de forma ficcional e cinematográfica a história verídica de Severa Romana, que foi uma jovem cearense que morava em Belém do Pará, no ano de 1900. Ela tinha 19 anos e era casada com um soldado do décimo quinto Batalhão de Infantaria do Exército, chamado Pedro Cavalcante de Oliveira.

O casal era pobre e morava em um quartinho alugado, na casa de uma senhora chamada Joana Maria Gadelha. Severa era constantemente assediada sexualmente pelo Cabo do Exército do Ceará, Antônio Ferreira dos Santos, o qual havia sido transferido do Ceará ao Pará, e era colega de trabalho de seu esposo.

O Cabo Ferreira, como era chamado, era um homem violento, alcoólatra, falso e vulgar. Para aproximar-se de Severa, ele alugou um espaço na mesma casa onde ela morava. Certo dia, quando Pedro estava trabalhando no quartel, ele ficou sozinho com a vítima e resolveu assediá-la seriamente, objetivando ter com ela uma relação sexual, mesmo ela estando grávida, com nove meses. Ela não cedeu aos apelos, em defesa da honra. Então, ele pegou um canivete e matou-a, golpeando-lhe a barriga, costas e pescoço.

Este foi o segundo crime bárbaro contra a mulher, no Estado do Pará. O primeiro foi referente a uma moça, também vítima de tentativa de estupro, chamada Maria Bárbara. O crime contra Maria Bárbara ocorreu em 1800 e o crime contra Severa Romana aconteceu em 1900. Cem anos de diferença. Todavia, com algumas semelhanças: ambas eram mulheres de soldados, estavam grávidas, eram lavadeiras, fiéis aos esposos, morreram em defesa da honra e foram assassinadas em final de século.

Todos os anos, no dia 2 de novembro, Dia de Finados, a sepultura de Severa Romana, um sepulcro surpreendentemente simples, localizado no cemitério de Santa Izabel, lápide 25-762, recebe inúmeros fiéis, os quais lhe presenteiam com flores, velas, placas com agradecimentos escritos sobre graças alcançadas e oferendas das mais diversas.

Todos esses presentes lhe são oferecidos por causa dos milagres realizados pela intercessão desta jovem que morreu defendendo a sua honra, assim acreditam muitas pessoas de diversas religiões, em especial, da Católica.

A obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, é uma obra extremamente relevante à história do Pará, não somente por recontar um pouco da trajetória de vida de uma mulher considerada Santa Popular, vista como heroína, por ter morrido defendendo a honra, mas por ser uma obra de valor historiográfico, no que se refere à linguagem popular e regional, com grandes marcas de oralidade; por registrar costumes, crenças e tradições; e por mostrar toda uma cultura de final do século XIX e início do século XX.

Por esta razão, o filme em questão possui relevante valor literário, artístico e historiográfico. Faz alusão à cultura de um determinado período de tempo e resgata costumes, crenças, superstições e marcas de oralidade linguística de uma época: final do século XIX, mais precisamente no ano de 1900, em Belém, Pará, Brasil.

No filme, durante as palavras iniciais do narrador, aparece a primeira cena da narrativa (Tomada II), a qual mostra a protagonista saindo de casa, com uma trouxa de roupa na cabeça. Ela para em um riacho e começa a lavar as roupas, demonstrando cansaço por estar grávida. Com esta cena, o filme resgata uma profissão que está em extinção, nos grandes centros. A profissão da lavadeira, tão comum no século XIX e início do século XX, quando não havia ainda a máquina de lavar.

Na tomada III, através da fala do Cabo Ferreira (-Tenho uma notícia pra lhe dar: Tome tento no quartel, pra num ficar detido!), há algumas marcas de oralidade, ligadas à pronúncia que caracteriza a fala coloquial, como por exemplo: “num”.

Há, ainda, no decorrer do filme, a expressão “vosmecê”. Esta marca de oralidade está em desuso e é resultado de uma evolução, no campo da oralidade linguística, haja vista que esta palavra ou expressão coloquial é o resultado da seguinte evolução: “vossa mercê” < “vosmecê” < “você” < “cê”. Este último vocábulo (cê) é uma marca de oralidade bem atual (século XXI). Isto prova que a língua portuguesa é um processo evolutivo e dinâmico.

Ainda nesta mesma tomada, na fala seguinte do personagem Cabo Ferreira (-Nada não. É apenas uma desconfiança!), percebe-se que, pela colocação do advérbio de negação, após o pronome indefinido, registra-se uma característica regional nordestina, pois o personagem era cearense e trazia consigo características dos falares de sua região.

Na sequência desta cena, há o registro de um provérbio popular: “Seguro morreu de velho, desconfiado ainda ficou...”, perpetuando, assim, este dito popular, que passa de geração a geração.

Na tomada IV, na fala do Cabo Ferreira, há a seguinte estrutura: “-Qual é a boia, hoje?”. Isto mostra uma gíria de época (a palavra “boia”), expressão pouco utilizada em nossos dias, cujo sinônimo era “baco-baco” (outra gíria) e significava “comida”.

Em seguida, na fala da personagem Joana, aparece a estrutura: “-Açaí com jabá! Tá daqui, oh!!!”. Neste registro, há uma amostragem da culinária paraense (açaí com jabá) que, antigamente, era uma alimentação muito usada pelas pessoas com menos recurso financeiro, por ter um preço acessível.

Hoje, em 2022, esta mesma alimentação é considerada cara. O açaí agora é consumido mais pelas pessoas de classe média e alta e os pobres já não podem consumir diariamente, como acontecia no final do século XIX. A expressão “Tá daqui, oh!!!” é pronunciada pela comadre Joana e ela, simultaneamente à fala, faz um gesto, apertando a ponta da orelha com os dedos polegar e indicador. Esse gesto significava que a comida era saborosa.

Atualmente, só as pessoas com mais de 70 anos ainda possuem esse gestual, que é um costume de época. E o curta-metragem registra e eterniza essas marcas de nosso povo paraense.

Analisemos os seguintes trechos: “- Vosmecê podia bem assuntar, nas oiças de Severa, mode ela dormisse comigo hoje... / - Pinóia! Vosmecê encasquetou com isso! Vosmecê não é boa bisca!”. Nestas falas do Cabo Ferreira e comadre Joana, respectivamente, percebem-se grandes marcas de oralidade regional: o verbo “assuntar”, que está em desuso e significa “conversar”, “falar de um assunto”; o substantivo “oiças”, em lugar de “ouvidos”; a expressão “pra mode ela dormisse comigo” que seria sinônima de “para que ela pudesse dormir comigo”;

novamente a expressão “vosmecê”, que se encontra em desuso e significa “você”; e a expressão “não é boa bisca”, uma gíria de época que significava “não possui boa índole”.

Na tomada V, a personagem Vizinha diz o seguinte: “Ó, de casa! Já tô adentrando! E com o pé direito!”, demonstrando uma superstição de nosso povo brasileiro, a qual perdura até hoje. As pessoas creem que entrar em um recinto com o pé direito dá sorte e atrai acontecimentos positivos.

Em seguida, a comadre Joana diz o seguinte: “Vizinha, eu tô metida num beco sem saída, numa barafunda medonha! Imagina que o Cabo Ferreira anda maneirando a Severa... Encasquetou de conquistar a coitada, mesmo barriguda.”.

A expressão “num beco sem saída” é uma metáfora popular e significa um conflito difícil de se resolver; Usamo-la, atualmente. Já a expressão “barafunda” significa “confusão”, “atrapalhação”, “embaraço”, “perturbação”. E já não é mais usada. E, quanto à palavra “medonha”, significa “funesta”, “assustadora”, “horripilante” e dela fazemos uso, nos dias de hoje. “Maneirando” é uma expressão que, na época da narrativa, significava “chegando-se de mansinho, de maneira sedutora”. O vocábulo “barriguda” (em desuso pelo público jovem atual) significa “grávida”.

Nas seguintes falas da Vizinha: “Aquele Cabo Ferreira... Aquilo num vale vinte réis! (música misteriosa)” / “Tô sentindo que essa casa tá é carregada... Mas pra toda essas encrenca, o remédio infalível é uma defumaçõzinha. Ah! Se vosmecê soubesse o valor dessas buginganga, vosmecê num vivia assim, aí na pindaíba, não. Mas, num se avexe, cumadre, num se avexe, não! Que eu vou trazer um tajá curado, pra cá, que é pra mode proteger a Severa e pra mode proteger o ambiente...” há uma riqueza e grande variedade de marcas de oralidade e características de um povo passadista. Vejamo-las:

“Réis” era o nome da moeda brasileira da época, um relevante registro, portanto; quando ela diz que a casa estava “carregada”, este termo traz uma informação relacionada às crenças religiosas de determinadas pessoas e religiões que afirmam sentir a presença de espíritos maus. “Carregada” significa algo mau, aquilo que não se vê, mas que se sente, na energia do espaço: a presença de seres das trevas.

Logo em seguida, ela cita o termo “defumaçõzinha”, que é a queima de ervas, com a finalidade de espantar os maus espíritos e purificar o ambiente. E o fato de a personagem usar o termo no diminutivo, mostra-nos um sufixo (inha) indicador de carinho, afetividade pela

crença, pelo objeto da crença; o vocábulo “buginganga”, ainda falado nos dias atuais, significa “quinquilharia”, “tralha”, “troço”; o termo “pindaíba” significa “sem dinheiro”, “falido”.

A seguir, ela fala que vai trazer um tajá curado à comadre Joana. O tajá (planta) curado é quando a planta é trabalhada nos mistérios da magia nativa, para proteger o ambiente, as pessoas e atraindo a felicidade. Isso denota o aspecto lendário e, ao mesmo tempo, ligado às credences populares e religiões advindas da África, as quais se instalaram no Brasil.

Na tomada VI, a Vizinha fala ao Cabo Ferreira que vai ao Teatro Politheama: “Tou indo ao Teatro Politheama! Mas, antes, passei aqui, que é pra mode deixar esse tajá curado, aqui, pra Severa! (Irônica) E eu já bispei o que tá acontecendo. Tô sabendo do seu assuntozinho delicado com a Severa... Mas a Severa vosmecê num desencabeça, que é porque ela tem juízo!” Este trecho resgata, com maestria, um relevante teatro que havia em Belém, no final do século XIX e início do século XX.

Em 1905, aparelhos e fitas, algumas coloridas, da casa Pathé Frère, de Paris, foram exibidas primeiramente no teatro Politheama e posteriormente no teatro Chalet, iniciativas do maestro Cincinato Ferreira de Souza. Pagavam-se as películas e as exibições se davam com um pequeno custo de pessoal recrutado na cidade. (Salles, 2012, n. p.).

Quando a Vizinha usa a expressão no diminutivo (assuntozinho), o sufixo (inho), denota aspecto pejorativo, uma tentativa de inferiorizar o perfil psicológico do Cabo Ferreira, já que, na história do filme e da peça teatral, eles são inimigos. Já a utilização do vocábulo “delicado” faz referência a um assunto proibido e “sujo”, fruto dos interesses sórdidos do Cabo Ferreira por Severa Romana.

O trecho finaliza com a utilização do verbo “desencabeçar”, o qual significa “convencer alguém a fazer algo errado”.

A fala seguinte do Cabo Ferreira (– Pois fique sabendo que, se Severa fraquejar, eu dou o bote! E num adianta trazer esse tal de tajá curado pra cá não, visse?!) mostra-nos uma expressão popular (dar o bote) que significa “investir na realização de algum ato”.

A continuação da fala mostra a falta de fé que o personagem demonstra ter, o deboche que ele sente pela fé da Vizinha, a qual possuía a crença de que um pé de tajá curado poderia

livrar pessoas de espíritos maus ou de alguma desgraça. Isto denota o ceticismo de uma parte da população pelas crenças oriundas da África.

Na sequência, o Cabo Ferreira, gritando, ofende a Vizinha (“Velha dos seiscentos diabo!!!”). Tourinho registra a falta de concordância nominal, como uma característica da linguagem oral; e o porquê da expressão remonta ao fato bíblico, o qual afirma que o número 666 é a marca da besta.

E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta. E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis. (Bíblia Sagrada. Apocalipse 13:15-18, 2017).

Na tomada VII, há uma cena extremamente lírica, na qual crianças, adolescentes e a comadre Maria Antônia brincam, cantando a música “Capelinha de Melão. Eis o trecho: “Capelinha de melão, é de São João / É de cravo, é de rosa, é de manjeriço / São João está dormindo, não acorda não / Acordai, acordai, acordai João...”.

Nesta cena, há o resgate de um costume antigo, uma brincadeira que, em nossos dias, não existe mais. A mesma caracterizava-se pelas seguintes ações: todos os participantes davam-se as mãos, em círculo, e juntos cantavam músicas popularmente chamadas de “músicas de roda”.

O filme faz o resgate da inocência, da pureza, da ludicidade, da liberdade que as pessoas tinham, antigamente, de brincarem à porta de suas casas, na rua, no tempo d’outrora em que não havia o medo da violência, estampada nos dias de hoje.

Em seguida, a Vizinha aproxima-se e fala, usando a interjeição d’outrora: “vôte!”, equivalente a nossa interjeição paraense atual (Égua!) e que, neste contexto, demonstra surpresa, espanto. Usa, ainda, a expressão antiga “se avexe”, no sentido de “se apresse”.

Neste filme, há o resgate do grande valor que havia, há tempos, em se homenagear São João, fazendo fogueira. Isto está expresso nas seguintes falas da personagem coadjuvante Maria

Antônia, interpretada pela atriz Tarcila Maria Gonzaga Vasconcelos e pelo personagem Criança 1, interpretado pelo aluno-ator Raí de Almeida Gomes: “Estamos brincando de roda! Hoje é Dia de São João!” / “Espia só, Vizinha! Que fogueira linda que nós fizemos!”.

Nesta última fala, a presença do verbo “espionar” (olhar) é também pouquíssimo usada, em nossos dias.

Nesta belíssima cena, recém descrita, enquanto as pessoas dialogam, algumas crianças brincam com cavalinhos de madeira, costume bem antigo, o qual o filme também resgata e registra.

Em seguida, temos as seguintes falas da Vizinha, da Criança 2, da Criança 3, da Criança 4, da Criança 5, e novamente da vizinha. Ei-las, respectivamente: “– Hmmm... Já bispei! Meus parabolos! Mas se avexe, meu filho. Se avexe, viu? Se avexe porque é perigoso ficar aqui a essa hora! Olhe, disque aparece Matinta Perera! / “- E hoje eu bispei Xincuçã, três vezes!” / “- Credo! Isso não dá azar?!?” / “– E, por falar em azar, hoje eu bispei um tamanco emborcado, na casa da Dona Joana!” / “– Afe Maria! Pinoia! Tamanco emborcado, Xincuçã! Isso é sinal de mau agouro... E o pior, o pior, comadre, olhe: Hoje, Xincuçã cantou 3 vezes!”.

Trata-se de um trecho polissêmico e riquíssimo de marcas de oralidade. O verbo “bispar” significa “olhar atenciosamente”.

Durante a década de 90, em Belém do Pará, era usado como gíria, no sentido de “espionar”. Hoje, está em desuso e aparece, nesta obra cinematográfica, como o registro de uma terminologia relevante de época. A palavra “parabolos” é considerada uma gíria passadista, a qual significava “parabéns”.

Em seguida, há um registro de um de nossos mitos mais belos e misteriosos: a “Matinta Perera”, personagem lendária: uma velhinha, aparentemente boazinha, mas que, em noites de lua cheia, transforma-se em bruxa, assobia de forma fina e estridente, e parte, voando em sua vassoura, atrás de tabaco para fumar, pedindo fumo a quem encontra pela frente.

Na época, representava o medo das crianças e de alguns adultos. As marcas de oralidade, anteriormente citadas, são as seguintes: “Disque” (Escreve-se “dizem que”) e “Armaria” (Escreve-se “Ave, Maria”).

Há o registro do medo referente à lenda de Xincuã, através da qual se lê que, quando Xincuã (ave agourenta) canta, é sinal de morte. Resgatam-se, assim, as credices populares nos mitos amazônicos.

O mesmo acontece com a superstição do tamanco emborcado. Dizem que, se o tamanco (ou qualquer calçado) está emborcado, significa que a mãe morrerá, em breve. Sendo assim, as pessoas daquela época (século XIX e XX) viviam a desemborcar os tamancos, sandálias e sapatos, porque ninguém queria a morte da própria mãe. Nesta superstição muitas pessoas ainda acreditam e vivem desemborcando os sapatos, até os dias de hoje.

Aparece, na fala da Vizinha, a utilização do vocábulo “Pinoia!”. Trata-se de uma interjeição, cujo sinônimo poderia ser “Caramba!”. Uma interjeição que, neste contexto, expressa um sentimento ruim de surpresa, ao constatar um mau presságio.

Após a personagem Maria Antônia ter falado que haverá desgraça, na certa, na fala seguinte da Vizinha, temos o seguinte: “– Ah...Tomara! Mas, tomara mesmo, que o maldito Cabo Ferreira seja o escolhido! É... sabe por quê, comadre? Porque vaso ruim num se quebra! Mas ele há de quebrar! (Barulho de trovão, relâmpago) Eita, que lá vem toró! É trovão demais! Vamos embora, comadre! Vamos embora, mulher, vamos, vamos embora, todo mundo, rápido, que lá vem é chuva! (Todos se retiram juntos, numa mesma direção).

Neste trecho acima, há relevantes registros, como o uso de um ditado popular (Vaso ruim não quebra.), cujo significado é a afirmativa de que as pessoas de má índole não morrem fácil.

No filme, há uma linda sonoplastia de trovão, anunciando a chuva que virá, o que dá ao filme uma característica da região Norte, já que os trovões fazem parte das características climáticas desta região.

Na tomada VIII, na fala do personagem Pedro, há a seguinte expressão: “te pondo nas alturas”, significando “te elogiando”, o que constitui uma característica do nível coloquial e figurado da Língua Portuguesa.

Na tomada IX, na fala do Cabo Ferreira, há um relevante registro de oralidade: “Foi ali na casa da Vizinha coisá.” Utilizavam-se as expressões: “coisa” (substantivo) e “coisar” (verbo), com a pronúncia “coisá”, para substituir alguma palavra cujo nome havia sido momentaneamente esquecido.

Eram, na verdade, termos substitutos. Ao final do filme, o assassino demonstra o machismo e mau caráter quando, antes de matar Severa Romana, ele grita: “Não! (Dá uma gargalhada) Se vosmecê não for minha, não será de mais ninguém.” (Ele a mata com algumas navalhadas).

Antes de sair, ele ainda chuta o pé de tajá, demonstrando o desprezo pela fé alheia. Severa agoniza e morre. No mesmo instante, uma vela se apaga.

Propositalmente, algumas concordâncias nominais e verbais da Língua Portuguesa possuem desvios linguísticos para mostrar a coloquialidade da Língua, em pleno final de século XIX.

Foi maravilhoso perceber-se a recepção de uma plateia sensível e dedicada à valorização do Teatro e Cinema. E isto faz lembrar os ensinamentos de Vygotsky, educador e dramaturgo, em que Dias, apud Vygotsky (2019, p. 145), propõe a palavra “recepção” como símbolo de um hermetismo cênico, singular e, ao mesmo tempo, plural, em que a mesma produção pode ter valores semânticos diferenciados, se analisada por pessoas diferentes.

Foi incrível também notar que as variadas recepções sempre serão subjetivas e dinâmicas, oferecendo uma gama de desmetaforização de uma mesma produção analisada, pois o Teatro e o Cinema jamais serão artes estáticas, mecanizadas e, sob nenhuma hipótese, tenderão a robotizar as ações do espectador atento e perspicaz.

Para Cavalcanti apud Konstantin Stanislavski (2014) “o ator deve assumir a problemática na qual sua personagem está envolvida e vivenciá-la, de forma que transmita sinceridade em suas ações e em seus sentimentos”. Ou seja, para Stanislavski, o ator tem que entrar em contato com seus próprios sentimentos, para fazer nascer o personagem, e este tem que ter vida própria. O ator abre mão de suas angústias, de sua personalidade, emprestando o corpo para o espírito do personagem.

## CAPÍTULO 3- MARCO METODOLÓGICO

### 3.1 Justificativa da investigação

Com os diversos problemas que a educação enfrenta, dentre eles a falta de destrezas dos alunos para o entendimento de obras literárias, pode-se dizer que este trabalho é de extrema relevância ao contexto educacional, uma vez que a obra “Severa Romana” possui diversas características que poderão auxiliar os discentes no desenvolvimento de habilidades pertinentes à compreensão da literatura.

A obra possui diversas características, dentre elas: a) “educativa”, haja vista que o texto resgata a linguagem de uma época, com seus valores semânticos e características regionais da linguagem escrita e falada, expondo preciosas marcas de oralidade da Língua Portuguesa; b) “histórica”, pois resgata os costumes de uma época, assim como fatos reais, ocorridos no final do século XIX e início do século XX; c) “cultural”, pois destaca aspectos ligados a crenças populares, superstições, costumes, tradições; d) “social”, pois focaliza aspectos ligados às relações humanas, ao machismo, à violência contra a mulher, sendo, portanto, relevante, também, aos docentes e a toda a comunidade escolar e acadêmica.

Com base em diversas leituras executadas, levamos muito em consideração os seguintes pensamentos científicos:

De modo geral, os levantamentos abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. Por essa razão, o mais frequente é trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo; [...] quando essa amostra é rigorosamente selecionada, os resultados obtidos no levantamento tendem a aproximar-se bastante dos que seriam obtidos, caso fosse possível pesquisar todos os elementos do universo. (Gil, 2002, p. 121).

A relevância deste trabalho reside, ainda, no fato de que a obra teatral “Severa Romana” é um texto dramático baseado em fatos reais, o qual resgata a verdadeira história do assassinato da jovem, considerada, após a sua morte, como uma Santa Popular para o povo de Belém do Pará.

As pessoas que acreditam em sua santidade, afirmam a veracidade dos milagres operados por ela, através de inúmeras histórias recolhidas nos anos 70, com a finalidade de ser alcançada uma possível beatificação.

E com este trabalho será oferecida a proposta de levar o conhecimento da dramaturgia de Nazareno Tourinho aos alunos do nono ano do Ensino Fundamental II do Colégio Tenente Rêgo Barros, através do texto teatral “Severa Romana” e do filme curta-metragem “Severa Romana em Tese”, tendo sido este realizado pelos alunos-atores, professores e diretora da própria escola, os quais interpretaram os personagens do filme, com a finalidade de fazer os educandos perceberem as mudanças culturais e educacionais sofridas por eles próprios, após terem acesso ao repertório cultural, transmitido pela obra teatral em questão, a qual pode ser considerada uma obra de historiografia: retrato da história do povo de Belém, Pará, Brasil.

A obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, é uma obra grandiosa em relação ao seu valor literário e é relevante à educação e à história de Belém-Pará-Brasil, não somente por relatar a trajetória de vida de uma mulher considerada Santa Popular, vista como heroína, por ter morrido defendendo a sua honra, mas por ser uma obra de grande valor historiográfico, no que se refere à linguagem e suas marcas populares de oralidade; por registrar costumes, crenças, superstições e tradições; e por mostrar toda uma cultura de final do século XIX e início do século XX.

### **3.2 Problema investigatório**

Sabe-se perfeitamente que os educandos, quando chegam aos espaços de uma instituição educacional, nunca chegam vazios. Eles trazem algumas bagagens culturais que adquiriram, ao longo de sua existência. Todavia, resta-nos questionar se aquele(s) determinado(s) aluno(s) possui conhecimentos prévios, os quais serão pré-requisitos para a compreensão de novos conhecimentos que lhe(s) serão ofertados.

Este problema investigatório foi desenvolvido exatamente em um contexto de análise, através da qual os 84 alunos pesquisados sofreram um acompanhamento investigativo da pesquisadora, a qual observou se eles possuíam ou não conteúdo prévio que lhes possibilitasse realizar uma análise semântica da obra em questão.

Este trabalho científico teve como destaque o seguinte problema: A educação linguística e literária ofertada no CTRB para os alunos do nono ano do Ensino Fundamental II oferece-lhes os pré-requisitos necessários para realizar uma análise semântica da obra “Severa Romana”?

Neste contexto, buscou-se saber o seguinte: Os alunos do Ensino Fundamental II do CTRB, do nono ano, possuem conhecimento linguístico e literário necessário para realizar uma análise semântica da obra *Severa Romana*?; Os alunos compreendem a importância dos benefícios artísticos, semânticos e culturais da obra “*Severa Romana*”?; O gênero dramático é relevante para a compreensão da Língua Portuguesa para os alunos do nono ano?.

Os objetivos que nortearam esta pesquisa foram:

**3.3 Objetivo Geral:** Verificar se os alunos do Ensino Fundamental II do CTRB, do nono ano, em 2020, possuem conhecimento necessário para realizar uma análise semântica da obra “*Severa Romana*”.

#### **3.4 Objetivos Específicos:**

-Identificar palavras e/ou expressões da peça teatral “*Severa Romana*”, de Nazareno Tourinho, enfocando a semântica da linguagem local conhecida pelos alunos;

-Descrever o conhecimento que possui o aluno sobre a obra “*Severa Romana*”;

-Relacionar as palavras e/ou expressões da obra “*Severa Romana*”, que fazem parte do campo semântico e da cultura do aluno;

-Compreender a importância dos benefícios artísticos, semânticos e culturais da obra “*Severa Romana*”, na visão discente;

-Propor a inserção da obra “*Severa Romana*”, no currículo de Língua Portuguesa, dos alunos de Ensino Fundamental II, do nono ano, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros.

#### **3.5 Desenho e caracterização da investigação.**

Esta pesquisa constitui-se em um conjunto de estudos correlacionados, buscando obedecer aos caminhos científicos, pois para Marconi & Lakatos (2011, p. 24):

Os aspectos técnicos da ciência podem ser caracterizados pela manipulação dos fenômenos que se pretende estudar, analisar, interpretar ou verificar, cuidando para que sejam medidos com a maior precisão possível. Portanto, o aspecto técnico da ciência,

corresponde ao instrumento metodológico e ao arsenal técnico que indica a melhor maneira de se operar em cada caso específico.

A pesquisa científica, pode-se dizer que, ao longo da história, configura-se nos estudos organizados de forma sistemática, sendo um estudo experimental ou não.

A pesquisa não-experimental é uma pesquisa sistemática e empírica, na qual as variáveis independentes não são manipuladas porque já ocorreram.

“As inferências sobre as relações entre variáveis se realizam sem intervenção ou influência direta, e essas relações são observadas tal como se deram em seu contexto natural”. (Sampieri, 2006, p. 225).

### 3.6 Tipo e enfoque da pesquisa

La investigación es entendida como un proceso de recopilación, análisis e interpretación de datos para dar respuesta a preguntas que se plantean. Pero para cumplir esta función, la investigación debe tener en cuenta una serie de características como son: ser controlada, rigurosa, sistemática, válida y verificable, empírica y tener un sentido crítico (con los procedimientos y técnicas utilizadas). (Campoy, 2018, p.39).

Com base na afirmativa de Campoy e no tema proposto, foram demonstrados e analisados os seguintes aspectos: características do gênero dramático e a origem do teatro; características da Língua Portuguesa oral e escrita de final do século XIX e início do século XX, com base na obra “Severa Romana”; crenças, religiões, costumes e tradições do povo paraense da referida época; efemérides biográficas do escritor Nazareno Tourinho; técnicas para coletas dos dados; procedimentos, técnicas de análise e interpretação dos dados da pesquisa.

Neste intuito, o Método utilizado neste trabalho científico, foi de **caráter Qualitativo** e com um **enfoque Descritivo Interpretativo**, pois:

A pesquisa Descritiva é caracterizada como o ato de descrever situações, acontecimentos e feitos, isto é, dizer como se manifesta determinado fenômeno, procurando especificar as propriedades, as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenômeno que se submeta à análise. (Sampieri, 2006, p. 101).

Com base nos escritos de Sampieri, observamos que o estudo descritivo caracteriza-se por selecionar, coletar e descrever questões e informações sobre o elemento pesquisado. No contexto desta pesquisa, descrevemos as características da Língua Portuguesa utilizada pelos falantes da cidade de Belém do Pará (Brasil) e seus aspectos semânticos relevantes, assim como valores, crenças, superstições e comportamentos sociais, existentes em final do século XIX e início do século XX.

Descritivo, portanto, é o tipo de estudo desenvolvido nesta pesquisa, haja vista que se busca focalizar as características regionais do Gênero Dramático da Literatura, através da leitura, compreensão, interpretação e análise da obra “Severa Romana”, peça teatral apresentada através de texto, filme curta-metragem, peça teatral filmada e aula expositiva, aos educandos do nono ano do Ensino Fundamental II, do Colégio Tenente Rêgo Barros.

Ratificando o que foi falado anteriormente, a pesquisa Descritiva é caracterizada bem objetivamente como o ato de “Descrever situações, acontecimentos e feitos, isto é, dizer como se manifesta determinado fenômeno” (Sampieri, 2006, p.101). Dentro deste contexto, o referido autor ainda completa seu pensamento, afirmando que precisamos “especificar as propriedades, as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenômeno que se submeta à análise.” (Sampieri, 2006, p. 101).

Então, observamos que “... em um estudo descritivo seleciona-se uma série de questões e mede-se, ou coleta-se informação sobre cada uma delas, para assim (vale a redundância) descrever o que se pesquisa” (Sampieri, 2006, p. 101).

No contexto desta pesquisa, foram descritas as características da Língua Portuguesa utilizada pelos falantes da cidade de Belém do Pará (Brasil) e seus aspectos semânticos relevantes, assim como valores, crenças, superstições e comportamentos sociais, existentes em final do século XIX e início do século XX.

Quando se analisou a obra Severa Romana, no referente à coleta dos dados, Marconi e Lakatos, (2003, p. 62) revelam que “a característica da pesquisa de análise de conteúdo é a fonte de coleta de dados desta, está restrita a documentos escritos ou não constituindo o que se denomina de fontes primárias”.

Vale ressaltar, que este trabalho obedeceu a um enfoque qualitativo o qual se caracterizou pela coleta de informações. No caso desta pesquisa, os dados foram coletados e foi construído

um panorama linguístico, o qual se caracteriza como um retrato fidedigno da realidade semântica de uma determinada época, não se prendendo a causas; só ao registro do fenômeno observado. Assim, foi feita a contextualização do fenômeno com os devidos comentários semânticos. “Em termos qualitativos, quanto mais conceitos são observados a fundo, adicionados à análise e estão associados, melhor será o entendimento do fenômeno estudado”. (Sampieri, 2006, p.106).

Em relação à pesquisa de campo, obedeceu à seguinte sequência: Em primeiro lugar, os relatos escritos por cada aluno pesquisado foram analisados separadamente, sem que fossem feitas comparações entre eles; em segundo, os dados foram analisados em conjunto; posteriormente, foram feitas analogias entre as respostas relatadas, no questionário, com a finalidade de se perceber o que haveria de comum entre a visão semântica que os alunos de uma mesma série (ou nível escolar) possuíam.

Durante a pesquisa de campo, com os alunos do CTRB, foram coletadas informações através das respostas dadas por cada aluno, em um questionário que eles receberam previamente. A partir da aproximação de sentido das respostas emitidas pelos alunos participantes da pesquisa, foram organizadas as categorias. E os dados foram analisados através de uma abordagem qualitativa, registrados em forma de tabelas e redacionados através de texto descritivo-dissertativo. O referido questionário está registrado nos apêndices desta tese.

Foi considerado relevante perceber aspectos distintivos em suas análises literárias da obra em questão. Foram sistematizadas algumas categorias teóricas e conceituais que, decerto, surgiram, após à análise dos dados. Essas categorias deram origem ao trato semântico-metodológico dos dados.

### **3.7 Contexto espacial e sócio-econômico da pesquisa**

#### **3.7.1 Um pouco do Brasil**

A palavra “Brasil”, originou-se do vocábulo celta “barkino”, o qual em castellano passou a ser “barcino” e, depois, em Língua Portuguesa, evoluiu para “Brasil”, como referência à madeira avermelhada, usada para tingir tecidos, denominada “pau-Brasil”.

O Brasil foi descoberto em 22 de abril de 1500, por Pedro Álvares Cabral e possui como lema a expressão “ordem e progresso”. Localiza-se na América do Sul e, segundo o Francisco (2021), é o maior país da América do Sul.

Este território é subdividido em 26 Estados e o Distrito Federal, cuja capital é a cidade de Brasília. Possui 5.570 municípios e em 1º de julho de 2021, o Brasil passou a possuir 213,3 milhões de habitantes, de acordo com informações do Pena.

No total, o Brasil ocupa 47% da América do Sul – quase a metade, portanto – e não faz fronteira somente com dois países sul-americanos: Equador e Chile. A leste, o Brasil é banhado em uma vasta extensão pelo Oceano Atlântico, comum litoral que percorre um total de 7.367 km<sup>2</sup>, o que coloca o país como o 16º no ranking mundial de maiores áreas litorâneas. (Pena, n. d.).

O Brasil possui clima variado, como por exemplo: tropical atlântico, tropical de altitude, subtropical, tropical, semiárido. Na região da Amazônia, onde está situada a Região Norte, o clima é equatorial, quente e úmido.

O idioma foi trazido pelos portugueses, no período da colonização, em 1500. Trata-se da Língua Portuguesa, com uma rica polissemia e exotismos linguísticos.

Possui uma área de 8.510.295,914 km<sup>2</sup> e faz fronteira com o Paraguai, Venezuela, Argentina, Peru, Suriname, Uruguai, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, sendo banhado pelo oceano Atlântico.

O Brasil possui inúmeras riquezas naturais e é o maior produtor de café, atualmente, possuindo fauna e flora variadas. Possui uma culinária exótica, apreciada por muitos países. E, em relação às belezas naturais, possui inúmeras praias, igarapés, piscinas naturais, cachoeiras, rios, oceanos, lagos, lagoas, montanhas e cidades históricas para visitaçãõ.

O Brasil é um membro fundador da Organização das Nações Unidas (ONU) e é o maior produtor mundial de biocombustível. E um dos aspectos de maior crescimento brasileiro é o setor de energia.

Em 2021, o Brasil é o quarto país que mais produz grãos (arroz, milho, trigo, cevada, soja), ficando atrás da China, Estados Unidos e Índia. Domina 50% do mercado de soja e é o segundo exportador de milho, depois dos Estados Unidos. É, ainda, o maior produtor de açúcar e café.

Eis o mapa do Brasil, com o Estado do Pará em evidência, devido ser o Estado da Federação no qual foi realizada a pesquisa.

FIGURA Nº 1 - Mapa do Brasil



Fonte: [https://en.wikivoyage.org/wiki/Pará\\_\(Brazil\)](https://en.wikivoyage.org/wiki/Par%C3%A1_(Brazil)) (2011)

### 3.7.2 Conhecendo o Estado do Pará e sua capital

#### 3.7.2.1 O Estado do Pará

O vocábulo Pará tem sua origem no idioma tupi-guarani: “pa’ra”, o qual significa “mar”, nome dado ao braço direito do Amazonas, o qual parecia realmente um mar, devido à sua grande extensão.

Segundo o IBGE (2020), o Pará é um dos Estados Brasileiros de relevo plano e baixo, situado na Região Norte. É o segundo Estado brasileiro em extensão territorial. Possui 1.245.870,707 km<sup>2</sup>. Possui 144 municípios, sendo o maior município do Pará, Altamira, com 159.533,306 km<sup>2</sup>. O atual governador do Pará é Helder Barbalho.

Possui 8,5 milhões de habitantes e é o Estado mais populoso da Região Norte e o nono mais populoso do Brasil. Nele, há 3 regiões metropolitanas: a região metropolitana de Belém, com 2,5 milhões de habitantes, a região metropolitana de Marabá, com 350.000 habitantes e a região metropolitana de Santarém, com 335.000 habitantes.

O Pará possui limites com Suriname e Guiana, ao norte; com o Maranhão a leste; com Tocantins a sudeste; com Mato Grosso a sul; com Amazonas a oeste; com Roraima a noroeste e com o Amapá a norte.

O estado do Pará foi inicialmente explorado pelo espanhol Francisco de Orellana, o qual escreveu cartas narrando e descrevendo todas as belezas e riquezas encontradas no Estado, com a finalidade de chamar atenção da coroa espanhola.

O Pará possui inúmeros rios, tais quais: Trombetas, Curuá, Xingu, Tapajós, Guamá, Nhamundá, Jari, Maicuru (afluentes do rio Amazonas); Tocantins, Pará. A população é miscigenada, formada por europeus, indígenas, negros, ribeirinhos e asiáticos e a maioria se identifica como pardos; a minoria como brancos, asiáticos, indígenas e negros.

É o estado brasileiro que mais exporta produtos minerais. A economia do Pará caracteriza-se pelo uso do extrativismo mineral (manganês, ouro, bauxita, ferro, cobre, níquel, calcário, caulim, estanho); vegetal (madeira); na agricultura, indústria, turismo e pecuária. Ainda há atividades ligadas à mineração, sendo Parauapebas a cidade principal, a qual se dedica a esta atividade. Apresenta muita riqueza, no campo da arte, e as principais danças são as seguintes: Carimbó, Maçariquinho, Siriá, Lundu, Marujada.

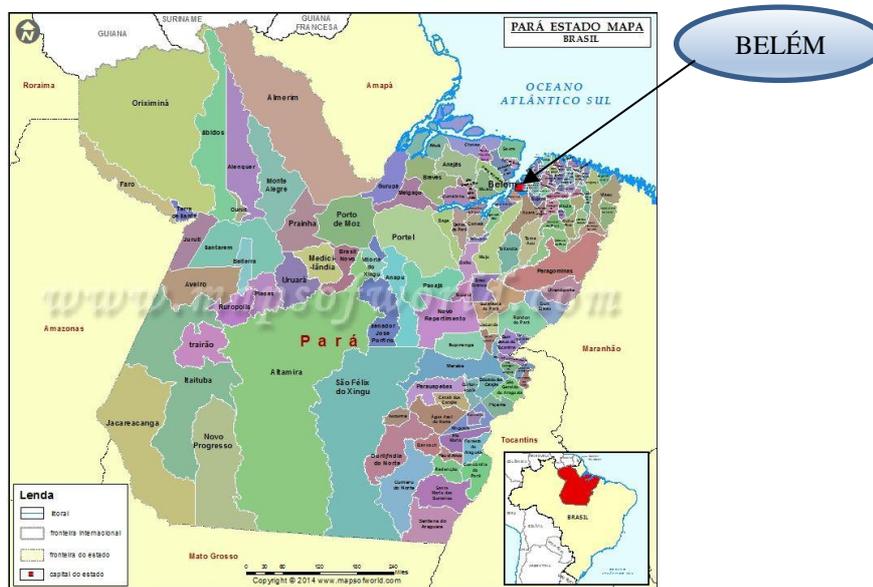
Dentre as inúmeras lendas que circundam a imaginação do povo paraense temos os seguintes mitos: Matinta Pereira, Bôto, Curupira, Sete Estrelo, Cobra Grande, Saci Pererê, Mula sem cabeça, Iara, Negrinho do pastoreio, Lobisomem, Cuca e muitos outros, os quais fazem parte da imaginação e fantasia literária do povo paraense.

O Pará é conhecido por suas frutas, comidas e bebidas típicas exóticas, que o diferem de outras regiões e lhe conferem singularidade. Eis algumas: tacacá, açaí, pato no tucupi, aluá, cupuaçu, bacuri, taperebá, pupunha, caribé, carimã, jambu, maniçoba, caruru, biribá, farinha de tapioca, uxi, tucumã, castanha do Pará.

No ano de 2010, os paraenses votaram sobre a divisão do Pará e havia proposta de uma unidade federativa do Brasil, o Estado de Tapajós. O objetivo era dividir o Pará em três estados: Carajás, Tapajós e Pará. Porém, a proposta não foi aceita pelos eleitores.

Eis o mapa do Estado do Pará, evidenciando a sua capital, local onde esta pesquisa foi realizada.

FIGURA Nº 2 - Mapa do Estado do Pará



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/860961653742452624/>

### 3.7.2.2 Belém do Pará

A palavra “Belém possui raízes hebraicas: בית לחם; O significado é “Casa do Pão”. Quando foi fundada, inicialmente, recebeu o nome de Santa Maria de Belém do Grão Pará ou “Nossa Senhora de Belém do Grão Pará”, nomes que foram abreviados para “Belém do Pará”. (IBGE, 2012).

A cidade de Belém, capital do Pará, é considerada como a Metrópole da Amazônia e é conhecida como “A Cidade das Mangueiras”, por suas inúmeras e frondosas mangueiras, localizadas em várias avenidas. Está situada ao Norte do Brasil e foi fundada em 16 de janeiro de 1616, por Francisco Caldeira Castelo Branco.

Esta cidade possui o clima equatorial, quente e úmido, com históricas igrejas, relevantes monumentos, parques, museus e prédios imponentes, como o Teatro da Paz, o Mercado do Ver-o-Peso e o Museu Emílio Goeldi.

Segundo o IBGE, Belém possui uma densidade demográfica de 1.315,26 hab/km<sup>2</sup> (2010); A escolarização de 6 a 14 anos é de 96,1% (2010); A mortalidade infantil é de 15,49 óbitos por mil nascidos vivos (2019); O índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) é de 0,746 (2010).

A região metropolitana de Belém compõe-se por 5 municípios (Belém, Marituba, Benevides, Ananindeua e Santa Bárbara) e possui ao todo 1.794.981 habitantes, e a maioria da população reside em áreas urbanas. Possui várias ilhas, tais como: Mosqueiro, Caratateua, Cotijuba e Combu. Limita-se com os seguintes municípios: Barcarena, Ananindeua, Santa Bárbara do Pará, Marituba, e com as baías: Guajará e Marajó.

Belém possui relevantes pontos turísticos. Eis os principais: Estação das Docas, Complexo Ver-o-Rio, Mangal das Garças, Casa das Onze Janelas, Ver-o-peso, Parque zoológico Mangal das Garças, Museu Paraense Emílio Goeldi, Bosque Rodrigues Alves (Jardim zoológico da Amazônia), Parque da Residência, Museu de Arte de Belém (MABE)-Palácio Antônio Lemos, Espaço São José Liberto, (Enciclopédia Virtual, 2021).

No século XX, Belém vivenciou um relevante período, em sua história: o período áureo da borracha, no qual inúmeros imigrantes europeus enriqueceram a arquitetura e a economia belenense. Belém ficou, então, conhecida como “Paris Tropical”, “Paris n’ América”, tornando-se uma capital moderna, em inúmeros aspectos, mesmo continuando com suas tradicionais fachadas coloniais, sediando um grande número de casas bancárias e tecnologias estrangeiras.

Belém viveu um apogeu de 1890 a 1920, devido a tecnologias que possuía, o que a diferenciava de cidades do Sul e Sudeste, pois estas não possuíam as mesmas tecnologias, como por exemplo: o Cinema Olympia, o cinema mais antigo do Brasil, o qual foi inaugurado em 1912; o Teatro da Paz, um dos mais belos do Brasil, cuja inspiração originou-se no Teatro Scala, de Milão e o Mercado Ver-o-Peso, considerado a maior feira livre da América Latina.

Em Belém, todos os anos, no mês de outubro, comemora-se o Círio de Nazaré: festa religiosa de grande relevância mundial, em louvor a Nossa Senhora de Nazaré, mãe de Jesus. Esta festa vem sendo celebrada, desde 1793, sempre no segundo domingo do mês de outubro, e é considerada a maior manifestação católica do Brasil e um dos maiores eventos do mundo, reunindo mais de dois milhões de pessoas.

Em 2004, esta festa foi reconhecida pelo IPHAN como “patrimônio cultural imaterial”. Foi, ainda, declarada pela UNESCO, em dezembro de 2013, como “Patrimônio Cultural da Humanidade”.

### 3.7.3 O Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros

O Colégio Tenente Rêgo Barros é um estabelecimento federal, fundado em 06 de setembro de 1941. Possuía o nome de Escola Tenente Rêgo Barros. O nome deste estabelecimento foi escolhido pelo Major Brigadeiro do Ar, João Camarão Telles Ribeiro, o qual exercia, na época, o cargo de Comandante do ICOMAR. O nome escolhido foi para homenagear o Segundo Tenente Aviador Raimundo do Rêgo Barros. Este nasceu no Estado do Pará e faleceu vítima de um acidente de avião, sobre as águas do Rio Guamá, em primeiro de junho de 1941, momento em que acontecia um voo de instrução.

Aos poucos, o Colégio foi se efetivando como uma Instituição de Ensino de Nível Fundamental e Médio, executando uma educação voltada aos dependentes de militares e civis ligados à Aeronáutica de Belém do Pará, subordinado ao Departamento de Ensino da Aeronáutica (DEPENS).

Em 28 de janeiro de 2020, o nome “Escola Tenente Rêgo Barros (ERTB)” foi alterado para “Colégio Tenente Rêgo Barros (CTRB)”, através da PORTARIA 105/GC3, no artigo primeiro.

O colégio, inicialmente, funcionou com a Educação Básica - o Ensino Fundamental I, o qual era chamado de “primário”, no qual constavam as séries ditas “iniciais”. Funcionou assim, durante mais ou menos 30 anos, sob a jurisdição do Núcleo de Base da Aeronáutica. Algum tempo depois, a jurisdição ficou a cargo do Quartel da Primeira Zona Aérea. Possui o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, de acordo com a Lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) oferece os livros didáticos, a merenda escolar e os equipamentos de informática, os quais compõem os laboratórios. Todas as salas são climatizadas. Há 50 salas de aula, várias salas de professores, divididas por áreas.

Há, ainda, laboratórios, cantina, biblioteca, sala de vídeo, auditório, refeitório, ginásio, quadras poliesportivas, glossoteca, sala de Teatro, sala de Música, sala de Desenho, sala de Artes Plásticas. Existe, também, o Teatro Brigadeiro Camarão, oferecendo um espaço maravilhoso para apresentação de programas artísticos e eventos diversos.

Na referida escola, o Hino Nacional é cantado, às 7 horas, semanalmente, e em inúmeras datas mensais, previamente marcadas, no calendário escolar. A exigência do uniforme é

rigorosa. O mesmo é composto por uma blusa branca com calça de malha leve, usada nas atividades físicas; camisa azul clara, calça de tecido azul escuro, sapatos pretos e meias brancas. A nota mínima para aprovação é 7,0 (sete). Atualmente, o ano escolar é composto da seguinte maneira: 1º trimestre, 2º trimestre e 3º trimestre. Em cada trimestre, o aluno submete-se a 3 avaliações: AV1, AV2 e AA.

Os alunos assistem às aulas de segunda à sexta-feira. Alguns sábados são reservados à aplicação de testes, avaliações e simulados ao estilo ENEM. O início das aulas ocorre pontualmente às 7h, com encerramento às 12h45. A carga horária é complementada três vezes, durante a semana, pela tarde, com entrada às 14h e término às 18h.

O Primeiro Comando Aéreo Regional, I Comar, possui relevante parceria com o Colégio, no que se refere à execução de obras de acordo com as necessidades do Estabelecimento, com base na análise dos projetos que o colégio executa.

Alguns órgãos e instituições utilizam os espaços do colégio para a realização de congressos, seminários, concursos, celebrações, eventos religiosos, etc. Em contrapartida, o colégio recebe ajuda desses órgãos e instituições, recebendo materiais, como tinta, papel, etc.

Inicialmente, o CTRB foi fundado com a finalidade maior de oferecer instrução aos cabos e soldados do Núcleo do Sétimo Corpo de Base Aérea. O objetivo era fornecer subsídios para que os militares fossem aprovados em concursos militares. Todavia, esta ideia foi logo substituída pela ideia de o estabelecimento ser uma escola primária, tendo convênio com a Prefeitura Municipal de Belém.

O Colégio Tenente Rêgo Barros caracteriza-se, hoje, como um colégio público, de caráter assistencial, ligado ao I Comando Aéreo Nacional (I Comar), conforme a portaria 1202/GC3, em 19 de outubro de 2005. Atualmente, o CTRB possui 127 (cento e vinte e sete) docentes, sendo 75 (setenta e cinco) civis e 72 (setenta e dois) militares. E possui 1.158 (mil, cento e cinquenta e oito) alunos.

Em 2020, exercem a liderança desta Instituição, os seguintes nomes: CEL INT R1 Cesar Alves de Almeida Costa, Diretor Geral do CTRB; CEL INT R1 Gilceu Barbosa e Silva, Chefe da Divisão Administrativa do CTRB; CEL AV R1 Francisco José Silva Monteiro, Chefe da Divisão de Ensino do CTRB.

Esta Instituição vem se destacando em vestibulares, olimpíadas, concursos, no âmbito regional e nacional, tendo excelente reconhecimento na área da educação. Sendo assim, a obra literária *Severa Romana*, utilizada na grade curricular do nono ano, dará maiores embasamentos ao aluno, para que o colégio possa ter destaques ainda maiores, no contexto educacional.

### **3.8 Fonte de Informação (Amostra)**

Esta pesquisa foi desenvolvida no Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros, situado na Avenida Júlio César, sem número. Trata-se de uma instituição da Rede Pública Federal de Ensino, da cidade de Belém, Estado do Pará, Brasil.

De modo geral, os levantamentos abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. Por essa razão, o mais frequente é trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo; quando essa amostra é rigorosamente selecionada, os resultados obtidos no levantamento tendem a aproximar-se bastante dos que seriam obtidos, caso fosse possível pesquisar todos os elementos do universo. (Gil, 2002, p. 121).

No referente à fonte de informação, o quantitativo de participantes, correspondeu a 84 alunos de nono ano do Ensino Fundamental II, das turmas F9A1, F9A2 e F9A3, ou seja, uma parte da totalidade dos alunos das turmas de nono ano, que responderam de forma positiva à solicitação para participarem desta pesquisa.

Este estudo foi constituído com o total de 84 alunos das três turmas citadas de nono ano do Ensino Fundamental II do Colégio Tenente Rêgo Barros, os quais aceitaram participar da pesquisa de campo e leram o texto teatral “*Severa Romana*”, escrito por Nazareno Tourinho; Assistiram à aula expositiva, cujo tema foi: “A análise semântica da obra ‘*Severa Romana*’”, escrita por Tourinho; assistiram à aula sobre a narração da história de *Severa Romana*; Assistiram ao filme curta-metragem “*Severa Romana em Tese*”; Assistiram à peça “*Severa Romana*” (gravada em DVD); Participaram do debate sobre o filme e a peça aos quais assistiram; E, finalmente, responderam ao questionário semântico pré-elaborado que lhes foi aplicado, a respeito da obra e da relevância de se ter o conhecimento cultural contido, na mesma.

Do total de 84 alunos que efetivamente participaram desta pesquisa, 60 foram mulheres com a idade entre 14 e 16 anos; e 24, homens com a idade entre 14 e 16 anos, cursando o nono

ano do Ensino Fundamental II. Todos se preparando para as provas do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio e outros vestibulares, no Brasil.

**Tabela N° 01 – Fonte de Informação**

TOTAL DE ALUNOS	N° DE PARTICIPANTES	HOMENS	MULHERES	IDADE HOMENS E MULHERES
95	84	24	60	14 a 16 anos

Fonte própria 2022

O motivo pelo qual esta série/ano foi escolhida reside no fato de serem alunos regularmente matriculados no nono ano do Ensino Fundamental II, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros; no fato de terem cursado a Disciplina “Teatro”, ofertada pelo colégio, (quando cursaram o sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental II), o que lhes deu uma base mais sólida para a compreensão do Gênero Dramático da Literatura e por terem aceito voluntariamente participarem desta pesquisa.

O colégio, no ano corrente, formou 5 turmas de nono Ano: A turma F9A1, situada na sala 39, composta por 31 alunos; a turma F9A2, situada na sala 40, composta por 31 alunos; a turma F9A3, situada na sala 41, composta por 33 alunos; a turma F9A4, situada na sala 42, composta por 29 alunos e a turma F9A5, situada na sala 43, composta por 33 alunos.

A seleção deste tipo de amostra está subordinada aos objetivos gerais e específicos da pesquisadora, a qual escolheu um grupo da população que representou a população maior, tornando a pesquisa representativa.

### **3.9 Técnicas e instrumentos da coleta dos dados**

Para se construir os instrumentos de pesquisa, houve a necessidade de se fazer uma tabela contendo objetivos, roteiro de perguntas semi abertas, tabela esta que foi submetida à análise e apreciação de Doutores, no sentido de verificarem se havia coerência entre os objetivos da pesquisa e as questões estruturadas a se aplicarem aos educandos. A referida tabela poderá ser encontrada nos apêndices deste trabalho.

Como técnica adotada, neste estudo, foi feita aplicabilidade de um questionário semiestruturado, destinado a 84 alunos das turmas F9A1, F9A2 e F9A3, pois, para Campoy

(2018, p. 177), o “cuestionario simiestructurado: incluye preguntas tanto cerradas como abiertas”. Esta técnica possibilita a compreensão dos sujeitos pesquisados.

O questionário foi composto pelas seguintes partes: 17 questões totalmente objetivas; 3 questões objetivas, com justificativa discursiva; e duas questões totalmente discursivas, sobre os seguintes assuntos: Gêneros literários; Abordagens sobre o papel e o valor da mulher, na sociedade; Linguagem escrita; Linguagem oral; Características do Gênero Dramático; Tradições populares; Costumes populares; Superstições; Crenças; Religiões; Polissemia das palavras e expressões, na obra *Severa Romana*; Falares e regionalismos linguísticos; Violência urbana.

Para que esta pesquisa se efetivasse foram realizadas as técnicas de aplicabilidade de questionários destinados aos alunos.

### **3.10 Validade dos instrumentos da pesquisa**

Para a validade desta pesquisa, este trabalho de tese contou com ajuda de 6 Doutores, os quais avaliaram o questionário aplicado e sugeriram mudanças e aperfeiçoamentos ao esquema de perguntas previamente elaboradas.

As mudanças e os aperfeiçoamentos sugeridos foram: 1- Melhora redacional e organização sequencial dos objetivos específicos traçados; 2- Perguntas estruturadas de maneira mais coerente e clara; 3- Melhor coerência entre objetivos e perguntas, para melhor entendimento e clareza na análise e descrição dos resultados.

Assim, as modificações foram realizadas e podem ser encontradas nos apêndices deste estudo.

### **3.11 Etapas do processo de investigação**

Vale dizer que este estudo já vinha acontecendo em anos anteriores, sendo redimensionado no ano de 2018, cuja pesquisa de campo aconteceu no período de fevereiro a meados de Abril de 2020, no Município de Belém, Estado do Pará, na Região Amazônica, Brasil, no Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros, local onde foram coletados os dados, tendo como base entrevistas pré-elaboradas destinadas ao autor da obra e questionário aos alunos com a observação participante do pesquisador. Veja os passos realizados:

Primeiramente, procedeu-se ao processo de contação de histórias: Os discentes ouviram e assistiram à pesquisadora contando-lhes a história verdadeira de Severa Romana, mulher assassinada aos 19 anos, no ano de 1900, em Belém do Pará; Dando continuidade, eles executaram a leitura da obra “Severa Romana”, escrita por Nazareno Tourinho; Depois, assistiram à aula expositiva sobre a linguagem semântica da obra “Severa Romana”; Em seguida, os discentes assistiram ao filme curta-metragem “Severa Romana em Tese”; A seguir, assistiram à peça teatral “Severa Romana”, filmada em DVD; Logo após, participaram de um debate sobre o filme e a peça a que assistiram; Concluindo, os alunos responderam a um questionário pré-elaborado sobre a obra, para avaliar o nível de compreensão dos pesquisados.

Estes instrumentos foram úteis, pois atuaram como ferramentas de coleta de dados para esta tese que se propôs a investigar a análise dos aspectos semânticos e a popularidade da obra Severa Romana, de Nazareno Tourinho, com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental II do CTRB.

Foram usadas 4 aulas, em dias alternados, para este trabalho, o qual foi realizado obedecendo-se à ética, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional, o qual estabelece que se respeite a integridade total dos participantes da pesquisa.

Estes tiveram participação voluntária e anônima, assim como a identidade e qualquer risco físico e psicológico lhes foram preservados. Os pesquisados tiveram liberdade total para aceitar ou recusar participar do processo de aplicação dos instrumentos desta investigação científica.

Esta pesquisa obedeceu às seguintes fases:

1ª fase: Seleção do problema ao qual é uma premissa para toda pesquisa científica;

2ª fase: Tessitura e aprovação do pré-projeto de pesquisa; seguida de exploração do material;

3ª fase: Sustentação e aprofundamento teórico, ou seja, seleção do aporte teórico;

4ª fase: Elaboração, validação e aplicação dos instrumentos; todavia, estabelecimento de regras e códigos para fortalecer a classificação, a validade e a confiabilidade;

5ª fase: Interpretação e análise dos dados obtidos. Esta fase, segundo Campoy (2015, p. 477), “se refere à administração sistemática das decisões tomadas”;

6ª fase: Socialização, recomendações e impacto dos resultados da pesquisa.

### **3.12 Dificuldades encontradas, no momento da execução da pesquisa de campo**

Em 2020, após a Direção do Colégio Tenente Rêgo Barros ter aceito a solicitação para que fosse efetivada a pesquisa de campo, nesta Instituição de Ensino, os alunos do nono ano do Ensino Fundamental das turmas F9A1, F9A2 e F9A3 foram convidados a participar deste trabalho. No momento do convite, explanado presencialmente aos alunos, em sala de aula, eles receberam as devidas explicações sobre as etapas desta pesquisa de campo.

Em seguida, foi-lhes entregue uma carta endereçada aos responsáveis para que estes assinassem seu nome, no documento, concedendo autorização para a participação do(a) aluno(a). Foi-lhes falado que o referido documento deveria ser lido pelos pais e os mesmos deveriam assinar, caso concordassem, e devolveriam, na aula seguinte.

Houve a nítida impressão que todos aceitariam a proposta. Porém, dos 95 alunos convidados, apenas 84 aceitaram participar da pesquisa. Por uma questão de ética, o motivo pelo qual alguns alunos não aceitaram não foram questionados.

A primeira dificuldade encontrada foi em relação à leitura da peça teatral “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho. A primeira intenção era imprimir o texto e entregar para cada aluno um exemplar. Porém, devido à falta de verbas, o número de cópias foi insuficiente.

Sendo assim, todos os alunos receberam o texto via e-mail. E somente os primeiros 30 alunos que solicitaram o texto o receberam de forma impressa. Foi-lhes dado um prazo de uma semana para que a leitura fosse realizada. Neste período, os alunos sentiram dificuldade em concluir a leitura, alegando que o texto era muito longo e os mesmos possuíam diversos assuntos de outras disciplinas para estudar, assim como exercícios e trabalhos de outras matérias a serem realizados.

Todavia, os alunos foram orientados a criar uma escala diária de trabalho, na qual os discentes dividiram o tempo livre que possuíam, a fim de conseguirem realizar com maestria todas as tarefas, incluindo a leitura da obra.

A criação da escala de trabalho surtiu resultados positivos. Os 84 alunos leram a obra satisfatoriamente. A dificuldade seguinte foi em relação à aula que seria ministrada sobre a obra: como reunir os 84 alunos de turmas diferentes, em um mesmo horário e espaço? Assim, foi solicitado a dois professores, colegas de trabalho (um professor de Arte e outro de Língua Portuguesa), que cada um cedesse duas aulas para que fosse possível reunir os alunos das 3 turmas, ao mesmo tempo, no auditório do CTRB.

Outra dificuldade encontrada foi em relação à dúvida existente se a Direção Pedagógica do colégio aceitaria que alguns professores cedessem suas aulas, com a finalidade da realização desta pesquisa. Isto porque o alunado não poderia perder aula relacionada a estas outras disciplinas citadas.

Todavia, foi feito um acordo de cedência: a pesquisadora, futuramente, caso os professores precisassem, cederia uma de suas aulas para que houvesse reposição na disciplina de Arte e Língua Portuguesa. Desta forma, não haveria prejuízo pedagógico para os alunos.

Foi solicitado à Direção do CTRB o espaço e dois horários para que esta aula fosse efetivada. O Colégio respondeu positivamente e tudo transcorreu de maneira perfeita.

Os alunos assistiram à aula sobre os gêneros básicos da literatura, com ênfase maior no gênero Dramático. Em seguida, foi-lhes contada a história real de Severa Romana, moça maranhense, assassinada em Belém do Pará, no dia 2 de julho de 1900. Após a contação desta verídica história, foi-lhes mostrado o filme curta-metragem “Severa Romana em tese”.

Os alunos sentiram, ainda, algumas dificuldades relacionadas a inúmeras terminologias utilizadas, tanto na obra “Severa Romana”, quanto no filme “Severa Romana em tese”. Sendo assim, foi-lhes explicado o porquê de cada termo ou expressão, com suas polissemias e variantes semânticas.

Nesta ocasião, os alunos tiveram algumas dificuldades de compreensão de determinadas cenas. Então, houve um debate sobre o significado do filme, sobre a semântica das cenas e sobre toda a parte técnica, focalizando aos educandos todos os porquês do filme e como ele foi feito. O resultado deste momento foi inevitavelmente excelente! Os alunos demonstraram muita empolgação e contentamento por conhecer aspectos relacionados ao cinema (a sétima arte). Foram apenas estas as dificuldades encontradas e, depois de solucionadas, a pesquisa de campo transcorreu normalmente, com êxito.

## CAPÍTULO 4- ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 Respondendo aos objetivos da pesquisa

Este trabalho científico teve como objetivo geral: “Verificar se os alunos do Ensino Fundamental II do CTRB, do nono ano, em 2020, possuem conhecimento necessário para realizar uma análise semântica da obra ‘Severa Romana’”.

Durante a pesquisa, percebeu-se que a resposta encontrada para o objetivo geral foi a seguinte: os alunos do nono ano de Ensino Fundamental II do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros, lamentavelmente não possuem conhecimentos prévios linguísticos e literários sobre sua realidade cultural passadista. Sendo assim, sem esses conhecimentos, os quais se encontram na dramaturgia de Tourinho, os educandos encontram-se com dificuldades para realizar uma análise semântica da obra em questão.

Foram engendrados os seguintes objetivos específicos: Identificar palavras e/ou expressões da peça teatral “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, enfocando a semântica da linguagem local conhecida pelos alunos; Descrever o conhecimento que possui o aluno sobre a obra “Severa Romana”; Relacionar as palavras e/ou expressões da obra “Severa Romana”, que fazem parte do campo semântico e da cultura do aluno; Compreender a importância dos benefícios artísticos, semânticos e culturais da obra “Severa Romana”, na visão discente; Propor a inserção da obra “Severa Romana”, no currículo de Língua Portuguesa, dos alunos de Ensino Fundamental II, do nono ano, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi entregue a todos os alunos participantes, via email, (sendo que alguns ainda o receberam impresso, também.) o texto original da peça teatral “Severa Romana”, escrita por Nazareno Tourinho. Eles tiveram uma semana para ler. Depois, foi-lhes mostrado o roteiro do filme curta-metragem, dirigido e atuado por Ângela do Céu, intitulado “Severa Romana em tese”. Foi-lhes explicado o roteiro, assim como o processo da execução do filme e, em seguida, eles assistiram ao filme, o qual está publicado no You Tube, no canal intitulado “Ângela do Céu”.

Na aula seguinte, eles assistiram a todas as cenas (que foram filmadas em DVD) da peça teatral “Severa Romana”. Foi-lhes ministrada uma aula sobre esta obra, falando de sua importância linguística, semântica e histórica, resgatando valores ligados a crenças,

superstições e costumes populares de final do século XIX. Foi-lhes falado, ainda, sobre a importância do dramaturgo Nazareno Tourinho para a literatura paraense, brasileira e mundial. Foi-lhes solicitado que estudassem a obra em casa e, na aula seguinte, foi-lhes entregue o questionário.

Eles responderam às questões, devolveram e os dados foram computados, sendo, neste trabalho, socializados. Nas tabelas a seguir, relacionou-se cada objetivo às questões que a ele se referem, assim como o resultado geral das respostas dadas pelos alunos pesquisados. Com base nas respostas dos alunos, foi apresentada, após cada tabela, a análise dos resultados.

#### 4.2 Resposta ao objetivo 1

**Tabela N° 02 – Primeiro Objetivo**

OBJETIVO ESPECÍFICO	QUESTÕES	RESULTADOS
-Identificar palavras e/ou expressões da peça teatral “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, enfocando a semântica da linguagem local conhecida pelos alunos;	01-A obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, lhe trouxe acréscimos ao seu universo educacional, no campo da escrita e oralidade?	08 alunos responderam “nenhum”; 10 alunos responderam “poucos”; 52 alunos responderam “alguns”; e apenas 14 alunos responderam que a obra lhes trouxe “muitos” acréscimos.
	02-Quantas palavras, expressões ou significações novas você agregou ao seu vocabulário, após a leitura da obra “Severa Romana”?	40 alunos responderam “de 1 a 10”; 20 alunos responderam “de 11 a 20”; 10 alunos responderam “de 21 a 30”; 10 alunos responderam “de 31 a 40”; 4 alunos responderam “mais de 40”.
	03-No campo da escrita e oralidade, você percebeu palavra(s) ou expressão(ões) usada(s), no final do século XIX e início do século XX, que não se usa(m) mais?	59 alunos responderam “sim, muitas”; 06 alunos responderam “sim, poucas”; 18 alunos responderam “sim, algumas”; 01 aluno respondeu “não, nenhuma”.
	04-A linguagem paraense, com suas expressões regionais, com seus significados polissêmicos, se difere da linguagem de outras regiões e estados brasileiros?	04 alunos responderam “nunca”; 34 alunos responderam “às vezes”; 32 alunos responderam “quase sempre”; 14 alunos responderam “sempre”.
	20-Cite alguns exemplos de palavras ou expressões desta obra que enriqueceram o seu vocabulário:	As expressões citadas estão organizadas a seguir em forma de tabela, com o número de alunos que as citaram, entre parênteses, no texto sobre a análise dos resultados.

Respondendo ao primeiro objetivo: “Identificar palavras e/ou expressões da peça teatral “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, enfocando a semântica da linguagem local conhecida pelos alunos.”; Quando se fez a primeira pergunta: **A obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, lhe trouxe acréscimos ao seu universo educacional, no campo da escrita e oralidade?** A resposta foi gratificante e percebermos que a leitura da obra em questão enriqueceu o vocabulário da maioria dos alunos, no campo da escrita e oralidade, abrindo-lhes novos horizontes linguísticos.

Quanto a segunda questão: **Quantas palavras, expressões ou significações novas você agregou ao seu vocabulário, após a leitura da obra “Severa Romana”?** foi extremamente interessante a percepção de que a leitura da obra citada foi muito útil, haja vista que acrescentou pelo menos de 1 a 10 palavras novas ao vocabulário da maioria dos alunos. Notou-se o valor semântico da obra e foi completamente salutar o fato de que, para alguns, houve o acréscimo de mais de 40 palavras ou expressões.

Com base na terceira questão: **No campo da escrita e oralidade, você percebeu palavra(s) ou expressão(ões) usada(s), no final do século XIX e início do século XX, que não se usa(m) mais?** foi digno perceber que a maioria dos educandos souberam reconhecer muitas diferenças linguísticas entre o vocabulário usado, em final de século XIX e o usado no século XXI, as quais se caracterizam pelo desuso de inúmeros vocábulos e expressões. Esta percepção dá ao falante da Língua Portuguesa uma visão semântica bem mais enriquecida.

Sobre a quarta questão: **A linguagem paraense, com suas expressões regionais, com seus significados polissêmicos, se difere da linguagem de outras regiões e estados brasileiros?** de 84 alunos, 80 detectaram o papel do nível regional da linguagem, ao perceberem que o linguajar paraense, na obra, com suas gírias e expressões peculiares se difere do linguajar de outras regiões brasileiras. Quanto a vigésima questão: **Cite alguns exemplos de palavras ou expressões desta obra que enriqueceram o seu vocabulário:** esta foi de total comprovação do quanto esta peça teatral foi relevante, haja vista que foram inúmeras as palavras e expressões as quais enriqueceram o vocabulário dos alunos; algumas com seus aspectos semânticos passadistas e outras com significados ainda atuais. Ficou comprovado que a leitura enriquece aquele que dela se apodera. A seguir, foi feito o registro da lista, em ordem alfabética, de todas as palavras consideradas novas para os alunos leitores, com o número de alunos que as citaram.

**Tabela N° 03 Palavras consideradas novas para os alunos**

Palavras ou expressões novas	N° de alunos	Palavras ou expressões novas	N° de alunos	Palavras ou expressões novas	N° de alunos
Acabrunhada	03	adentrando	04	Adentrando com o pé direito	04
adentrando com o pé direito	01	afobado	01	alumia	01
arrimo	13	atazanando	01	atazanar	01
atinar	01	avexe	01	asneira	06
asserenado	02	assuntar	02	atamancado	13
azucrinado	05	babaquara	05	babau	01
barafunda	04	biboca	01	bispei	14
boa-bisca	02	boca de siri	06	bodega	02
boia	03	breguessos	01	bugiar	01
bugiganga	01	caçoa	01	cacimba	01
caninga	02	capeta	01	cativa	01
chibé	06	coirão	02	consumição	04
couro de pisar em tabaco	02	cousa	01	cuíra	03
cuira para entonar o caldo	01	curubento	03	desembuche	02
deslindar	13	desvanecendo	01	Disse cá com os meus botões	01
deréis	01	desbocado	01	ébrio	01
embeçou	03	embirrou	03	emboletarem	01
emborcado	03	emborcar	01	encasquetou	02
enfizada	01	enfronhe	02	engalfinhar	01
enquizilha	08	escovado	02	esmorecer	02
espoleta	01	esticar as canelas	06	estrumbica	01
fiúza	01	formiga sabe o pau que rói	04	fuzuê	08
gracejou	01	impinimou	01	inquirição	02
jabá	02	Já bispei	02	jagunço	01
já tô adentrando	02	joça	01	maginar	01
malvarisco	01	maneirando	01	maquinar	01
maraximbé	01	martirizante	01	mexerico	04
mofenta	01	não bater com a língua nos dentes	05	Não coloquei toucinho nessa maniçoba	01
não vale três vinténs	01	nesta boca não entra mosca	02	o pau vai chincar	01
osga	01	pacato	01	pandeló	02
patife	01	petisca	01	pigarro	05
pinóia	14	pinote	03	pois se está no mato sem cachorro	03
por portas e travessas	01	Porca torce o rabo	01	puçanga	05
qual a bóia	01	quem muito quer saber, mexerico quer fazer	03	recato	01
repugnância	01	reumatismo	01	salafrário	01
saliência	01	saracura	01	serventia	01
Severa há de...	01	solilóquio	01	sumo de mastruz	01
Sustentar um burro a pandeló	01	tá daqui ó	01	tajá	02
tajá curado	11	tamanco emborcado	01	teréns	01
tinioso	01	tiririca	02	tocaiando	02
traste	01	tucum	02	Vá pentear macaco	01
Velha arrelhada	01	Velha dos seiscentos diabos	02	ventou	01
Vosmecê	35	vote	08	xincua	01

Ainda sobre a vigésima questão, 01 aluno citou que a obra demonstra a perfeita conjugação dos verbos, na segunda pessoa do singular, com a pessoa “tu”, terminando com “ste”, a qual, atualmente, está quase em extinção, na linguagem oral. Como exemplo, temos a palavra “aprendeste”. Ainda em relação a esta questão, 04 alunos não responderam.

### 4.3 Resposta ao objetivo 2

**Tabela N° 04 – Segundo Objetivo**

OBJETIVO ESPECÍFICO	QUESTÕES	RESULTADOS
<p>-Descrever o conhecimento que possui o aluno sobre a obra “Severa Romana”.</p>	<p>05-Analisando a obra, você acha que houve modificações no comportamento das pessoas, quanto a credices, superstições e costumes, do ano de 1900 aos dias atuais?</p> <p>06-Em 1900, o assassinato de Severa Romana foi considerado um enorme escândalo, haja vista que a violência contra a mulher era rara. E, atualmente? O assassinato de mulheres continua sendo raro?</p> <p>09-Antes de ter assistido à aula, ministrada pela Professora Ângela do Céu, você já conhecia a obra teatral, expressa na obra de “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho?</p> <p>10-Você já havia lido outra peça teatral de Nazareno Tourinho? - Se você disse sim, cite o nome da peça ou fale sobre ela:</p> <p>11-Você já conhecia, antes deste trabalho de pesquisa, o dramaturgo Nazareno Tourinho?</p> <p>13-Nazareno Tourinho não escreveu só obras teatrais. Escreveu poemas, trovas, literatura espírita, etc.. Antes de participar deste trabalho de pesquisa científica, você já conhecia alguma obra literária (diferente da dramaturgia) de Nazareno Tourinho, e a sua importância, na Literatura Paraense?</p>	<p>02 responderam “nenhuma”; 01 respondeu “poucas”; 21 responderam “algumas”; 59 responderam “muitas”; 01 aluno não respondeu.</p> <p>07 alunos responderam “muito”; 48 alunos responderam “pouco”; 16 alunos responderam “algumas vezes”; 13 alunos não responderam.</p> <p>17 alunos responderam “pouco”; 06 alunos responderam “muito”; 61 alunos responderam “desconhecia”.</p> <p>Todos os 84 alunos responderam “não”. -Todos os 84 alunos não responderam.</p> <p>18 alunos responderam “pouco”; 01 aluno respondeu “muito”; 64 alunos responderam “desconhecia”; 01 aluno não respondeu.</p> <p>06 alunos responderam “superficialmente”; 01 aluno respondeu “profundamente”; 74 alunos responderam “nada”; 03 alunos não responderam.</p>

	<p>- Se você disse “sim”, que obra(s) você conhecia? Cite o nome ou fale sobre ela(s):</p> <p>14-Além de Severa Romana, você já assistiu, ao vivo, em algum teatro, a alguma peça teatral de Nazareno Tourinho?</p> <p>-Se você respondeu “sim”, cite o nome ou fale algo sobre a peça:</p> <p>16-Antes de realizar a leitura da obra Severa Romana, escrita por Nazareno Tourinho, você já conhecia a história verdadeira (literal) da jovem Severa Romana, assassinada em 2 de julho de 1900?</p> <p>17-Se sua resposta à questão anterior foi “sim”, responda à questão abaixo. Se foi “não”, deixe-a em branco:</p> <p>-Quem já havia lhe contado a verdadeira história de Severa Romana?</p>	<p>-Não houve nenhuma resposta, ou seja, 84 alunos não responderam.</p> <p>Todos os 84 alunos responderam “não”.</p> <p>-Os 84 alunos não responderam.</p> <p>21 alunos responderam “superficialmente”; 02 alunos responderam “profundamente”; 60 alunos responderam “nada”; 01 aluno não respondeu.</p> <p>-11 alunos responderam “Um(a) professor(a), na escola, porque fazia parte da disciplina que ele(a) lecionava.”; 07 alunos responderam “Um(a) professor(a), mas não fazia parte do programa exigido, a ser ministrado.”; 09 alunos responderam “Alguém que eu conheço, fora da escola.”; nenhum aluno respondeu “A televisão ou rádio.”; 01 aluno respondeu “Revistas, jornais, internet.”; 56 alunos não responderam.</p>
--	---	---

Fonte própria 2022

Em relação ao segundo objetivo: “Descrever o conhecimento que possui o aluno sobre a obra ‘Severa Romana’”, quando se fez a pergunta número 5: **Analisando a obra, você acha que houve modificações no comportamento das pessoas, quanto a credices, superstições e costumes, do ano de 1900 aos dias atuais?**, a grande maioria dos alunos (81 educandos) percebeu que houve modificações no comportamento das pessoas, quanto a credices, superstições e costumes, do ano de 1900 aos dias atuais.

Em sala de aula, após os alunos terem entregue o questionário respondido, eles comentaram sobre os nossos medos de hoje: sequestro, assalto à mão armada, assassinatos, ou seja, temos medo de nosso semelhante; enquanto, no século XIX, as pessoas podiam andar

bem mais livremente, nas ruas, haja vista que o assalto à mão armada era uma completa raridade, em nossa sociedade belenense.

As pessoas tinham medo de mitos amazônicos, como: Matinta Perera, Saci, Mula-sem-cabeça, medo de visagens e assombrações... Sentiam medo do Xincuçã, com seu canto agourento... Havia, também, muitas superstições, como o fato de evitar passar sob escadas porque dava azar; não permitiam sandália emborcada porque isso atraía a morte da mãe... Havia crenças ligadas a exoterismo, também, como o fato de acreditar que uma planta como o tajá poderia, por estar “curada”, proteger o ambiente.

Atualmente, menos indivíduos possuem superstições e raros creem no poder das plantas em relação à proteção de pessoas e do ambiente. Realmente, houve uma grande modificação comportamental, do século XIX até hoje, século XXI.

Com base na sexta pergunta, ainda respondendo ao objetivo 2: **Em 1900, o assassinato de Severa Romana foi considerado um enorme escândalo, haja vista que a violência contra a mulher era rara. E, atualmente? O assassinato de mulheres continua sendo raro?**, a maioria dos pesquisados percebeu que o assassinato de mulheres, nos dias atuais, não é algo raro, como o era, no século XIX. Era tão raro que as pessoas ficaram extremamente consternadas com a morte de Severa Romana, chegando até a cultuarem Severa, tornando-a uma Santa Popular, assassinada em defesa da honra. Hoje, tudo mudou e a violência é um substantivo comum, em nosso meio. Infelizmente, o assassinato de mulheres está banalizado e passa despercebido; porém, grande parte dos alunos acreditam ainda ser raro este tipo de violência; todavia, o feminicídio apresentado pelos meios de comunicação de massa tem ocorrido bastante, na sociedade paraense.

Em relação a nona questão: **Antes de ter assistido à aula, ministrada pela Professora Ângela do Céu, você já conhecia a obra teatral e as expressões contidas na obra de “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho?** lamentavelmente ficou perceptível que a maioria dos alunos (61 educandos) desconheciam totalmente a obra em questão, passando a conhecê-la, pela primeira vez, através da aula ministrada. Muitos não possuíam toda a gama de conhecimentos culturais, presentes na obra, considerada uma verdadeira historiografia paraense.

Quanto a décima: **Você já havia lido outra peça teatral de Nazareno Tourinho? Se você disse sim, cite o nome da peça ou fale sobre ela:** Nesta questão, os 84 educandos

responderam unanimemente que nunca leram outra peça do autor em questão, provando, assim, relativa ignorância em relação à obra dramaturgica de Nazareno Tourinho. Sendo assim, o fato de os alunos terem tido a oportunidade de ler *Severa Romana*, para que pudessem participar desta pesquisa de campo, foi uma atitude culturalmente enriquecedora.

Quanto a décima primeira questão também as respostas afirmam o desconhecimento da obra e do autor pesquisado; portanto, 64 alunos afirmaram que desconheciam o dramaturgo Nazareno Tourinho, antes desta pesquisa. Isto deixa claro que, após a leitura e análise desta peça teatral, a maioria dos educandos iniciaram o processo de conhecimento do autor e obra em questão. Isto deu ao aluno um enriquecimento cultural a mais, em sua jornada. Ao término da leitura da décima terceira questão, 74 jovens afirmaram que nunca tiveram acesso a outra obra (não dramaturgica) de Nazareno Tourinho, tornando claro o fato de desconhecem este autor em seus outros estilos literários.

A décima quarta questão vem a confirmar o desconhecimento pelo aluno do autor e da obra como nas questões da décima e décima primeira questão. Todos os elementos pesquisados afirmaram que nunca assistiram a nenhuma peça teatral de Nazareno Tourinho (além de *Severa Romana*), em nenhum teatro; fato lamentável, o qual prova um grande desconhecimento da obra dramaturgica de Nazareno Tourinho, com suas riquezas linguísticas, semânticas e culturais.

Quanto a décima sexta questão: **Antes de realizar a leitura da obra *Severa Romana*, escrita por Nazareno Tourinho, você já conhecia a história verdadeira (literal) da jovem *Severa Romana*, assassinada em 2 de julho de 1900?**, a maioria dos alunos (precisamente 60) respondeu que nunca tinha ouvido falar na verdadeira história da jovem *Severa Romana*, assassinada em Belém do Pará, em 2 de julho de 1900, o que constata um desconhecimento sobre fatos passadistas relevantes, ocorridos no Estado do Pará. A morte de *Severa* representa um relevante fato à história do povo paraense, haja vista que ela quase foi canonizada e é considerada por muitos como uma Santa Popular. Percebemos que os jovens, que não têm acesso à obra, desconhecem uma parte da história paraense, assim como muitos registros linguísticos de uma época.

Devido à resposta da décima sexta questão, 59 alunos não responderam a décima sétima questão, pois, se não conheciam a verdadeira história de *Severa*, obviamente foi devido ao fato de ninguém lhes ter contado.

## 4.4 Resposta ao objetivo 03

Tabela N° 05 – Terceiro Objetivo

OBJETIVO ESPECÍFICO	QUESTÕES	RESULTADOS
<p>-Relacionar as palavras e/ou expressões da obra “Severa Romana”, que fazem parte do campo semântico e da cultura do aluno;</p>	<p>19-De acordo com a construção do roteiro do filme “Severa Romana em tese”, que aspectos relevantes serviram para enriquecer-lhe, no campo da arte, cultura e educação? (Pode marcar mais de uma alternativa.)</p> <p>22-Após ter o conhecimento da obra dramática “Severa Romana”, que aspectos da história e cultura paraense foram resgatados e acrescentados à sua educação? (Pode marcar mais de uma alternativa.)</p>	<p>30 alunos responderam “Em relação à arte, aprendi como se caracteriza um roteiro de cinema.”; 68 alunos responderam “Em relação à cultura, aprendi muito sobre as superstições, credices, costumes populares e outras características do século XIX.”; 43 alunos responderam “Em relação à educação, a obra enriqueceu meu vocabulário e aspectos semânticos.”; 04 alunos responderam “Esta obra não me trouxe nenhum enriquecimento.”.</p> <p>67 alunos responderam: “Pude resgatar e conhecer os costumes paraenses do século XIX”; 48 alunos responderam: “Conheci os medos daquela época: Medo da Matinta Perera, do Xincua, etc.”; 68 alunos responderam: “A linguagem com suas marcas de oralidade, gírias, expressões de época, provérbios, ditos populares, e palavras diferentes que, hoje em dia, não são mais usadas.”; 35 alunos responderam: “Resgatei as superstições e credices daquela época, como por exemplo: crer que uma planta pode trazer livramento a uma pessoa.”; 02 alunos responderam: “Nenhum aspecto histórico ou educacional me foi acrescentado.”; apenas 01 aluno não respondeu.</p>

Respondendo ao terceiro objetivo: “Relacionar as palavras e/ou expressões da obra “Severa Romana”, que fazem parte do campo semântico e da cultura do aluno.”, quando foi perguntada a décima nona questão: **De acordo com a construção do roteiro do filme “Severa Romana em tese”, que aspectos relevantes serviram para enriquecer-lhe, no campo da arte, cultura e educação? (Pode marcar mais de uma alternativa).**

Compreendeu-se com esta pergunta que foi extremamente gratificante percebermos que, devido ao fato dos alunos pesquisados terem conhecido o roteiro do filme curta-metragem “Severa Romana em Tese”, a maioria dos alunos (precisamente 80 pesquisados) tiveram acréscimos em relação à arte, educação, vocabulário linguístico e semântico, cultura, superstições, credences populares e outras características dos séculos XIX e XX.

Isto mostra o quanto o jovem pode enriquecer-se culturalmente através da leitura e da obra Tourinheana.

Com base na vigésima segunda questão: **Após ter o conhecimento da obra dramaturgica “Severa Romana”, que aspectos da história e cultura paraense foram resgatados e acrescentados à sua educação? (Pode marcar mais de uma alternativa).**

Percebeu-se que, para 81 alunos pesquisados, a leitura da obra em questão foi-lhes de extrema valia, haja vista que os mesmos puderam resgatar e acrescentar à sua vida educacional os seguintes aspectos: costumes paraenses do século XIX; os medos de época, bem diferentes dos medos de agora; marcas de oralidade linguísticas, gírias e expressões de época, assim como provérbios, ditos populares e palavras em desuso; superstições, credences... ficando explícito o quão valorosa e enriquecedora é a obra de Nazareno Tourinho para os educandos.

#### 4.5 Resposta ao objetivo 4

**Tabela N° 06 – Quarto Objetivo**

OBJETIVO ESPECÍFICO	QUESTÕES	RESULTADOS
-Compreender a importância dos benefícios artísticos, semânticos e culturais da obra “Severa Romana”, na visão discente;	07-De acordo com o roteiro do filme “Severa Romana em tese”, e algumas cenas do filme a que você assistiu, houve aspectos relevantes os quais serviram para enriquecer-lhe, no campo semântico cultural?	59 alunos responderam “sim”; 02 alunos responderam “não”; 22 alunos responderam “talvez”; 01 aluno não respondeu.
	08-Em que aspecto(s) o projeto cinematográfico, intitulado “Severa Romana em tese” trouxe benefícios artísticos, semânticos e culturais à sua vida? Se quiser, pode marcar mais de uma alternativa.	28 alunos responderam “no aspecto artístico”; 72 alunos responderam “Em relação à linguagem de uma época que difere da época atual.”; 63 alunos responderam “Em relação aos costumes, tradições, crenças, superstições que diferenciam o final do século XIX e o século XX.”; 07 alunos responderam “Em relação a poucos aspectos, quase nenhum.”; 01 aluno respondeu “Em nenhum aspecto. Não me trouxe nenhuma contribuição.”.

Fonte própria 2022

Como resposta ao quarto objetivo específico: “Compreender a importância dos benefícios artísticos, semânticos e culturais da obra “Severa Romana”, na visão discente.”; utilizou-se para esta indagação a sétima questão: **De acordo com o roteiro do filme “Severa Romana em tese”, e algumas cenas do filme a que você assistiu, houve aspectos relevantes os quais serviram para enriquecer-lhe, no campo Semântico cultural?.** A maioria dos alunos (59 discentes pesquisados) afirmaram que houve aspectos relevantes, após terem assistido ao filme curta-metragem “Severa Romana em tese”, e isto comprova a

importância da obra de Nazareno para a cultura e educação dos jovens alunos do Colégio Tenente Rêgo Barros.

Em relação a oitava questão: **Em que aspecto(s) o projeto cinematográfico, intitulado “Severa Romana em tese” trouxe benefícios artísticos, semânticos e culturais à sua vida? Se quiser, pode marcar mais de uma alternativa.** Ficou comprovado que, para 83 alunos, o fato de terem assistido ao filme “Severa Romana em tese” lhes trouxe acréscimos no campo artístico, no campo linguístico, em relação aos costumes, tradições, crenças, superstições os quais caracterizam o final do século XIX e o início do século XX, sendo, assim, de suma valia o conhecimento da obra.

#### 4.6 Resposta ao objetivo 5

**Tabela N° 07 – Quinto Objetivo**

OBJETIVO ESPECÍFICO	QUESTÕES	RESULTADOS
- Propor a inserção da obra “Severa Romana”, no currículo de Língua Portuguesa, dos alunos de Ensino Fundamental II, do nono ano, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros.	12-Você acha que deveria haver, desde remotas séries, a inclusão do estudo de autores paraenses na disciplina “Língua Portuguesa”?	01 aluno respondeu “nunca”; 36 alunos responderam “às vezes”; 35 alunos responderam “sempre”; 12 alunos responderam “quase sempre”.
	15-Em que nível escolar algum(a) professor(a) de sua escola lhe falou da obra Severa Romana e de seu autor, Nazareno Tourinho?	03 alunos responderam “Nas séries iniciais, do Ensino Fundamental I”; 38 alunos responderam “No Ensino Fundamental II, sexto ano”; 10 alunos responderam “No Ensino Fundamental II, sétimo ano”; 01 aluno respondeu “No Ensino Fundamental II, oitavo ano”; 32 alunos responderam “Esta é a primeira vez que estudo sobre a obra Severa Romana, no Ensino Fundamental II, nono ano, apenas fazendo parte desta pesquisa de campo”.
	18-Para o seu enriquecimento cultural, você acha que seria	02 alunos responderam “nunca”; 45 alunos

	<p>importante estudar obras literárias de Nazareno Tourinho, desde as séries iniciais, na escola?</p> <p>21-Se, desde as séries iniciais, os alunos estudassem as obras e características literárias e linguísticas de autores paraenses, você acha que seu conhecimento estaria mais enriquecido? Sim ou não? Justifique:</p>	<p>responderam “às vezes”; 13 alunos responderam “quase sempre”; 24 alunos responderam “sempre”.</p> <p>81 alunos responderam “sim”; 03 alunos responderam “não”. Em relação aos 81 alunos que responderam “sim”, 32 justificaram afirmando que ampliaria a cultura; 27 alunos justificaram afirmando que ampliaria o vocabulário; 21 alunos afirmaram que ampliaria o vocabulário e a cultura; e apenas 01 aluno não justificou. Em relação aos alunos que responderam “não”, 01 aluno justificou, afirmando que o nosso vocabulário só teria gíria; 01 aluno justificou, afirmando que “não” por se tratar de uma obra normal; 01 aluno justificou, afirmando que o vocabulário atual contém muitas gírias, que elas dominariam sempre e todos iriam esquecer o vocabulário literário de Nazareno Tourinho.</p>
--	--	---

Fonte própria 2022

Com relação ao quinto e último objetivo específico: “Propor a inserção da obra “Severa Romana”, no currículo de Língua Portuguesa, dos alunos de Ensino Fundamental II, do nono ano, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros.”, quando aplicou-se a décima segunda questão: **Você acha que deveria haver, desde remotas séries, a inclusão do estudo de autores paraenses na disciplina “Língua Portuguesa”?** a maioria dos alunos pesquisados (83) concordou que eles deveriam estudar autores da Literatura Paraense, no CTRB, desde séries iniciais, haja vista que este estudo lhes enriqueceria culturalmente, fato

comprovado pelo relato dos alunos, ao afirmarem que a leitura desta obra lhes proporcionou inúmeros benefícios culturais.

Quanto a décima quinta questão: **Em que nível escolar algum(a) professor(a) de sua escola lhe falou da obra Severa Romana e de seu autor, Nazareno Tourinho?**, os 38 alunos os quais relataram que ouviram falar da referida obra e autor, no sexto ano, e os 10 alunos os quais relataram que ouviram falar de “Severa Romana” e Nazareno Tourinho, no sétimo ano, tiveram acesso a esse conhecimento, na disciplina “Artes”, na modalidade “Teatro”, ministrada pela Professora Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos, durante 5 anos, no CTRB. Depois disso, a disciplina saiu da grade curricular do colégio. Todavia, de maneira geral, nenhum professor deste colégio se preocupou em levar aos estudantes conhecimentos ligados à obra de Nazareno Tourinho, haja vista que este autor e a maioria dos autores paraenses não fazem parte do programa a ser ministrado por nenhuma disciplina, no CTRB.

Em relação a décima oitava questão: **Para o seu enriquecimento cultural, você acha que seria importante estudar obras literárias de Nazareno Tourinho, desde as séries iniciais, na escola?** a maioria dos alunos (82 discentes) afirmou que seria relevante, para o seu enriquecimento cultural, estudar obras literárias de Nazareno Tourinho, desde as séries iniciais, no colégio, demonstrando, assim, o grande interesse por conhecer as obras do referido autor.

Quanto a vigésima primeira questão: **Se, desde as séries iniciais, os alunos estudassem as obras e características literárias e linguísticas de autores paraenses, você acha que seu conhecimento estaria mais enriquecido? Sim ou não? Justifique.**, A maioria dos alunos (81 discentes) afirmou que, caso eles tivessem tido acesso à obra Tourinheana, desde as séries iniciais, teriam tido um maior enriquecimento, no campo do conhecimento. Vale ressaltar que a leitura enriquece, enobrece... e as obras de Nazareno Tourinho trazem à mente do leitor um campo vasto de conhecimento, na área da linguística, semântica e cultura de modo geral. Sua dramaturgia é um retrato de um povo, de uma época, um enorme legado cultural a todos que a ela têm acesso. Com base nestas tabelas, chegamos à conclusão de que a obra Severa Romana necessita ser inserida no programa de Língua Portuguesa do CTRB, no Ensino Fundamental II, do nono ano; porém, para que isto ocorra, fazem-se necessárias algumas etapas a serem seguidas, as quais estarão melhor explicitadas nas recomendações desta pesquisa.

## CONCLUSÃO

O papel do educador, tanto no Brasil, como em outros países, precisa ser abrangente. Não se deve limitar as ações educativas, pensando apenas em uma educação conteudista, na qual o educando busque alcançar apenas a meta principal de concluir seus estudos, transformando-se em mais um profissional comum, na sociedade.

Faz-se necessário que o educando receba não só conhecimentos que o preparem para o desafio de realizar provas e testes com resultados satisfatórios, como também é relevante que ele receba alguns preparos, como: psicológico, emocional, literário, histórico, cultural e científico, que o preparem para entender a realidade que o cerca.

Para o educando conhecer e compreender com maestria a sua realidade linguística presente, faz-se extremamente necessário que ele conheça os fatos de seu passado literário e histórico, os quais ajudaram a compor o seu momento presente.

Assim, com base neste estudo, percebe-se claramente que o Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros trabalha a Língua Portuguesa e a Literatura com um conteúdo voltado expressamente para a evolução cultural do aluno, com a meta principal ligada à aprovação nos vestibulares, a fim de que o educando continue sua trajetória cultural e educacional, em uma das universidades existentes em Belém, Pará, Brasil.

Fica evidente, portanto, a principal preocupação conteudista do CTRB para que o aluno do nono ano do Ensino Fundamental II tenha um bom embasamento em Língua Portuguesa, a fim de chegar ao Ensino Médio bem preparado para receber novos conhecimentos, em direção às universidades.

Todavia, a título de sugestão, seria bem melhor para o educando que ele tivesse acesso à realidade de suas origens, de sua língua-natal com características passadistas e que, ao longo dos anos, vêm evoluindo, porque o idioma falado por um povo é sempre um processo flexível e evolutivo. A cada momento, surgem novas gírias, novas expressões, novas maneiras de se falar uma ideia.

Sendo assim, percebeu-se que a Língua é, de fato, um processo evolutivo e, a cada dia, novas palavras vão sendo criadas e incorporadas ao nosso idioma, enriquecendo, ainda mais, o vernáculo preexistente.

Porém, o aluno precisa conhecer a sua realidade linguística presente, aliada à realidade linguística do passado. Desta forma, ele terá um conhecimento bem mais globalizado e completo de sua realidade.

Como resultado desta pesquisa e respondendo aos objetivos, conclui-se, neste estudo, que, quando se fala em identificar palavras e/ou expressões da peça teatral “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, enfocando a semântica da linguagem local conhecida pelos alunos, os resultados apontam que a obra trouxe acréscimos ao linguajar dos discentes, no campo cultural e educacional, principalmente na escrita e na oralidade; foi enfatizado pelos alunos que esta obra literária lhes abriu novos horizontes linguísticos, pois a linguagem utilizada na leitura era peculiar da época; algumas em desuso, na atualidade, mas foi importante conhecê-las, para compreenderem a vivacidade da língua e sua transformação evolutiva.

O quantitativo de palavras foi tão significativo para os alunos que a obra também oportunizou a análise por parte da pesquisadora de 450 expressões e/ou palavras, com as quais, posteriormente, pretende-se criar um dicionário linguístico da obra para efeito de pesquisa.

Quando se descreveu o conhecimento que possui o aluno sobre a obra “Severa Romana”, percebeu-se que a maioria dos alunos pouco conhecia a obra; porém, ao conhecê-la, eles verificaram as modificações comportamentais existentes entre as pessoas de uma época passadista, quando comparadas às pessoas da atualidade, em relação à fala, costumes, etc.

Os discentes evidenciaram, em suas respostas, a banalidade da violência, nos dias atuais, diferente do crime contra Severa Romana que, na época, foi um escândalo, algo inimaginável.

Ao relacionar as palavras e/ou expressões da obra “Severa Romana”, que fazem parte do campo semântico e da cultura do aluno, chegou-se ao entendimento que houve acréscimo de inúmeros conhecimentos na arte, educação, vocabulário linguístico, semântico e cultural dos estudantes, os quais auxiliarão no desenvolvimento sócio e educacional dos mesmos.

Quanto à compreensão da importância dos benefícios artísticos, semânticos e culturais da obra “Severa Romana”, na visão discente, percebeu-se que conhecer as tradições, costumes, superstições, crenças, vocabulário linguístico de uma época passada é de suma importância para o conhecimento do presente, com sua análise histórica e reconstrução futura.

Devido a isto, propor a inserção da obra “Severa Romana”, no currículo de Língua Portuguesa, dos alunos de Ensino Fundamental II, do nono ano, do Colégio de Ensino

Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros, é ousar uma inovação curricular no conteúdo de Língua Portuguesa, haja vista que esta dramaturgia poderá ser responsável por acrescentar ao educando inúmeros conhecimentos passadistas, ligados às origens de determinados aspectos culturais, tais quais: nossas crenças; nossas superstições; nossos costumes provincianos; nossos saberes de uma época; nossa linguagem escrita e oral evolutiva, com as gírias de época; aspectos de religiosidade; costumes; tradições e outros aspectos culturais.

Se o aluno conhecer a realidade de seus antepassados, mais facilmente ele compreenderá a sua realidade presente e, certamente, seus conhecimentos solidificar-se-ão, em relação ao aprofundamento de sua cultura globalizada.

Conclui-se, portanto, que foram trabalhados o teatro e o cinema, no colégio, de maneira satisfatória e eficaz, haja vista que o esforço dos participantes, embasado na arte dramática, só trouxe benefícios incalculáveis, tais como: O despertar da imaginação, da criatividade; Resgate de valores e sentimentos morais; Desenvolvimento da desinibição; Elevação da autoestima; Aumento da reflexão e da capacitação à interpretação textual; Aperfeiçoamento da linguagem oral, escrita, corporal, gestual e mímica; Melhora da clareza, na dicção; Treinamento e aperfeiçoamento da memória e desenvolvimento da memória afetiva. E, ao final, certificou-se que o ator Cláudio Barradas tem razão, ao afirmar, em uma conversa com a pesquisadora, que “Muito mais forte que um sermão é a teatralização de uma cena evangélica porque, no Teatro, a palavra se corporifica, o verbo se torna carne.”.

O melhor deste relevante trabalho foi observar a satisfação dos participantes, quando se viram na tela gigante do Cinema Olympia, porque, afinal, um filme de cinema deve ser exibido, preferencialmente no cinema. E perceber a alegria dos atores e técnicos pelo excelente desempenho de todos foi memorável!

E mais: perceber a satisfação da grande plateia pelo resultado lúdico, histórico, cultural e importante à relevante cidade Belém do Pará foi extremamente gratificante. Este trabalho foi executado com sucesso e a alegria maior foi poder, também, divulgar a obra do Ilustre Nazareno Tourinho, Grande Dramaturgo Paraense!

## RECOMENDAÇÕES

Com base nesta pesquisa, leitura, compreensão, interpretação e análise da obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, propomos a inserção desta obra, como leitura necessária aos alunos do nono ano do Ensino Fundamental II, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros, haja vista que esta peça teatral, sendo uma obra literária historiográfica, ajudará os estudantes a acelerar os seus conhecimentos culturais sobre a cidade de Belém do Pará.

A sugestão para a utilização da obra com alunos do nono ano, justifica-se pelo fato de esta série ser a última série do Ensino Fundamental II, nível em que o aluno já possui maturidade para entender esta obra literária. Assim, o aluno iniciará seus estudos de Literatura, no Nível Médio, com uma bagagem literária mais enriquecida, haja vista que a obra de Nazareno Tourinho possui detalhes extremamente relevantes, no que se refere à linguagem paraense, como por exemplo: suas marcas de oralidade; suas gírias e expressões passadistas; provérbios e ditos populares; crendices; superstições e outros aspectos comportamentais e linguísticos de uma época.

Neste contexto, propõe-se a **inserção da obra “Severa Romana”, como leitura necessária aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros.**

Faz-se relevante que o aluno conheça a literatura dos escritores de sua terra, para que ele possa ter uma visão abrangente da realidade que o cerca; para que ele tenha o enriquecimento cultural e literário suficiente para a compreensão de sua atualidade e de outros momentos dos quais ele não fez parte, mas que o antecederam, gerando as características atuais de seu momento presente.

Será de extrema relevância que esta obra seja inserida, no conteúdo pedagógico de Língua Portuguesa do nono ano do Ensino Fundamental II, porque o educando precisa conhecer a sua própria realidade social, cultural e literária passadista. Isto lhe dará um embasamento maior para os futuros conhecimentos literários que receberá, no Ensino Médio.

Propõe-se, então, a construção de um dicionário semântico da obra “Severa Romana”, uma vez que foram analisados 450 vocábulos e/ou expressões e seus significados, dos quais 100 foram apresentados no corpo da tese e 350 nos anexos, com seus valores semânticos,

analisados pela pesquisadora, os quais ficarão como registros de época para possíveis pesquisas a todos aqueles que se interessarem pelo tema discutido.

Para que a obra “Severa Romana” seja inserida no conteúdo programático de Língua Portuguesa para os alunos de nono ano, faz-se necessário propor o cumprimento de algumas etapas para a realização desta inserção. Vejamo-las:

01- Será solicitado à Direção do CTRB o agendamento de uma reunião entre a proponente, a gestão do colégio e os profissionais que compõem o conselho de classe, assim como a STPA (Subdivisão Técnica de Planejamento e Avaliação). Nesta reunião, a proponente apresentará a sua tese, mostrará como ela foi executada, falará sobre como foi feita a pesquisa de campo com os educandos do CTRB, fará uma abordagem geral da dramaturgia de Nazareno Tourinho, focalizando, em especial, a peça teatral “Severa Romana” e sua relevância para o contexto educacional e cultural do aluno;

02- A proponente ministrará uma palestra aos professores do CTRB, socializando esta pesquisa científica e expressando a relevância da dramaturgia de Nazareno Tourinho para a cultura linguística e literária local;

03- Será apresentado (pela proponente) aos profissionais do CTRB o filme curta-metragem “Severa Romana em tese”. Em seguida, será mostrada a relevância deste filme, o qual representa aspectos da cultura de uma época, presente na dramaturgia de Nazareno Tourinho.

04- Será realizada a verificação, de acordo com a legislação federal, da possibilidade de inserir a obra supra-citada, no currículo da disciplina “Língua Portuguesa” aos alunos do nono ano do Ensino Fundamental II do CTRB;

05- Os professores de Língua Portuguesa do CTRB oportunizarão aos alunos do nono ano a execução da leitura da peça teatral “Severa Romana”;

06- Os professores de Língua Portuguesa apresentarão, em sala de aula, o filme curta-metragem “Severa Romana em tese” aos alunos do nono ano do CTRB, e convidarão a Diretora do filme a palestrar aos educandos sobre os aspectos técnicos, linguísticos e artísticos do filme;

07- Os professores de Língua Portuguesa ministrarão aulas sobre a obra em questão, com a utilização de dois métodos: a “metodologia de aulas expositivas” (através da qual os

professores expõem verbalmente os conhecimentos) e a “metodologia ativa” (na qual o aluno constrói seus próprios conhecimentos e os externaliza, em sala de aula, num processo denominado “classe invertida”, já que o professor permanece calado para ouvir o aluno, o qual passa a ser o líder da classe, engendrando seus próprios conhecimentos e socializando-os a todos.);

08- Os professores de Língua Portuguesa solicitarão aos alunos que interpretem e analisem a obra “Severa Romana” e promoverão um debate sobre a obra citada e sua relevância para o contexto literário e linguístico paraense;

09- Os professores de Língua Portuguesa sugerirão aos alunos que construam um dicionário semântico da obra “Severa Romana”;

10- Os professores de Língua Portuguesa criarão grupos de debates com os discentes para discutir sobre os valores linguísticos e literários da dramaturgia de Nazareno Tourinho.

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- Agência IBGE Notícias. (2021). *IBGE divulga estimativa da população dos municípios para 2021*. Editoria: Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31461-ibge-divulga-estimativa-da-populacao-dos-municipios-para-2021>. Acessado em: 01 de Setembro de 2021.
- Amaral, L. e Cançado, M. (2016) *Introdução à semântica lexical – papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Amorin, G. (org). (2009). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Global.
- Andrade, F. de S. e Samuel B.(2001). *O Silêncio Possível*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Campoy, T. (2015). *Metodología de la investigación científica: manual para la elaboración de tesis y trabajos de investigación*. Asunción, Paraguay: Marben Editora Gráfica AS.
- \_\_\_\_\_, T. (2018). *Metodología de la investigación científica: manual para la elaboración de tesis y trabajos de investigación*. Asunción, Paraguay: Marben Editora Gráfica AS.
- Berrettini, C. (2004). *Samuel Beckett: escritor Plural*. São Paulo: Perspectiva.
- Biasi, Pierre-Marc de. (2010). *A genética dos textos*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Bíblia Sagrada. *Apocalipse 13:15-18*. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri: Impresso na Gráfica da Bíblia-Brasil. RA06LGi-40.000-SBB-2017.
- Cagliari, L. C. (2010). *Alfabetização & linguística*. São Paulo: Scipione.
- Cavalcanti, T. (2014). *O Ator em Cena: Um breve olhar pela obra “A Preparação do Ator” de Constantin Stanislavski*. Ator Criador. Disponível em: <http://atorcriador.com.br/o-ator>. Acessado em: 26 de Agosto de 2021.
- Civita, V. (ed.). (2010). *Introdução e História (Coleção Teatro Vivo)*. São Paulo: Abril Cultural.
- Coleção Educadores Mec. (2010). *Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores (1959)*. Fundação Joaquim Nabuco – FNDE. Coordenação executiva Carlos Alberto Ribeiro de Xavier e Isabela Cribari. Brasília: Editora Massangana.
- Diana, D. (2020). *Teatro Renascentista*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/teatro-renascentista>. Acessado em: 04 de Setembro de 2021.

- Dias, M. S. de L. (Org.). (2019). *Introdução às leituras de Lev Vygotsky: debates e atualidades na pesquisa*. Porto Alegre: Editora Fi.
- Dicionário. (2021). *Significado de Efeméride*. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/efemeride/> Acessado em: 04 de Setembro de 2021.
- Eco, H. (2000). *Os limites da Interpretação. [Tradução - CARVALHO, Pérola de; Título original: I limite dell'interpretazione]*. São Paulo: Perspectiva.
- Enciclopédia Virtual. (2021). Enciclopédia Virtual Online de Português. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com.br>. Acessado em: 04 de Setembro de 2021.
- Faria, J. R. et.al. (2006) *Dicionário do Teatro Brasileiro – Temas, Formas e Conceitos*. São Paulo-SP-Brasil: Editora Perspectiva S.A.
- \_\_\_\_\_, J. R. (dir). (2012). *História do teatro brasileiro, volume 1: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX*. São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_, J. R. (2013). *História do teatro brasileiro. Volume 2: do modernismo às tendências contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva. Edições SESCSP.
- Faulstich, E. L. de J. (2014). *Como ler, entender e redigir um texto*. Petrópolis-RJ: Editora vozes.
- Ferracini, R. (2000). *A Arte de Não Interpretar Como Poesia Corpórea do Ator*. São Paulo-SP-Brasil: Editora Unicamp.
- Ferreira, Aurélio B. de H. (1982). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2da Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- \_\_\_\_\_, Aurélio B. de H. (1986). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Francisco, W. de C. e. (2021). *Área do Brasil*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/area-brasil.htm>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.
- Gil, A. C. (2002). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ta Ed. São Paulo: Atlas.
- IBGE. (2020). *Brasil/Pará: Território e Ambiente*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/panorama>. Acessado em: 01 de Setembro de 2021.
- \_\_\_\_\_. (2012). *Brasil/Pará/Belém: História & Fotos*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/historico>. Acessado em: 02 de Setembro de 2021.

- \_\_\_\_\_. (2010/2019). *Brasil/Pará/Belém: Panorama*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>. Acessado em: 02 de Setembro de 2021.
- Marconi, M. de A. e Lakatos, E. M. (2003). *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- \_\_\_\_\_, M. de A. e Lakatos, E. M. (2011). *Metodologia Científica*. 6a Ed. São Paulo: Atlas.
- \_\_\_\_\_, M. de A. e Lakatos, E. M. (2014). *Metodologia do Trabalho Científico*. 7a Ed. São Paulo: Atlas.
- Lakatos, E. M. (2007). *Fundamentos de metodologia científica*. 6a Ed. São Paulo: Editora Atlas SA.
- Macedo, W. (2012). *O livro da semântica: estudo dos signos linguísticos*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Magaldi, S. (1989). *O Texto no Teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- Martim, E. (1968). *O Teatro do Absurdo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moura, C. E. M. de. (1997). *O Teatro que o Povo Cria*. Belém: Secult.
- Oliveira, L. A. (2017). *Manual de Semântica*. Petrópolis: Vozes.
- Pallottini, R. (1989). *Dramaturgia – A Construção do Personagem*. São Paulo: Ática.
- Pena, R. A. (n. d.) *Brasil: O Brasil apresenta características territoriais físicas e humanas que o tornam um dos países mais importantes do planeta*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil2> Acessado em: 28 de Agosto de 2021.
- Prado, D. de A. (1999). *História Concisa do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Edusp.
- Rosenfeld, A. (1993). *Prismas do Teatro*. São Paulo: Editora Edusp.
- Roubine, J. Jacques. (2002). *A Arte do Ator*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Salles, V. (1994). *Épocas do Teatro no Grão Pará ou Apresentação do Teatro de Época*. Belém: Editora Universitária UFPA, Tomo I.
- \_\_\_\_\_, V. (2012). *Épocas do teatro no Grão-Pará, ou apresentação do teatro de época*. Belém, PA: Editora Universitária UFPA, Tomo I.
- Sampieri, R. H. et.al. (2006). *Metodología de la investigación. Cuarta Edición*. México: MacGraw Hill.
- Santos, J. P. (Org). (2017). *A leitura como prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca nacional.

- Smith, F. (2010). *Compreendendo a leitura: uma análise*. Porto Alegre: Penso.
- Souza, L. M. de e Carvalho, S. W. (2014). *Compreensão e produção de textos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Teatro. (n. d.). *Teatro*. Disponível em: [www.teatro.noradar.com](http://www.teatro.noradar.com). Acessado em: 02 de Setembro de 2021.
- Telles, T. (2010). *Chico Buarque na sala de aula: Leitura, interpretação e produção de textos*. 2da ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Tourinho, N. (2014). *Peças Teatrais de Nazareno Tourinho*. Organizadora: Bene Martins. 1a Ed. Belém: Editora Cejup.
- Vasconcelos, Â. do Céu G. de. (1991). *Lirismos Antiefêmeros*. Recife: Bagaço.
- Plays, F. (n. d.). *Pará Estado Mapa*. [Mapa]. Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/860961653742452624/>. Acesso em: 01 de September de 2021.
- Wikipedia. (2021). *Pará*. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pará>. Acessado em: 28 de Agosto de 2021.
- Wikivoyage. (2011) *Pará (Brazil)*. [Mapa]. Disponível em: [https://en.wikivoyage.org/wiki/Pará\\_\(Brazil\)](https://en.wikivoyage.org/wiki/Pará_(Brazil)). Acesso em: 01 de September de 2021.

## ANEXOS

### ANEXO I- Sobre o decreto de criação do CTRB - ETRB

O CTRB iniciou a sua trajetória com a nomenclatura “escola”. “A Escola de Ensino Fundamental e Médio “Tenente Rêgo Barros” (ETRB), com sede na Avenida Júlio César s/nº, Bairro Souza, na Cidade de Belém, Estado do Pará, é uma Organização de Ensino, de caráter assistencial, do Comando da Aeronáutica, conforme Portaria nº 365/G3, de 1º de junho de 2010, tendo por finalidade:

I - Ministrando o Ensino Fundamental e Médio observando as diretrizes e bases da educação nacional, estabelecidas em legislação federal específica, podendo oferecer cursos e estágios de interesse do Comando da Aeronáutica;

II – Atender aos dependentes de militares de carreira e servidores civis do quadro permanente vinculados ao Comando da Aeronáutica (COMAER), em regime de externato, nos turnos matutino e vespertino, com turmas mistas.

A ETRB é subordinada, administrativamente ao Primeiro Comando Aéreo Regional (I COMAR), pedagógica e tecnicamente à Diretoria de Ensino do Comando da Aeronáutica (DIRENS)”. (Projeto político pedagógico, página 4).

A autorização de funcionamento da Instituição está apoiada nas seguintes leis: “Resolução Nº 250/CEE, de 24 de junho de 1988; Resolução Nº 255/CEE, de 24 de junho de 1988; Lei Nº 12.464, de 04 de agosto de 2011; CÓDIGO DO ESTABELECIMENTO: 15039153.” (ppp, página 5).

Em relação aos aspectos históricos da ETRB, sabe-se que “O nome da Escola foi atribuído em homenagem ao 2º Tenente Aviador Raimundo do Rêgo Barros, paraense, falecido em acidente de aviação, durante um voo de instrução pelas águas do rio Guamá, no dia 1º de junho de 1941.

A Escola Tenente Rêgo Barros foi fundada no dia 6 de setembro de 1941, com o objetivo de ministrar instrução aos Cabos e Soldados do núcleo do 7º Corpo de Base Aérea, bem como prepará-los para o exame de admissão a outros cursos militares. Suas instalações eram humildes; um simples barracão de palha situado por trás do Instituto Lauro Sodré. Em 1941, quando de sua inauguração oficial, já possuía duas salas de aula e cerca de quarenta alunos.

A ideia inicial de fornecer instrução aos Cabos e Soldados da Aeronáutica logo foi substituída pelo caráter escolar formal propriamente dito (Escola Primária), assumido pela

instituição através de um convênio firmado entre o Comando do Núcleo da Base e a Prefeitura Municipal de Belém que, por sua vez, cedia duas professoras primárias para a “Escolinha”, como era carinhosamente chamada a ETRB.

Durante aproximadamente trinta anos, a Escola Tenente Rêgo Barros funcionou apenas com ensino primário, sob a Jurisdição do Núcleo de Base da Aeronáutica. Tempos depois, sua jurisdição foi transferida para o Quartel da 1ª Zona Aérea.

Em 1969, já situada na Vila Residencial da Maracangalha, passou por ato do Secretário da Educação à categoria de Grupo Escolar. Nesse período, possuía um total de nove salas de aula, com quarenta e oito metros quadrados cada. Manteve-se assim até aproximadamente o ano de 1972, funcionando em dois turnos e atendendo no total cerca de seiscentos alunos.

Em 1973, com a reforma do Ensino, passou a funcionar como Escola de 1º Grau. Tinha a pretensão de desenvolver o espírito científico e de pesquisa em seus alunos. Para tanto, foi dotada de Laboratórios para a Introdução às Ciências e Geociências, Laboratórios para o ensino de Línguas Estrangeiras, à Tecnologia (na época esse termo se referia às Artes Industriais), Salas de Educação para o Lar, Sala para o desenvolvimento das Artes Plásticas e o Museu de Ciências e Artes. Nesse momento, a escola tinha capacidade para atender em torno de dois mil e cem alunos, nos dois turnos.

Em 1982, com o intuito de garantir o prosseguimento dos estudos de seus alunos foi implantado o ensino de 2º Grau, com a abertura de uma turma com Habilitação Básica em Construção Civil.

No ano de 1983, com advento da Lei 7.044/82, o ensino de 2º Grau, sofreu algumas modificações no sentido de possibilitar melhores condições a seus alunos de ingresso no Ensino Superior. Criou-se, então, o Curso de Ciências Exatas.

A escola passou por muitas reformas, no decorrer de sua existência, tanto em se tratando de sua estrutura física quanto pedagógica. Os esforços em torno dessas reformas contemplam os objetivos de se adequar às leis do ensino e atender com qualidade os preceitos de sua educação. No que diz respeito à estrutura física, percebe-se certo desordenamento que, através do empenho das diversas e diferentes gestões, vem sendo contornado para evitar a má distribuição dos recursos financeiros e problemas ligados ao mau uso do espaço físico. É por isso que, em 1988, todas as salas de aula foram reformadas e previa-se o funcionamento dos Laboratórios de Física e Química. Nesse ano, a escola ainda funcionava em dois turnos, com 151 (cento e cinquenta e um) professores em seu quadro docente, atendendo cerca de 2.300 (dois mil e trezentos) alunos.

Constam nos registros dessa instituição que, em 1994, a “Escola de 1º e 2º Graus Tenente Rêgo Barros” se caracterizava como uma “Organização de Ensino de caráter assistencial, subordinada ao Primeiro Comando Aéreo Regional, na forma da Portaria nº 221/GM3, de 26 de junho de 1986”. Nesse momento, a escola tinha um quadro discente composto por 3.400 (três mil e quatrocentos) alunos. A partir de então, aparecem também documentos demonstrando as dificuldades de recursos financeiros para atender as necessidades da escola.

Mais recentemente, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros atendeu alunos da Educação Básica (Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio). É caracterizada como organização de ensino de caráter assistencial vinculada ao I COMAR, segundo determinação disposta na Portaria nº 365/GC3, de 10 de junho de 2010 (Art. 1º, inciso I). Segundo essa Portaria, em seu Parágrafo Único do Art. 1º, “As Organizações Militares (OM) de que tratam os incisos I, II e III e IV deste artigo são detentoras do acervo de pessoal e material existente na respectiva OE e executoras dos recursos financeiros descentralizados pelo Departamento de Ensino da Aeronáutica (DEPENS), bem como dos recursos oriundos de outras fontes”.

Como escola assistencial da Aeronáutica, a ETRB, de acordo com a referida Portaria e através do I COMAR, arrecada uma “contribuição voluntária” mensal de alunos com e sem vínculo com a Aeronáutica. Essa contribuição, assim como seu destino, está exposta no Art. 3º e seus subsequentes parágrafos citados abaixo:

**Art. 4º** Fica instituída contribuição mensal, que será paga pelo aluno ou seu responsável, destinada a custear despesas de ensino da respectiva Escola Assistencial.

**“Parágrafo 1º** A contribuição a que se refere o caput deste artigo terá o seu valor estabelecido por ato do Comandante do COMAR I, do COMAR III, do Diretor do CLA e do Comandante do Grupamento de Infraestrutura e Apoio (GIA-SJ), para as respectivas Escolas Assistenciais Subordinadas, correspondendo a doze parcelas mensais e sucessivas referentes ao ano civil, e divulgado até sessenta dias antes do início do período da matrícula.

A ETRB possui, no ano letivo de 2017, um quadro docente de 138 (cento e trinta e oito) professores, dos quais 94 (noventa e cinco) são civis do quadro permanente e 44 são militares, atendendo 1.433 (mil quatrocentos e trinta e três) alunos.” (ppp, páginas 7, 8 e 9).

## ANEXO II - Fotos do colégio pesquisado



Auditório da ETRB - Fonte própria 2022



Hall de entrada do CTRB - Fonte própria 2022



Jardim, ao centro do CTRB - Fonte própria 2022



Área de lazer do CTRB - Fonte própria 2022



Frente do CTRB - Fonte própria 2022

**ANEXO III- Fotos relacionadas a Nazareno Tourinho**



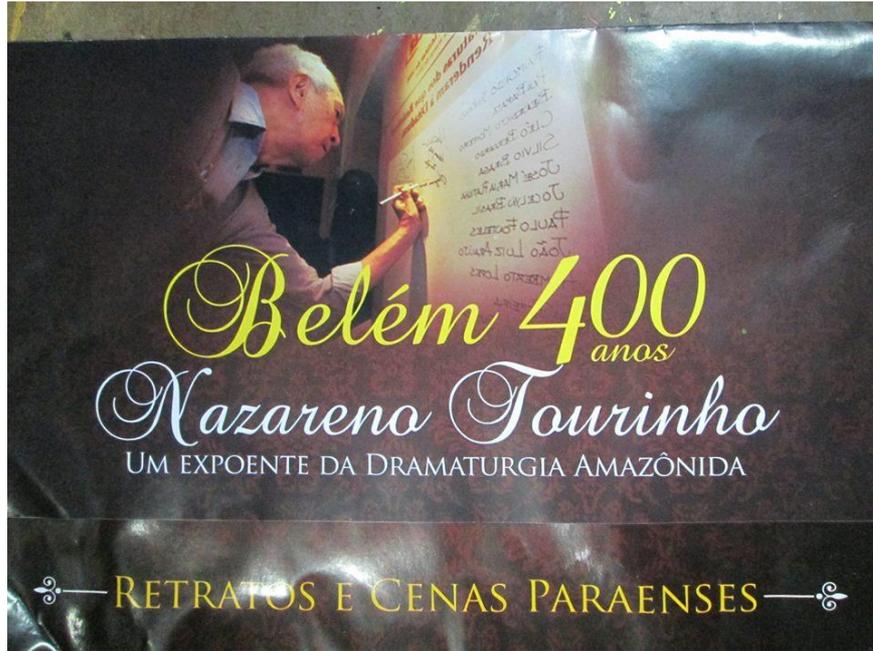
Nazareno Tourinho, em 2017.



Atriz Ângela do Céu e Nazareno Tourinho.



Doutora Célia Brito, Tourinho e Ângela do Céu,



Parte do folder da exposição sobre a obra de Nazareno Tourinho, organizada pela FIBRA, tendo Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos como uma das curadoras do evento, em 6 de junho de 2016.



O Dramaturgo Nazareno Tourinho, a Atriz Ângela do Céu e o atual Prefeito de Belém Edmilson Rodrigues.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I- Efemérides biográficas de Nazareno Tourinho

Capa do livro Peças Teatrais de Nazareno Tourinho



Fonte: <https://foxvideo.com.br/index.php?> (2021)

De acordo com o Dicionário Online de Português (2021), “uma **efeméride** é a celebração de um acontecimento ou facto importante assinalado em determinada data.” Sendo assim, foram arroladas inúmeras efemérides do escritor Nazareno Tourinho, como um documento literário e científico a ser celebrado por cada leitor. Ei-las, segundo diálogos realizados com o próprio autor:

1934 – Nasceu Nazareno Bastos Tourinho, na cidade de Belém, estado do Pará, em 6 de dezembro. Filho do bombeiro Aristóbulo da Costa Tourinho e Jarina Bastos Tourinho. Nazareno Tourinho foi aprendiz de marceneiro, cobrador de ônibus, balconista de loja de ferragens, marítimo, professor autodidata de cursos livres e jornalista profissional.

1959 – Casou com Miryam Zagury Tourinho, em 3 de junho.

1960 – Escreveu a peça teatral “Nó de 4 Pernas”, depois encenada, praticamente, em todos os estados brasileiros.

1961 – Lançou oficialmente a peça “Nó de 4 Pernas”.

Recebeu menção honrosa no Segundo Concurso Nacional de Peças Brasileiras, com a peça “Nó de 4 Pernas”, que, na época, tinha o nome de “As Prostitutas”. Este Concurso foi realizado no Rio de Janeiro pela Cia Tônia-Celi-Autran, de Tônia Carreiro, Adolfo Celi e Paulo Autran.

O Jornal “Diário da Noite” (Rio de Janeiro, 14 de outubro) noticiou a estreia da peça teatral “Nó de 4 Pernas”, no Teatro Tijuca, pelo grupo teatral “Os Associados”, no estado do Rio de Janeiro, tendo como principais responsáveis: Ribeiro Fortes, Paulo Gonçalves e Luís Mota. No elenco, estiveram: Ribeiro Fortes (protagonizando o Padre Elias), Waldir Maia (no papel de Euzébio, o sacristão), Lêda Maria (interpretou a Dona Nazaré), Luiz Motta (interpretou o personagem Zé Pedro, o operário comunista). Estiveram, ainda, no elenco, Paulo Gonçalves, Terezinha Moreira, Elza Martins. A direção foi de Cláudio Corrêa e Castro e o cenário foi de Edio Guerra.

Recebeu o Prêmio “Governo do Estado do Pará”, em Belém, pelo primeiro lugar.

Recebeu o Primeiro Lugar, no Prêmio do I Concurso Literário da Folha do Norte, por decisão unânime de Benedito Nunes, Eneida de Moraes e Pascoal Carlos Magno, no Primeiro Concurso Literário do Norte do Brasil, “Prêmio Governo do Estado do Pará Teatro”, promoção da “Página Artística” do jornal “Folha do Norte”, editado pela Editora Falângola, em Belém. O texto vencedor foi “Nó de 4 Pernas”, peça consagrada pela crítica, como magnífico trabalho intelectual.

1962 – Nasceu sua filha: Helena Lucia Zagury Tourinho (Arquiteta, Doutora em Urbanismo, Professora titular da Unama – Universidade da Amazônia.).

1964 – Nasceu seu filho: Emmanuel Zagury Tourinho (Doutor em Psicologia, Pró-reitor de Pesquisa e Extensão da UFPA – Universidade Federal do Pará.).

Foi demitido do cargo de Chefe de Relações Públicas da antiga SNAPP (depois, Companhia das Docas do Pará). Todavia, Sá Leal lhe arrumou emprego no Jornal do Dia (de Armando Carneiro), como noticiarista sindical.

1965 – Nasceu sua filha: Tânia Regina Zagury Tourinho (Psicóloga, especialista em Administração de Recursos Humanos.).

Wolf Maia montou e dirigiu sua peça teatral “Fogo Cruel em Lua de Mel”, em São Paulo.

Deixou o emprego, na FIEPA, em virtude de seu temperamento explosivo. Este fato foi por ele explicado ao jornal Folha do Norte, em entrevista publicada em 15 de janeiro de 1991, com as seguintes palavras: “Passei anos convencendo o Senador Gabriel Hermes a construir um teatro popular na área. E o construiu demasiado luxuoso para se destinar ao povo humilde. Depois, ele demonstrou sua intenção em destiná-lo de preferência às companhias do Sul, em detrimento das locais. Falei que esse era o direito dele como Presidente da FIEPA, mas não aceitaria coordenar o teatro. O Senador disse que eu era empregado e iria fazer o que ele mandasse. Eu respondi que não iria comprometer meu passado de lutas pelo teatro popular e não trairia meus princípios. Na hora, redigi um atrevido pedido de demissão, contando toda a história, bati várias cópias e distribuí aos amigos. Ofereceram-me o cargo de volta, desde que eu negasse os termos da demissão. Não aceitei nem pisei mais lá, até hoje”.

O Jornal “O Diário”, de Ribeirão Preto, edição de 7 de outubro, noticiou que o Grupo Teatro Jambaí de Comédia venceu a eliminatória do Terceiro Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo, com a peça “Nó de 4 Pernas”. Este Grupo outorgou a Nazareno Tourinho o título de Sócio Artístico Honorário.

1968 – Fundou o Grupo TABA (Teatro Adulto de Belém Adulta), o qual objetivava criar um teatro sério e de cunho regional, preocupado com a beleza estética e a informação de verdade, iniciando uma dramaturgia inspirada na realidade social e nos costumes do povo paraense, nascida dos valores da terra. Com essas ideias, ele contestava a postura shakespeariana da Escola de Teatro e Dança da UFPA.

Em 8 de novembro, o jornal “O Liberal” publicou matéria sobre a peça teatral em cartaz “Lei É lei E Está Acabado”. A peça foi apresentada no Teatro da Paz, pelo TABA. No elenco, Cláudio Barradas (no papel de mendigo), Antonio Lira, Homerval Thompson e Lia Melo. Neste mesmo período, o autor Nazareno Tourinho escreveu a peça teatral “Severa Romana”.

Solicitou ao então Prefeito, Dr. Stélio de Mendonça Maroja, que lhe cedesse o terreno onde hoje está o Memorial Magalhães Barata. Ele queria construir um teatro em forma de maloca para encenar suas peças, cercado de pequenas malocas que serviriam para cursos, oficinas e exposições. Este fato representou sua luta pelo teatro popular, voltado às raízes regionais.

Com 34 anos de idade, foi eleito Membro Efetivo e Perpétuo da Academia Paraense de Letras.

1969 –Apresentou-se, peça primeira vez, a peça “Severa Romana”, no Teatro da Paz, em março, sob a Direção do autor do texto, Diretor do Grupo TABA – Teatro Adulto de Belém Adulta, fundado por Tourinho.

Pela peça “Severa Romana” recebeu o Prêmio “Elmano Queiroz”, Primeiro Lugar, no Concurso Literário da Academia Paraense de Letras.

Escreveu a peça teatral “O Herói do Seringal”, a qual recebeu Menção de Destaque no Concurso “Coroa de Teatro”, no Rio de Janeiro.

Recebeu a Medalha Cultural “Olavo Bilac”, alusiva aos cinquenta anos de falecimento do referido poeta, concedida pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Pará.

Passou a ocupar a Cadeira número 2 da Academia Paraense de Letras – APL.

1970 – A peça teatral “Nó de Quatro Pernas” foi encenada, em Belém, pela primeira vez, em novembro, no Teatro da Paz, com a seguinte ficha técnica paraense: Cléodon Gondim (Padre Elias), José Moraes (Euzébio), Tacimar Cantuária (Dona Nazaré), Marta Goretti (Dona Iraneide), Manuel Dias Costa (Coronel Menacê), Homerval Thompson (Zé Pedro) e Lia Melo (Prostituta Ludovina). Na Direção, Geraldo Salles; Iluminação, Odilon Brito; Contra-regra, Nelson Paes; Sonoplastia e Maquiagem, Marily Velho e na Produção, o Grupo TABA.

1971 – Na época da ditadura, o Ministro da Justiça Alfredo Buzaid proibiu a circulação, em todo o território Nacional, do livro contendo a sua peça “Lei é lei e está acabado”, ordenando à Polícia Federal que apreendesse todos os exemplares, em todo território nacional, fato noticiado em manchete de primeira página, no jornal belenense “O Liberal”, edição de 26 de junho.

Em 19 de março, o Jornal Diário de Natal anunciou a estreia de “Nó de 4 Pernas”, no Teatro Alberto Maranhão, pelo Grupo Artistas Unidos, sob a direção de Gesiel Figueiredo.

1972 – Recebeu a “Medalha Cultural Pedro I”, comemorativa do Sesquicentenário da Independência Política do Brasil, concedida pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará.

Presidiu a Comissão Científica da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas, fundada por ele, na qual foi o primeiro Diretor para a Região Norte e depois Conselheiro, tendo participado de todos os congressos nacionais que a instituição promoveu.

1973 – Recebeu a “Medalha Comemorativa do Dia do Legislativo”, concedida pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará.

1976 – A Universidade Federal do Pará, em um volume de mais de 400 páginas, editou um livro contendo 05 peças teatrais de sua autoria.

A peça teatral “Fogo Cruel em Lua de Mel” foi encenada, pela primeira vez, em janeiro, no Teatro da Paz.

A peça teatral “O Herói do Seringal” foi encenada, em abril, no Teatro da Paz, pela FETAPA.

Em 27 de junho, o Jornal “O Liberal”, segundo caderno, publicou matéria intitulada “A alegre despedida de Nazareno Tourinho”, na qual o dramaturgo promete dar como encerrada a sua carreira. Assim, não precisaria mais conceder entrevista para falar sobre dramaturgia e, principalmente, afirma que não escreveria para Teatro. Escreveu a peça teatral “Amor de Louco Nunca é Pouco”, a qual foi encenada, no Teatro da Paz, no mês de novembro. Presidiu a Comissão de Jornalismo da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas.

1977 – Recebeu o Prêmio pela quinta colocação, no “Festival Três Canções para Belém”, com a composição de um samba-choro, intitulado “Belém Belém”. O Festival foi promovido pela Prefeitura de Belém. A composição foi gravada em LP e interpretada por Hortência Ohana.

Em 3 de setembro, o Jornal “O Estado de São Paulo”, anunciou a apresentação da peça “Nó de 4 Pernas”, no Teatro Martins Pena, na cidade de São Paulo.

1978 – “Fogo Cuel em Lua de Mel”, sob a Direção de Wolf Maya, foi encenada em São Paulo, tendo como integrante do elenco Vic Militello, que trabalhou na novela “Estúpido Cupido”, da Rede Globo de Televisão.

1979 – Foi autor das propostas que elegeu a Mesa Diretora dos Trabalhos, neste ano, na Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas.

1980 – Em 16 de maio, o Jornal do Brasil anunciou a exibição de “Nó de 4 Pernas”, no Rio de Janeiro, pelo Grupo Debate, sob a direção de Maria Helena Kroph.

1982 – Presidiu uma das comissões julgadoras de teses, na Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas.

1984 – Escreveu a peça teatral “Pai Antônio”.

1985 – Sua peça teatral “Pai Antônio” foi premiada pelo CELCIT – Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral – recebendo a Primeira Mención del IV Concurso Latinoamericano de Dramaturgia “Andres Bello”, em Caracas, Venezuela. Escreveu a peça teatral “A Greve do Amor”, a qual recebeu Prêmio de Publicação da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Belém. Recebeu Menção Honrosa no 2º Concurso Nacional de Peças Brasileiras (Rio de Janeiro).

Foi um dos conferencistas da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas.

1986 – A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT – publicou a peça teatral “Nó de 4 Pernas”, na Revista de Teatro, edição de número 457, de janeiro, fevereiro e março. Prêmio de Seleção da Secretaria de Educação e Cultura da PMB.

1988 – Recebeu o Diploma de “Honra ao Mérito”, concedido pela Câmara Municipal de Belém.

Na campanha presidencial, participou de uma passeata da Frente Brasil Popular. Quando passou diante da Academia Paraense de Letras – APL, onde ocupava a Cadeira número 2, ele se deu conta que era dia de sessão. Assim, adentrou na Academia do jeito que estava vestido (camisa esporte e boné do Lula, candidato à Presidência, na cabeça). Causou muito frisson por quebrar o formalismo da casa. Todavia, nenhum acadêmico o censurou, pois todos tinham por ele muito respeito por suas posições.

1989 – A Editora Cejup publicou a peça teatral “Pai Antônio”.

1990 – Recebeu o “Prêmio Intercâmbio”, com as peças: “A Estranha Loucura de Lorena Martinez” e “Caprichosa Lição dos Espíritos”, respectivamente, primeiro e segundo lugares, no I Concurso Nacional de Dramaturgia Espírita, em São Paulo.

Em 28 de outubro, o Jornal “O Liberal”, na coluna Teatro-Crítica, por José Maria Viana, publica matéria sobre a peça “Nó de Quatro Pernas”, em cartaz com o Grupo em Cena Ação, sob a direção de Ruy Guilherme. O Grupo foi formado por funcionários da Caixa Econômica, em projeto da AEPA (Associação dos Economiários do Pará). O cenário foi composto por Carlos Nélon. A iluminação é de Ruy Guilherme e Rodolfo Evangelista. Paulo Mariano interpretou o protagonista Padre Elias e Josineide Sarrazin interpretou a beata Dona Nazaré.

O Jornal “Diário de Pernambuco” anuncia a apresentação de “Nó de 4 Pernas”, em Caruaru, com o Grupo Teatral do SESC local.

1991 – Em 15 de janeiro, foi publicada, no Jornal Folha do Norte, página 05, uma relevante entrevista, cujo título era “Nazareno Tourinho, polêmico e censurado”, por Luiz Carlos Taveira.

Prazeres Barbosa, comediante do Teatro do SESC de Caruaru-Pe, recebeu o Prêmio de Melhor Atriz, no Primeiro FENAT – Festival Nacional de Teatro, realizado na cidade de Cabo, interpretando uma personagem da peça “Nó de 4 Pernas”.

Em 27 de julho, o Jornal Vanguarda noticiou que o Grupo Teatro do Sesc, em Caruaru-Pernambuco, recebeu o Prêmio de Melhor Espetáculo, no XII Festival Nacional de Teatro, realizado em São José de Rio Preto – SP, com o espetáculo “Nó de 4 Pernas”.

1997 – A Secretaria de Cultura do Governo do Estado de São Paulo, publicou a peça teatral “Nó de 4 Pernas, no Caderno Teatro da Juventude, ano 2, número 3, em agosto.

2002 – Recebeu a Medalha do Mérito “Francisco Caldeira Castelo Branco”, comenda outorgada pela Prefeitura Municipal de Belém, em janeiro.

Em 24 de fevereiro, o Jornal “O Liberal” publica matéria intitulada “O alegre retorno de Nazareno Tourinho” (26 anos após ele ter falado a este mesmo jornal que jamais daria entrevistas sobre dramaturgia). O autor fala sobre a remontagem da peça teatral “Nó de 4 Pernas”, pela Companhia de Artes Fato em Ato, sob a direção de Cléodon Gondim.

2004 – Recebeu a Medalha de Honra ao Mérito “Homenagem Aos Que Lutaram Pela Democracia No País”, concedida pela Câmara Municipal de Belém.

Recebeu a Medalha da “Ordem Do Mérito Legislativo Newton Miranda”, comenda outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará.

2005 – Recebeu o “Primeiro Lugar no Gênero Humorístico do X Congresso Nacional da Trova de Magé”, realizado na Casa do Mestre, no Rio de Janeiro.

A atriz paraense Luíza de Abreu recebeu o “Prêmio de Melhor Atriz”, em Belém, interpretando a personagem Dona Nazaré, na peça “Nó de 4 Pernas”, na XXI Mostra Estadual de Teatro da FESAT (Federação Estadual de Atores, Autores e Técnicos de Teatro).

2006 – A peça teatral “A Greve do Amor” foi encenada, em fevereiro, no Teatro Gasômetro, em Belém do Pará.

A peça teatral “A Estranha Loucura de Lorena Martinez” foi encenada em São Paulo, na cidade de Franca, pelo Instituto Arte e Vida.

Uma de suas trovas recebeu o Primeiro Lugar, no Concurso realizado pela União Brasileira de Trovadores, em São Paulo. Recebeu o Primeiro Lugar, no I Concurso de Trovas do Clube de Trovadores da Soledade (gênero humorístico), em Recife - Pernambuco. Recebeu o Primeiro Lugar no Primeiro Concurso de Trovas de Itaocara, Rio de Janeiro.

2008 – José Carneiro, na coluna “Memórias do Pará”, do Jornal “O Liberal”, edição de 5 de outubro, escreveu sobre Nazareno Tourinho: “Para não fugir à regra do seu temperamento, Tourinho está, no momento, afastado da Academia Paraense de Letras, como ele conta: “Estou rompido com a Academia. Entrei para a Academia com 34 anos, circunstancialmente. Eu nunca tive o estilo acadêmico. Eles são aristocratas, solenes e eu sou de esquerda e irreverente.”

2009 – A TV Cultura, de Belém do Pará, estação de TV estatal, realizou um programa denominado “Regatão Cultural”, editado em 14 de abril, sobre a dramaturgia de Nazareno Tourinho.

A UNAMA, Universidade da Amazônia, fez um vídeo (com uma hora de duração) sobre a vida e a obra intelectual de Nazareno Tourinho, como parte integrante do Projeto Memórias.

A ETDUFPA, Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, em seu Primeiro Seminário de Dramaturgia, destacou Nazareno Tourinho como Dramaturgo Homenageado.

2010 – Dramaturgo homenageado no “Primeiro Seminário de Dramaturgia Amazônica”, realizado pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará – ETDUFPA, ocorrido de 24 a 26 de maio, no Teatro Cláudio Barradas, de 18h30 às 22h, coordenado pela Professora Doutora Bene Martins. O evento foi patrocinado pela Pró-Reitoria de Extensão – PROEX (UFPA).

2011 – O IAP, Instituto de Artes do Pará, denominou de “Prêmio Nazareno Tourinho” a premiação de dramaturgia, em seu concurso literário anual.

2012 – Lança o livro “Cabanagem” (peça teatral), pela Editora Paka-Tatu, em 30 de agosto, no Teatro Estação Gasômetro, com uma linda noite de autógrafos.

Publicou a peça teatral chamada “Quintino Bom de Briga, defensor dos Sem Terra”.

Através do Decreto nº 16 de 27 de julho, a Assembleia Legislativa do Estado do Pará criou a “Comenda do Teatro Paraense Nazareno Tourinho”.

2013 – Ano de registro da peça teatral “Sonho de Uma Noite de Inverno”; “A Loucura de Uma Atriz”, monólogo encenado pela primeira vez, em dezembro, no Teatro Cuíra, pela atriz Luiza de Abreu, sob a Direção de Ângela do Céu e Darcel Andrade.

2014 – Em 9 de dezembro, Edmilson Rodrigues, prestou uma homenagem aos 80 anos de Nazareno Tourinho, parabenizando-o por ser uma celebridade nacional, como escritor, intitulada “Congratulações aos 80 anos do imortal Nazareno Tourinho”, na qual afirmou o seguinte: “em sua notável trajetória dentro da literatura brasileira, com particular cuidado para nossa região, Nazareno Tourinho foi homenageado com diversos prêmios e vários títulos honoríficos. Como parte deste reconhecimento, surgiu a lei, de minha autoria, que institui a Comenda do Teatro Paraense ‘Nazareno Tourinho’” (portal do deputado federal Edmilson Rodrigues-PSOL).

O livro “Peças Teatrais de Nazareno Tourinho”, escrito por Tourinho, com 14 peças de teatro, é lançado, pela Editora Cejup, em sua primeira edição, sob a coordenação de Bene Martins.

2018 – Aos 84 anos, falece, em Belém do Pará, no dia 19 de outubro, por volta de 16h, devido a um infarto agudo do miocárdio. Seu corpo foi velado na Casa Espírita do Nazareno, na Travessa Campos Salles, Bairro da Campina, até às 15h, do dia 20 de outubro, seguindo, em seguida, ao cemitério para ser cremado.

**APÊNDICE II- Termo de consentimento livre e esclarecido enviado à Direção da Instituição in locus da pesquisa**



**UAA**

**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN  
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN  
PROGRAMA DE DOCTORADO EN CIENCIA DE LA EDUCACIÓN**

**TERMO DE CONSENTIMIENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Belém, 19 de fevereiro de 2019.

Prezado Diretor Geral da ETRB,

Sou doutoranda da Universidade Autónoma de Asunción, Py. Estou desenvolvendo uma tese de Doutorado, sob a orientação do Professor Pós-Doctor “Homerval Ribeiro Teixeira”, intitulada **“Uma análise semântica da peça teatral ‘Severa Romana’, de Nazareno Tourinho, voltada à educação”**.

Considero este trabalho relevante referentemente à prática pedagógica da leitura, interpretação e análise textual porque o mesmo reside no fato de que “Severa Romana” é um texto literário, de Nazareno Tourinho, uma obra pertencente ao Gênero Dramático da Literatura, extremamente importante à história do Pará, não somente por recontar um pouco da trajetória de vida de uma mulher considerada Santa Popular, vista como heroína, por ter morrido defendendo a honra, mas por ser uma obra de valor historiográfico, no que se refere à linguagem popular e regional, com grandes marcas de oralidade; por registrar costumes, crenças e tradições; e por mostrar toda uma cultura de final do século XIX e início do século XX.

Assim, os discentes que a conhecem, analisando-a, passam a ter sua cultura mais enriquecida, como cidadãos críticos e participativos, na sociedade.

O objetivo geral da pesquisa é o seguinte: verificar se os alunos do Ensino Fundamental II da ETRB, do nono ano, possuem conhecimento linguístico e literário para realizar uma análise semântica da obra “Severa Romana”.

Os resultados serão socializados tanto em seminários científicos, encontros, congressos e eventos científicos da área social e educacional, bem como servirão de embasamento para futuros trabalhos. Por isso, solicitamos que eu seja autorizada a ministrar duas aulas (com a duração de 100 minutos), sobre a obra “Severa Romana” aos alunos do nono ano do Ensino Fundamental II, em data, horário e local pré-estabelecidos pela ETRB, assim como aplicar um questionário, instrumento de pesquisa, posteriormente.

Os assuntos que serão ministrados são os seguintes: Gêneros Literários (Épico, Lírico e Dramático); Tipologia Textual; Níveis de Linguagem; Análise Semântica da obra “Severa Romana”. Nossa meta é levar o aluno-leitor à reflexão, à criticidade, responsável pela (re)construção da cidadania, a partir da leitura e da compreensão de textos de circulação social, como a obra dramaturgica de Nazareno Tourinho. Vale ressaltar que as opiniões apresentadas são fundamentais para o desenvolvimento de minha pesquisa de Doutorado em Ciências da Educação.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,



**Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos**  
**Doutoranda em Ciências da Educação**  
**Universidade Autônoma de Asunción**  
[angelaatriz@yahoo.com.br](mailto:angelaatriz@yahoo.com.br)  
fone: (91) 993726902



**Homerval Ribeiro Teixeira**  
**Pósdoctorado em Gestión e Innovación Educativa UAA (Internacional)**  
**Universidade Autônoma de Asunción**  
[homerteixeira@bol.com.br](mailto:homerteixeira@bol.com.br)

### **APÊNDICE III- Vocabulário extraído da obra de Severa Romana e seus significados (350 vocábulos)**

TRECHO H.1- “Quando um homem cisma de arrebatar a mulher do outro, nem Santo Antônio com gancho dá jeito – o canalha que traz a vara do diabo entre as pernas é capaz de tudo...” (p. 121).

101- “Santo Antônio com gancho” é uma expressão que significa que o santo possui o poder de, com um gancho sagrado nas mãos, puxar o casal para a união eterna.

102- A personagem utiliza a expressão “A vara do diabo” para referir-se ao pênis do personagem. A metáfora remete o leitor ao fato de o personagem ser um sujeito extremamente mau caráter e que usa o sexo para afrontar, para abusar e destruir a paz.

TRECHO I.1 - “Não, não. (Simulando) Afinal de contas, no frigir dos ovos o capeta não é tão horroroso como se pinta; estou na minha casa, não tenho culpa no cartório, não coloquei toucinho nessa maniçoba, pode o caldeirão ferver. Quem for podre que se quebre.” (p. 122).

103- A expressão “no frigir dos ovos” foi criada popularmente para designar um processo que está acontecendo, algo que está sendo realizado para se alcançar um objetivo.

104- A expressão “não tenho culpa no cartório”, originou-se do fato de que, no século XIII, na baixa Idade Média, Europa, a Igreja combatia os movimentos de pessoas hereges, as quais contrariavam as verdades pregadas pela Igreja Católica. Foi criado, então, o Tribunal da Santa Inquisição, pelos dirigentes da Santa Sé, para punir aqueles que eram contrários aos dogmas da Igreja. Os réus sofriam um processo judicial e, quando eram condenados, sofriam penitências ou até morte na fogueira. Nesta época, as pessoas que tinham diferentes crenças viviam sob este terrorismo da Igreja Católica, a qual possuía um cartório onde registrava os processos. Na Espanha, as pessoas cujos nomes estavam registrados neste tipo de cartório eram criticadas e se dizia que elas tinham “culpa en el notario”. Foi assim que surgiu a expressão “culpa no cartório”, que atualmente significa que alguém é culpado por ter cometido uma infração qualquer.

105- Quando o autor usa a expressão “não coloquei toucinho nessa maniçoba”, semanticamente falando, significa que a personagem não tomou nenhuma atitude para aumentar o teor do problema. Além de uma metáfora enriquecedora, ele nos reporta aos costumes alimentícios de uma época: “toucinho” é um ingrediente feito de porco, utilizado nos pratos paraenses, como na feijoada, por exemplo. E “maniçoba” é uma comida típica paraense feita com uma erva chamada maniva e ingredientes de porco.

106- Quanto ao ditado popular “Quem for podre que se quebre”, Nazareno Tourinho reporta-nos a uma expressão utilizada, algumas vezes, de forma egoísta e significa que “quem fez o mal, que arque com as consequências.”

TRECHO J.1 - “(Transição) Pimenta nos olhos dos outros é refresco. Eu estou apavorada, é Inútil me iludir a mim mesma...” (p. 122)

107- A metáfora acima mostra que é difícil alguém que não esteja vivendo o problema senti-lo verdadeiramente. Só sentiremos o problema, se ele, de fato, estiver direcionado a nós e nos prejudicar, de alguma forma. Colocar-se no lugar do outro não é tarefa comum executada pelos seres humanos.

TRECHO K.1 - “Pra todas essas encrencas o remédio infalível é uma defumaçozinha. Ah! Se você soubesse o valor dessas bugingangas, não vivia assim na pindaíba.” (p. 122)

108- Novamente, o autor nos remete às credices relacionadas a determinadas religiões oriundas da África: umbanda e candomblé. A defumação é o ato de queimar determinados tipos de ervas para espantar os maus espíritos, as más energias.

109- O vocábulo “bugingangas”, em determinados contextos, pode ter até um valor depreciativo. Todavia, neste contexto em que está apresentado, é simplesmente sinônimo da palavra “coisas”, “objetos”.

110- “Pindaíba” significa uma situação ruim, de pobreza, de conflitos diversos.

TRECHO L.1 - “Sim. Conte tudo a seu marido e mande o atrevido bugiar.” (p. 122)

111- O vocábulo “bugiar” significa afastar uma pessoa para não ser mais incomodado por ela. O termo veio de Portugal. Os portugueses desconheciam o termo “macaco” e, quando queriam se referir a este animal, usavam o vocábulo “bugio”. Foi, então, criada a expressão “vai bugiar!”. Esta expressão tem o mesmo significado de “vai pentear macaco!”. E ainda é usada, em Portugal. Enquanto que, no Brasil, encontra-se em desuso.

TRECHO M.1 - “Não se precipite, Severa, entregue a Deus. Quando a justiça do Alto tarda é porque...” (p. 122).

112- A expressão “Quando a justiça do Alto tarda é porque...” remete-nos ao seguinte ditado popular: “A justiça do Alto tarda mas não falha”, o qual demonstra o lado religioso, a fé e a esperança que as pessoas têm em Cristo.

TRECHO N.1 - “Essas questões imorais não adianta entregar a Deus que Ele não recebe, devolve, e a gente tem de sair da arapuca com as próprias pernas. Diga tudinho ao seu marido, Severa, e se o curubento do Cabo Ferreira, se aquele jagunço fizer pose, sapeque veneno na comida dele.” (p. 122).

113- Todo o trecho acima demonstra a enorme vontade da personagem em fazer justiça com as próprias mãos e mostra o lado paradoxal do ser humano que, em um momento, acredita em Deus e, em outro, sente-se desesperançado, diante das injustiças humanas.

114- “Arapuca” significa “armadilha” e é um termo pouco usado, atualmente.

115- “Curubento” é um adjetivo coloquial relacionado ao substantivo “curuba”, o qual significa “ferida”. Neste contexto, o termo é usado no sentido pejorativo, intencionando ofender alguém considerado uma péssima pessoa, um ser completamente nocivo a outrem.

TRECHO O.1 - “Experimente seguir. Experimente envenenar o Cabo Ferreira, ou então agarre um pedaço de cipó titica e lasque uma surra nele, até a sua cara ficar como folha de jurubeba. Experimente. O que ganhará com isso?” (p. 123).

116- “Cipó titica” é uma espécie de raiz da Amazônia, cujo nome científico é “*Heteropsis Flexuosa*”, considerada uma fonte de renda para os moradores rurais da região, usada na fabricação de móveis e cestarias. É chamada de cipó; todavia, não é cipó, e sim uma planta que produz raízes que se assemelham a cipós. Nazareno Tourinho nos transmite, mesmo sem objetivar, muita cultura, em sua obra. Um valioso legado de informações que nos auxiliam em direção a uma educação eficaz.

117- O vocábulo “Jurubeba” nomeia uma planta medicinal amarga, usada no tratamento de doenças do fígado, digestivas, da pele e da anemia. É anti-inflamatória, laxante, cicatrizante, depurativa do sangue, diurética, descongestionante, desobstruente do fígado e do baço, estimulante. O nome científico desta planta é “*Solanum Paniculatum*”.

TRECHO P.1 - “Experimente, Severa, siga o meu conselho, é o mais acertado. E ainda tem outra: você lava a roupa desse conquistador de meia tigela, não lava? Pois então roube uma ceroula dele e me dê. Arranje uma cueca dele usada e deixe o resto por minha conta - faço um despacho com ela que durante vinte anos o Cabo Ferreira não vai ter sustância pra mulher nenhuma.” (p. 123).

118- “Quando a personagem chama o Cabo Ferreira de “conquistador de meia tigela”, ela quer expressar que ele é um péssimo conquistador. Isto remonta ao fato de que os paraenses que têm o hábito de comer ou tomar algo na tigela, sempre valorizam quando a tigela está cheia; todavia, quando ela está pela metade, há uma certa frustração e o efeito de saciar a fome se faz de forma insatisfatória. Daí o surgimento da expressão “meia tigela”, quando se quer negar a competência de alguém.

119- O termo “despacho” remete-nos, outra vez, aos rituais de macumba, catimbó ou alguns candomblés de caboclo. Trata-se do ato de depositar em alguma encruzilhada, mata,

floresta ou outro lugar, um trabalho de feitiço ou bruxaria, em oferecimento a Exu, para que este faça mal a alguém. Novamente, o autor registra aspectos relacionados a crenças populares.

TRECHO Q.1 - “Muito nada, minha filha, eu conheço essa raça. Não tem homem sem sustância que precisa tomar sumo de mastruz pra mostrar na cama que é homem? Do mesmo modo tem homem assanhado, fegoso, que a gente ou dá um jeitinho nele ou ele dá um jeitinho na gente...” (p. 123).

120- O verbo “ter” é utilizado em lugar de “haver”. Isto caracteriza o falar paraense e brasileiro. Uma das características de nossa oralidade, de nosso coloquialismo brasileiro surgido para dar praticidade à linguagem.

121- Antigamente, no início do século XX, os homens tomavam sumo de mastruz para terem ereção sexual satisfatória. Com a evolução farmacêutica, no século XXI, eles fazem utilização de um medicamento chamado “Viagra”. Nesta obra, portanto, Nazareno Tourinho resgata a tradição oral, relacionada à utilização das ervas com a finalidade de cura física e psicológica.

TRECHO R.1 - “Olá. Vizinha. Severa, chegamos atrasados pro almoço. Por causa do Cabo Ferreira: parou em três tabernas pro matabicho; diz ele que a cachaça daqui é melhor do que a de Fortaleza.” (p. 123).

122- Neste trecho, o autor resgata os costumes passadistas de alguns homens que gostavam de frequentar as tabernas para tomar bebida alcoólica. As tabernas eram espécies de lojas pequenas, rústicas, sem sofisticação, nas quais se vendiam alimentos, bebidas e objetos de utilidade doméstica, numa época em que não havia supermercados. O vocábulo “taberna”, em Belém do Pará, está em desuso oral, haja vista que elas não mais existem.

123- “Matabicho” é um substantivo masculino, o qual faz referência a uma dose de cachaça ou outra bebida alcoólica qualquer. Esta era uma gíria de época. Esta gíria originou-se da seguinte história: No século VIII, na Espanha, o médico D. Gustavo Garcia, devido a uma misteriosa epidemia incontrolável, resolveu estudar o fenômeno e, após examinar um cadáver, descobriu um bicho causador da morte. Este não era destruído por nenhum líquido. O médico, então, o mergulhou em aguardente e finalmente ele morreu. Assim, pessoas doentes e saudáveis passaram a ter o hábito de tomar em jejum uma dose de aguardente ou cachaça, para matar o bicho. Assim, o desjejum e o ato de se tomar cachaça ficaram conhecidos como “matabicho”.

TRECHO S.1 – “Está vendo este embrulho? São os meus teréns, toda a minha bagagem. De hoje em diante vou fazer a minha pousada aqui.” (p. 124).

124- “Teréns” é um substantivo usado na linguagem coloquial que significa o conjunto de todos os objetos pertencentes a alguém.

TRECHO T.1 - “Ô xente! Vosmecê me ofende. Sou um bom cristão.” (p. 124).

125- “Ô xente” é uma expressão muito usada em algumas regiões do Nordeste, como em Recife, por exemplo. É uma marca de oralidade, referente à expressão “Ô, gente!”. Alguns personagens de “Severa Romana” eram nordestinos, daí a utilização de alguns termos da região Nordeste, na obra.

126- A expressão “vosmecê” é uma referencia à forma “vossa mercê” a qual, pela lei do menor esforço, evoluiu, no plano da oralidade, para “vossemecê”, “vosmecê”, “vancê” e “você”. Atualmente, na oralidade, já há outra forma evolutiva: “cê”. Destas formas todas, a gramática registrou como formas pertencentes ao nível culto da língua, as seguintes: “vossa mercê” e “você”.

TRECHO U.1 - “É um bom salafrário!” (p. 124).

127- “Salafrário” é um adjetivo pouquíssimo usado, atualmente, no século XXI. Significa uma pessoa desonesta, canalha, sem escrúpulos, patife, desleal, safardana.

TRECHO V.1 – “(Brincalhão) Mesmo, mesmo? Jura? Pela fé da mucura? Já sei: fim do mês começo a comprar fraldas, mamadeira...” (p. 124).

128- “Jurar pela fé da mucura” é um ditado popular em tom de brincadeira, o qual significa um juramento sem os fundamentos da fé. Algo executado de forma brincalhona e sem bases pautadas na verdade. Permanece até hoje a utilização desta expressão popular, a qual é falada apenas pelos mais velhos, acima de sessenta anos.

TRECHO X.1 - “Tive pena dele. Foi removido pra Belém de supetão, largou a família no Ceará.” (p. 124).

129- “De supetão” significa “de súbito”.

TRECHO Z.1 - “Faça uma malvadeza comigo e você se estrumbica. Estou ciente do seu “assunto delicado” com a Severa...” (p. 125).

130- O verbo “estrumbicar” é uma gíria de época que significa “se dar mal”, “se prejudicar”.

TRECHO W.1 - “Disseram que você vive atazanando a Severa, pra namorar com ela.” (p. 125).

131- Aqui o autor registra a utilização coloquial do verbo “namorar” que, de acordo com as regras gramaticais, não pede o uso da preposição “com” por ser um verbo transitivo direto. Quem namora, namora alguém e não com alguém. Porém, de acordo com a linguagem oral, a preposição “com” é utilizada por sugerir companhia, já que ninguém namora sozinho; o ato de namorar sempre exige um acompanhante. Esta forma é utilizada, até os dias de hoje, na linguagem coloquial, sendo esta obra um retrato fiel do coloquialismo de uma época.

TRECHO Y.1 - “Calúnia??? A sua cara não treme?...” (p. 125).

132- Esta oração foi escrita, certamente, com base na seguinte situação: aquele que fala a verdade, não titubeia, em momento algum, e explicita firmeza, ao falar; se fala a verdade, não há por que tremer, portanto. Então, como a personagem achava que o seu interlocutor mentia, ela lhe fez a pergunta em questão. Esta é uma pergunta que era feita, na época, quando alguém achava que outrem mentia.

TRECHO A.2 - “Eu sei, como diz a Joana: quem não arrisca, não petisca. Elogia e espera pra ver se ela morde a isca do seu anzol, não é? Pois tomou o bonde errado: Severa é uma mulher honrada.” (p. 125).

133- “Petiscar” significa comer, aproveitando lentamente e com qualidade o sabor da comida.

134- “Quem não arrisca não petisca”, no contexto da obra, é uma metáfora a qual significa que aquele que não enfrenta os obstáculos, jamais conseguirá atingir o seu objetivo principal. Este é um ditado popular muito utilizado, ainda nos dias de hoje.

135- “Morder a isca do anzol” é outra metáfora que, neste contexto, significa cair em uma armadilha.

136- “Tomar o bonde errado” é uma estrutura conotativa que faz referência a um dos veículos de transporte, e que nos remete à situação de que alguém cometeu algum erro.

TRECHO B.2 - “A Severa você não desencabeça. Ela tem juízo.” (p. 126).

137- O verbo “desencabeçar” está sendo usado no sentido de seduzir, fazendo com que a vítima perca a razão, o juízo.

TRECHO C.2 – “Vosmecê não sabe o que diz, velha. E zombe deu não, pois filho de meu pai não esmorece com pouca coisa. O principal já consegui: sou da casa, desde hoje moro aqui, posso ficar tocando Severa o tempo todo. Se ela fraquejar eu dou o bote.” (p. 126).

138- “... zombe deu não...” é uma expressão nordestina considerada uma marca regional de oralidade; é o jeito nordestino de expressar-se; uma característica linguística que significa: “...não zombe de mim...”.

139- A expressão “Se ela fraquejar eu dou o bote” contém uma expressão popular: “Dar o bote” que significa “atacar”; de acordo com o contexto da obra significa “assediar sexualmente”.

TRECHO D.2 - “Julga que vai mesmo morar aqui? Uma ova.” (p. 126).

140- “Uma ova” é uma interjeição paraense. Expressa uma emoção de desagrado, revolta e chateação por algo ou alguém.

TRECHO E.2 - “Eu não apito nada nesta bodega, mas Severa não tem sangue de barata, pra consentir que você se enfronha no seu lar; Quando ela souber da sua intenção você volta com este embrulho de crista baixa.” (p. 126).

141- “Bodega” é uma palavra que está em desuso e significa uma taberna em péssimas condições de higiene e infra-estrutura; um pequeno armazém; uma baiúca; coisa sem grandes valores.

142- O ato de apitar nos remete ao poder exercido pelos militares. Portanto, quando se diz “eu não apito nada” é o mesmo que dizer “eu não tenho nenhum poder, nenhuma autoridade”.

143- “Ter sangue de barata” significa, em sentido depreciativo, não ter nenhuma sensibilidade humana; ter sangue frio; ter falta de brio; não reagir em situações desagradáveis, ofensivas; ser inirritável; ser apático.

144- A palavra “crista” significa um prolongamento carnosos, localizado sobre a cabeça de certas aves. Na obra, trata-se de uma forma pejorativa de falar com o personagem em questão, dando-lhe características de animal irracional.

TRECHO F.2 - “Não pode expulsar? Uma joça. Bota-lhe no olho da rua, e eu ajudo.” (p. 126).

145- “Joça” pode ser considerada uma interjeição, responsável por um sentimento de indignação e descontentamento. O vocábulo “joça” significa algo sem valia, sem relevância, objeto ruim, geringonça.

146- A expressão “no olho da rua” é uma metáfora que significa “expulsão”.

TRECHO G.2 - “Vosmecê não vale um deréis de mel coado.” (p. 126)

147- Desde o período Colonial até 7 de outubro de 1833, a moeda brasileira chamava-se “Réis”, a qual durou 303 anos. Neste trecho, o autor registra a moeda usada na época de 1900: “Réis”, a qual iniciou em 8 de outubro de 1883 a 31 de outubro de 1942, durando 59 anos. Na obra, usava-se esta moeda para comprar mel coado. E, quando se comprava mel com dez réis (coloquialmente “deréis”), comprava-se uma porção pequena do produto. Logo, quando se diz que “fulano não vale dez réis de mel coado”, diz-se que a pessoa em questão tem pouco valor ou, talvez, nenhum.

TRECHO H.2 – “Mas tenho sentimento, não sou da sua igualha.” (p. 127).

148- O vocábulo “igualha” significa “naipe”, “qualidade”, “casta” e encontra-se em desuso, na oralidade paraense.

TRECHO I.2 - “Dizer é fácil. Eu quero ver é na hora da onça beber água, como diz a Joana...” (p. 127).

149- Este trecho refere-se a uma história chamada “Bicho Folharal”, contada pelos mais velhos às crianças. Ei-la: “Era uma vez, uma onça que, cansada de tentar devorar a raposa, sem êxito, resolveu fingir-se de morta. Todos os animais chegaram perto dela. Porém, a raposa, perspicaz, de longe, falou o seguinte: -Minha avó, quando morreu, espirrou três vezes. Quem tá morto de verdade tem que espirrar. A onça, para demonstrar que estava morta, deu três espirros. A raposa gritou para todos os bichos que ela estava viva. Todos correram; a onça ficou furiosa e a raposa fugiu, rindo. Depois de algum tempo, houve grande seca na floresta e todos os animais só podiam beber água em um lago, perto da toca da onça. A onça ficava lá, deitada, só esperando a raposa. Todavia, a raposa passou mel no corpo inteiro e grudou em seu corpo várias folhas secas e foi tomar água. A onça, vendo-a, foi tomar água, também, e perguntou que bicho ela era. Ela respondeu que era o Bicho Folharal. Como ela estava com muita sede, acabou molhando-se demais e a água amoleceu o mel e as folhas caíram de seu corpo. A onça percebeu e pulou sobre a raposa, mas esta conseguiu fugir e foi embora, gargalhando”.

Com base nesta história, diz-se, até hoje que, quando alguém vai enfrentar uma situação de perigo, é como se fosse enfrentar a hora em que a onça vai beber água.

TRECHO J.2 – “(Na cozinha, alto) Somente mais um minuto e eu ponho na mesa o bacobaco.” (p. 127).

150- “Bacobaco” é uma comida: espécie de farofa usada pelos tropeiros, na época das entradas e bandeiras, aqui no Brasil. Em Belém do Pará, era um termo popular utilizado para simbolizar qualquer espécie de comida, em final do século XIX e início do século XX.

TRECHO K.2 – “Cale esta boca, velha arrelhada.” (p. 127).

151- A palavra “arrelhada” que está em desuso na linguagem oral paraense, significa: briguenta, zangada, aborrecida.

TRECHO L.2 - “Cale então primeiro a sua, seu Mapinguari!” (p. 127).

152- Mapinguari é um mito amazônico. Trata-se de um ser que vive na floresta Amazônica, cujo corpo é coberto por um pelo vermelho. Quando ele sente a presença de seres humanos, ele fica em pé e mede até dois metros e meio de altura. Os pés dele são virados ao contrário. As mãos são garras e ele evita água. Possui uma pele semelhante à pele do jacaré. Dele exala um cheiro horrível como o de um gambá. Por este motivo, a presa fica tonta e ele pode apanhá-la com facilidade. Sua boca se abre verticalmente e vai até a barriga. Daí deduz-se que pelo fato de a personagem chamar o seu interlocutor de Mapinguari, certamente o está ofendendo. Desta forma, o autor faz alusão a um dos grandes personagens lendários da Amazônia, imortalizando-o, em sua obra.

TRECHO M.2 - “E você vá pentear o macaco.” (p. 127).

153- “Vá pentear o macaco” é uma frase ofensiva. Usamo-la, quando queremos ver bem longe a pessoa com quem ou de quem falamos. A origem desta expressão deriva do seguinte provérbio português: “mal grado haja a quem asno penteia”. Quem penteava burros ou outros animais de carga, executava uma tarefa que não era vista com bons olhos, já que esta tarefa não interferia na qualidade do trabalho prestado por esses animais.

TRECHO N.2 - “E eu também já estou ficando tiririca com a sua presepada, seu indecente duma figa.” (p. 128).

154- A palavra “tiririca” faz referência a uma erva daninha ciperácea. É usada como sinônimo de “zangado”, “irritado”, “furioso”, “indignado”, “revoltado”.

155- A expressão “de uma figa” nos remete ao termo “pessoa ruim”. A palavra “figa” vem do latim “fica” (vulva), derivada de “ficu” (figo). O termo “figa” foi criado por analogia, haja vista que a aparência do interior do fruto lembra a aparência da vulva. A figa surgiu como uma metáfora do ato sexual. O dedo polegar representa o pênis, introduzido entre os dedos indicador e médio dobrados, os quais simbolizam o triângulo vaginal. Acreditava-se que a figa tinha o poder de destruir a esterilidade e trazer vida fértil. Hoje, a figa é considerada um talismã que possui o poder de evitar a má sorte. Todavia, a expressão “duma figa” é utilizada para desqualificar algo ou uma pessoa odiada (chefe duma figa, trabalho duma figa...). Com esta mesma intenção de desqualificar, a personagem Vizinha dirige-se ao Cabo Ferreira, o assassino de Severa Romana, neste trecho.

TRECHO O.2 - “(Na sala, colérico.) Velha dos seiscentos diabos, se vosmecê der mais um pio, eu lhe arrebeno a carcaça.” (p. 128).

156- Com base na tradição cristã, o Diabo é um anjo mau que habita entre nós como um mau ser espiritual. Ele foi expulso do céu. Foi jogado na Terra, por Deus, junto com a terça parte de anjos que viviam no céu, os quais foram expulsos porque se rebelaram contra Deus. O número que representa o diabo é o 666. Daí, deriva a expressão “seiscentos”, quando se faz referência a ele.

TRECHO P.2 – “(Desloca-se com Joana para a cozinha, onde se encontram Pedro e Severa; senta-se à mesa, juntamente com Pedro; Joana e Severa servem a comida, tensas, qual se aguardassem o desencadear de uma tempestade; Ferreira prova o alimento, cospe.) Chi, danou-se! Esta carne seca está mais queimada do que capim da minha terra no verão.” (p. 129)

157- “Carne seca” é o mesmo que “charque” e “jabá”. É um tipo de carne muito usada, ainda hoje, pelas pessoas da região Norte e Nordeste do Brasil. Além de costumes alimentares, o autor registra, ainda, neste trecho, os problemas causados pelo verão, em determinadas

idades da região Nordeste, haja vista que, durante o verão, há o fenômeno da seca, em algumas regiões, queimando e destruindo as plantações.

TRECHO Q.2 - “Para variar hoje não tem cozido, é guisado sem molho... no meu paladar está ótimo, não fica devendo nada a um quitute de primeira qualidade... (Há um silêncio forçado; os quatro se entreolham, comem.) Gostoso como pato no tucupi...” (p. 129).

158- Novamente, neste trecho, Nazareno Tourinho registra nossos costumes alimentares: comer pratos como “cozido” (carne cozida com muito molho e todos os legumes e verduras possíveis. Algumas vezes, a banana também é um ingrediente, neste prato.), “guisado” (carne cozida, com pouco molho e legumes) e “pato no tucupi” (prato típico do Pará, feito com uma ave de sabor exótico: pato, com “tucupi”: bebida extraída da mandioca, “jambu” (verdura característica de Belém do Pará.) e “molho de pimenta de cheiro” (pimenta característica de Belém do Pará, feita no molho do tucupi.).

TRECHO R.2 - “Comida péssima. Mais péssima do que rapadura mole com farinha mofenta.” (p. 129).

159- “Rapadura”, outra característica alimentar. O personagem que pronuncia esta frase pertence ao Ceará, estado do Nordeste. Nesta região, produz-se a “rapadura”, um doce feito artesanalmente, com a utilização da cana de açúcar, comercializado em barras. Utiliza-se, em sua composição, erva-doce, cravo, frutas e gengibre.

TRECHO S.2 - “Não se zangue; depois eu mato um frango de Nossa Senhora do Ó que está mesmo dizendo: me comam!... Teremos um senhor jantar.” (p. 129).

160- Com o nome “Nossa Senhora do Ó” o autor eterniza, mais uma vez, a crença popular, com base na religião católica. Trata-se de uma santa que se originou na Espanha, cidade de Toledo, entidade adorada pelo povo, cuja tradição expandiu-se ao Brasil, Pará, Belém.

TRECHO T.2 - “É do estado. Com sete meses de gravidez toda mulher se enche de quindim. Na janta ela come mais, a boiosa será uma especialidade...” (p. 129).

161- “Quindim”, no sentido figurado, representa dificuldade, embaraço. No sentido denotativo, trata-se de um doce feito pelas famílias brasileiras. Originou-se na região do Nordeste. Feito com gema de ovo, coco ralado e açúcar. Hoje, as famílias têm menos costume pelo fato de terem criado novas receitas de docinhos. Todavia, quando as pessoas não mais fizerem quindim, Nazareno Tourinho o terá eternizado, em sua obra, para inúmeras outras gerações que virão.

162- A palavra “boiosa” é um termo popular e afetivo, relacionado ao vocábulo “boia”, que significa “comida”. Trata-se de um termo usado no falar coloquial e não é utilizado na linguagem culta, escrita. Um termo que está quase em desuso.

TRECHO U.2 - “(Mirando Severa, sensual.) Formosura aí é língua de mosquito. Faz lembrar a Zefina, há quinze anos atrás.” (p. 129).

163- Na expressão “Formosura aí é língua de mosquito”, há uma figura de linguagem chamada Ironia que demonstra a quão ampla é a beleza física de uma pessoa. Sendo a língua de mosquito minúscula e a beleza da personagem de quem se fala sendo extrema, o personagem ironiza, usando esta expressão popular, criada pelos falantes da Língua Portuguesa da região Nordeste.

TRECHO V.2 – “Porque não quis. Vosmecê acha que eu ia me largar pra terra estranha com toda aquela filharada da moléstia? (p. 130).

164- A expressão “da moléstia” origina-se da expressão “cabrão da moléstia”, utilizada em Portugal. “Cabrão” significa “homem ruim, safado, mau caráter” e “moléstia” significa “doença, algo perigoso. Sendo assim, o personagem expressa, de maneira pejorativa, o quanto lhe pesam negativamente os próprios filhos.

TRECHO X.2 - “Zefina está envelhecida. É uma peitica.” (p. 130).

165- Na região Nordeste, o termo “peitica” é usado no sentido de “pessoa chata”, “enjoada”, “insistente”, “marrenta”.

TRECHO Z.2 - “E daí? Coco velho é que dá azeite. Mande buscar a sua Zefina.” (p. 130)

166- “Coco velho é que dá azeite” é um dito popular, empregado com a intenção de valorizar a pessoa idosa, querendo dizer que quanto mais idade se tem, mais qualidade se ganha.

TRECHO W.2 – “(Para o marido, erguendo-se do banco, taciturna.) Vamos dormir a sesta?! Não estou gostando da conversa.” (p. 130).

167- Neste trecho, Nazareno Tourinho resgata um costume passadista, o qual consistia em dormir, após o almoço. Este período era chamado de “sesta”. Em final de século XIX e durante a primeira metade do século XX, as tabernas, lojas e muitas outras casas comerciais fechavam, por volta de meio-dia, para que as pessoas descansassem. E reabriam às duas horas da tarde, após a “sesta”. Dormir após o almoço era um costume dos belenenses, nesta época. Hoje, são raras as pessoas que costumam fazer a “sesta” porque, de acordo com o progresso e as dificuldades que com ele foram surgindo, a maioria da população trabalha em dois ou mais períodos e não possui mais tempo suficiente para descansar, após o almoço. O autor, portanto, registra este costume paraense e as gerações vindouras terão oportunidade de conhecer os costumes de seus antepassados.

TRECHO Y.2 - “Pedro, és um felizardo. Tens uma mulher bonita, nem flor de moleque duro é tão bonita.” (p. 130).

168- A flor *Varronia leucocephala* é um arbusto que possui as folhas ásperas e os ramos rígidos. Por este motivo é chamada de “Moleque-duro”. Possui a cor branca, semelhante ao lírio, um branco imaculado. Sempre nasce agrupada, como um buquê, semelhante ao de uma noiva. Nasce na estação chuvosa. Pertence à Caatinga. É usada, na medicina, para a cura do reumatismo, garganta inflamada, artrites e hemorragias. Neste trecho, o autor resgata a beleza e relevância das flores nordestinas.

TRECHO A.3 – “(À parte, considerando a insistência dos galanteios de Ferreira.) Vai ser audacioso assim na caixa-prego...” (p. 130).

169- O termo “caixa-prego” é usado, quando se refere a um lugar extremamente distante. A existência da expressão se faz em relação ao local Caixa Prego, situado na Ilha de Itaparica, na Bahia, o qual é considerado longe, de acesso mais demorado. No contexto da obra, é usado como uma hipérbole, exagerando o adjetivo “audacioso”, direcionado ao personagem Cabo Ferreira. E, em outros contextos mais, o termo é usado para exagerar outros adjetivos quaisquer.

TRECHO B.3 - “Teve, sim. Casamento é sorte. Casamento e mortalha, no céu se talha.” (p. 130).

170- Se “casamento e mortalha no céu se talha”, isto significa que não depende de nós a felicidade ou a infelicidade. Ou seja, para ser feliz no casamento ou para morrer, o indivíduo sempre estará à mercê da sorte e do destino. Este é mais um provérbio popular advindo das crenças populares, registrado pelo autor.

TRECHO C.3 - “Eu invejo a tua sorte. Dei um azar da peste no casório, podia ter arrebanhado coisa melhor... era um moço de fama... me vestia igual a dono de engenho, quando conheci a Zefina... ganhava bem, viajando no rio Parnaíba como marinheiro do navio “Piauí”... naqueles tempos as mulheres me adulavam pra dançar com elas...” (p. 130).

171- O termo “arrebanhado” deriva da palavra “rebanho” e designa um linguajar característico de pessoas que trabalham com gado. Era um termo muito usado por pessoas nordestinas. Na obra, o termo é usado de maneira metafórica.

172- O termo “da peste” denota exagero de algo ruim. Neste trecho, Nazareno registra, ainda, o fato de os donos de engenho vestirem-se bem, com elegância, por terem uma boa situação financeira. Com isso, ele registra uma das diferenças existentes entre as classes sociais, já que, no Nordeste, os donos de engenho pertenciam à classe alta.

TRECHO D.3 - “Pavulagem!” (p. 131)

173- “Pavulagem”, outro termo utilizado pelo povo. Trata-se de um regionalismo paraouara muito empregado no sentido de presunção, bravatice, mentira ardilosa, embuste. Termo que expressa o caráter do personagem Cabo Ferreira.

TRECHO E.3 - “Depois que entrei no exército então é que me tornei um cabra mais afamado... nunca ouviu falar no quartel das minhas proezas na campanha de Canudos?” (p. 131)

174- A utilização do vocábulo “cabra”, o qual significa “homem”, é o resultado da influência de um costume da oralidade puramente regional do Nordeste brasileiro dos tempos da colônia. O vocábulo “Cabra” é derivado do termo “cabrão”, utilizado em Portugal, que significa “homem ruim, possuidor de mau caráter”. Podemos relacionar estas formas com as formas espanholas “cabrón” e “cabrón de mierda”. De acordo com a lei do menor esforço, a palavra “cabrão” transformou-se em “cabra”; daí os termos orais “cabra da mulesta” (“mulesta” é um termo coloquial e significa “moléstia”), “cabra da peste” significarem alguém valente ou perigoso. E, em nenhum contexto, estas expressões se referem ao animal irracional.

175 - A dramaturgia de Nazareno Tourinho possui um valor historiográfico, haja vista que educa o leitor sobre os fatos históricos de uma época. Um exemplo disto é quando ele faz referência a um movimento super relevante à história de nosso povo, como foi a “Campanha de Canudos”. A Guerra de Canudos teve como líder um homem chamado Antônio Conselheiro. Este movimento iniciou em novembro de 1896 e terminou em outubro de 1897. Trata-se da luta entre o Exército brasileiro e pessoas que integravam um movimento popular de caráter sócio-religioso. Ocorreu em Canudos, interior do sertão do estado da Bahia, no Nordeste brasileiro. O Nordeste, nesta época, passava pela seguinte situação: desemprego, fome, fenômeno climático da seca, violência, falta de apoio dos políticos aos mais carentes, fanatismo religioso de pessoas que prometiam aos seguidores uma vida melhor. As tropas do governo da Bahia, com apoio de militares enviados pelo governo federal guerrearam contra os habitantes de Canudos, os quais eram jagunços, pessoas extremamente pobres e alguns fanáticos religiosos, liderados pelo beato Antônio Conselheiro. As causas desta guerra reportam-se ao fato de o governo da Bahia, juntamente com os latifundiários não aceitarem o fato de os moradores de Canudos viverem sem seguir as leis pré-estabelecidas e não pagarem os impostos cobrados e acusavam Antônio Conselheiro de ser um defensor da volta da Monarquia. Antônio Conselheiro realmente era contra a cobrança dos impostos e contra o casamento civil. Ele se dizia um enviado de Deus, que tinha como missão liderar o movimento contra as injustiças sociais e diferenças de classe e era contra a República, afirmando ser este um sistema injusto. Nas três primeiras investidas do governo contra o povo, este se armou e resistiu contra os militares. Todavia, na quarta, o governo da Bahia solicitou ajuda das tropas militares federais. Os habitantes de Canudos foram massacrados de forma injusta. Idosos, mulheres e crianças foram mortos sem nenhuma piedade e o líder Antônio Conselheiro foi assassinado no dia 22 de setembro de 1897.

Nazareno Tourinho registra este episódio histórico, em sua obra, e o leitor perspicaz, interessado na pesquisa, poderá reviver em sua memória que a Campanha de Canudos significou a brava luta de um povo marginalizado do sertão nordestino, no final do século XIX, o qual não aceitava as injustiças sociais às quais era submetido. Mesmo sob derrota, lutaram até o final. Esta simples e relevante citação do autor faz com que sua obra possua um caráter historiográfico de relevante intertextualidade aos que leem não somente pelo entretenimento e sim visando à educação e ao crescimento cultural.

TRECHO F.3 - “(Rememorando) E em Grajaú?...O alferes Guapindaia apanhou uma cacetada, eu saquei da minha lambedeira de palmo e meio e gritei no terreiro: quem encostar no homem fica com o bucho destripado nesta meleca!” (p. 131).

176- “Lambedeira” é um termo informal. Trata-se de uma faca afiada, pontiaguda e comprida, usada no Nordeste.

177- O vocábulo “destripado” possui a conotação de esfaqueado, com as tripas expostas. Um termo popularmente muito usado, no sertão nordestino brasileiro.

178- A palavra “meleca” informalmente significa algo sujo, porco, igual a fezes.

TRECHO G.3 - “Não, ninguém se avoou. Eu tornei a xingar. Aí formou-se o banzé. Partiu o primeiro pra riba do Alferes e eu, olhe, faca nele! Partiu o segundo e eu: faca no pé do umbigo dele...”. (p. 131).

179- “Avoou” significa, neste contexto, “correu”, “fugiu”.

180- “Banzé” significa “barulho”, “desordem”, “briga”, “tumulto”. Este é um vocábulo de origem africana.

181- “Pé do umbigo” é uma catacrese extremamente popular, que caracteriza o falar do povo brasileiro e significa a região bem abaixo do umbigo.

TRECHO H.3 - “Que moleza... que macacoa... vamos cochilar? (Para Ferreira) Chega de potocas.” (p. 131).

182- “Macacoa” trata-se de uma palavra que significa “doença pouco grave”, “indisposição”, “moleza”.

183- “Potocas” é o mesmo que “mentiras”, vocábulo empregado coloquialmente, em uma determinada época pelos brasileiros.

TRECHO I.3 - “O reumatismo uma droga! Ela não almoçou porque deixou a comida queimar.” (p. 131).

184- A palavra “droga” significa “coisa qualquer”, “algo sem importância”, “algo inútil”, algo que não presta para nada”: vocábulo que caracteriza o falar brasileiro.

TRECHO J.3 - “(Para Ferreira) Não seja saído. A comida está saborosa, eu é que ando empanzinada. (Desarruma a mesa.) Tão panema tenho andado que tomo a bênção a cachorro e chamo gato de tio...” (p. 131).

185- “Saído” é o mesmo que “atrevido”.

186- O vocábulo “empanzinada” denota uma pessoa que comeu em excesso, ao ponto de ficar sentindo peso no estômago; sensação de barriga excessivamente cheia.

187- “Panema” significa uma pessoa vítima de feitiço, sem sorte, infeliz, caipora, azarento. Vocábulo que fazia parte de nosso vocabulário paraense e, hoje, é pouco usado pelos falantes da região Norte.

TRECHO K.3 - “Aluguei, por que não haveria de alugar? As coisas andam vasqueiras, tenho precisão de mais uns cobres para comprar aquelas pílulas do reumatismo.” (p. 132).

188- “Vasqueiras” é uma palavra que significa “escassas”, “difíceis”, “raras”; também usada, no início do século em questão.

189- O vocábulo “cobres” é uma gíria de época que significa “dinheiros”, “moedas”.

TRECHO L.3 - “Não lhe fiz nada pra vosmecê amarrar a cara. Que bicho lhe mordeu?” (p. 132).

190- “Que bicho lhe mordeu?” é uma metáfora popular, ainda usada nos dias atuais. Diz-se a uma pessoa que, sem motivo aparente, expressa um comportamento ou expressão fisionômica demonstrando que está aborrecida com algo ou alguém.

TRECHO M.3 - “Não tinha o direito e não tinha o dinheiro pra comprar remédio. Vosmecês pagam uma ninharia pelo quarto... Eu aluguei a sala, está alugada, quero ver quem vem no meu gogó...” (p. 134).

191- “Quero ver quem vem no meu gogó” é uma expressão usada por uma pessoa, quando esta quer desafiar outra, sentindo-se superior e demonstrando que não há ninguém capaz de enfrentá-la.

TRECHO N.3 - “Sim, louco... Ah! Paixão da peste que me queima até os ossos. Veja, Severa, como estou queimando de amor por vosmecê... ponha a mão na minha pele: está mais quente do que lombo de jumento puxando cangalha debaixo do sol...” (p. 134).

192- “Da peste” é uma locução adjetiva que, neste contexto, adquire o sentido de “enorme”, “avassaladora”. Trata-se de um termo utilizado, geralmente, pelo povo brasileiro nordestino.

193- A expressão “lombo de jumento puxando cangalha debaixo do sol...” resgata os costumes do interior do Nordeste, nos quais a utilização do jumento carregando breguessos era uma constante.

TRECHO O.3 - “Ponha a mão na minha pele e veja como está em fogo vivo. É a febre do amor. (Esbarra em Severa, ela recua.) A pele de vosmecê não está comichando de ardume, como a minha; ela é macia que nem pena de juriti...” (p. 134).

194- Neste trecho, o Cabo Ferreira utiliza-se de metáforas para seduzir Severa Romana e o autor faz alusão a uma ave brasileira, Juriti, cujas penas são macias. Assim, há o resgate de um elemento da fauna brasileira.

TRECHO P.3 – “(Volta-se energicamente) Não bula comigo!” (p. 135).

195- O verbo “bulir”, neste contexto, significa “mexer” com alguém de maneira saliente e imprópria e é pouquíssimo usado atualmente.

TRECHO Q.3 – “Valha-me, minha Nossa Senhora de Nazaré.” (p. 135).

196- O trecho faz referência à crença religiosa popular belenense, haja vista que os paraenses creem em Nossa Senhora de Nazaré como sendo uma santa milagrosa e a têm como padroeira, homenagenando-a em uma festa internacionalmente famosa, intitulada “Círio de Nazaré”, que acontece anualmente, em Belém do Pará, no mês de outubro.

TRECHO R.3 – “(Para Severa.) Alguma coisa grave? Você está nervosa como quem tem bicho carpinteiro.” (p. 135).

197- O “bicho carpinteiro” é um escaravelho que gosta de roer madeira. Quando se diz popularmente que alguém tem bicho carpinteiro é porque não se aquieta, como se houvesse um bicho carpinteiro roendo-lhe o corpo, por dentro.

TRECHO S.3 – “Eu explico, eu explico, não sou mulher de engabelar ninguém. Aluguei porque...” (p. 135).

198- “Engabelar” significa “enganar”. Este vocábulo existe, na gramática brasileira; porém, só as pessoas mais idosas fazem uso dele.

TRECHO T.3 – “Sei, sei, sei, você está enfezada com ele, porém sei disso desde quando? Não foi indagora que me rezou a ladainha? Ontem, quando o Cabo Ferreira me propôs a mudança, eu não sabia patavina do “assunto delicado”; não maldei nada, não me passou pela telha que a vinda dele ia lhe aperrear tanto.” (p. 135).

199- A expressão “indagora” refere-se a uma marca de oralidade, a qual representa a união de duas palavras: “ainda” e “agora”. O autor registra a fala coloquial, unindo as palavras citadas, num processo oral de composição por aglutinação.

200- A palavra “ladainha” vem do grego e significa “súplica”, súplica a entidades celestiais. Neste contexto, a expressão “me rezou a ladainha” é uma metáfora que significa: “expôs o problema”.

201- A palavra “patavina” é uma gíria de época, de origem latina (patauina). Trata-se de um pronome indefinido, o qual significa “nada” e está quase extinta, nos dias atuais.

202- A expressão “não me passou pela telha” é uma gíria, considerada gramaticalmente como uma metáfora, decorrente da analogia entre “telha” e “cabeça ou mente”, haja vista que ambas residem na parte superior. Aquela, na parte superior de uma casa; esta, na parte superior do corpo humano.

TRECHO U.3 – “Mulher quando fica barriguda, por qualquer me dá cá aquela palha se zanga.” (p. 135).

203- A expressão popular “me dá cá aquela palha” encontra-se em total desuso e significa “coisa insignificante”.

TRECHO V.3 – “Ele não faz parte da nossa mesa todo dia? Tu enjoaste o Cabo Ferreira porque vais dar a luz, Severa. Depois do menino nascer essa murrinha desaparece.” (p. 135).

204- A palavra "murrinha" significa “chata”, “birrenta”. Trata-se de um vocábulo que está em desuso quase completo, atualmente. Só é falado pelas pessoas idosas com o sentido de “moleza”, estado de quem está meio adoentado e indisposto.

TRECHO X.3 - “(Impedindo-o) Não, não abra a boca. Feche esta latrina senão estraga tudo.” (p. 136).

205- “Latrina” significa um lugar destinado para dejeções, excrementos, fezes, urinas, ou seja, “sanitário”. Trata-se de uma metáfora usada para quando a pessoa falava palavras indesejadas; a boca, de onde saíam as palavras, estava sendo comparada, de forma abreviada, à latrina.

TRECHO Z.3 - “Afinal, estamos em paz, o que passou, passou, é preferível a paz do que a guerra, todo soldado sabe disso.” (p. 136).

206- Aqui, Nazareno Tourinho registra a fala coloquial do povo paraense, quando constrói a regência do verbo “preferir” de maneira inadequada do ponto de vista gramatical, haja vista que a gramática formal exige a seguinte forma: “é preferível a paz à guerra”.

TRECHO W.3 - “Justamente, é preferível a paz, principalmente dentro do lar. Boa romaria faz que em sua casa chega em paz ou quem em sua casa está em paz.” (p. 136).

207- Tourinho eterniza, neste trecho, o seguinte provérbio popular: “Boa romaria faz quem em sua casa está em paz”, o qual, na oralidade de alguns paraenses, evoluiu para: “Boa Maria faz quem na sua casa está em paz”. Significa que é melhor ficar em casa do que arriscar-se for dela.

TRECHO Y.3 - Meu Deus, dessa vez espoca o escândalo... (Dramática) Severa, basta de falatório, mais tarde você discursa sobre o tal assunto. (Súplice) Cabo Ferreira, dê uma voltinha

antes que a casa caia. (Empurra-o para a rua.) Pedro, jogue uma pá de cal nesta lenga-lenga, encha o pote para mim na cacimba (Conduz Pedro à cozinha, coloca-lhe nas mãos o pote de barro, fazendo sair para o quintal.) (p. 136)

208- A palavra “epoca” é um registro coloquial de época, o qual significa “eclode”.

209- A expressão “antes que a casa caia” trata-se de uma metáfora que significa “antes que a tragédia ocorra”.

210- A expressão “jogue uma pá de cal” é outra metáfora, a qual significa “abafe o caso”, “contorne a situação”.

211- O vocábulo “cacimba” retrata a realidade de um povo pobre, que não possuía água encanada. “cacimba” significa “poço”.

TRECHO A.4 - “É... Mas... a água ficou choca... ponha outra. (Pedro sai; Severa chega da sala.) (p. 136).

212- A expressão “água choca” significa uma água contaminada, que passou do prazo de validade.

TRECHO B.4 - “Pelo menos espere uns dias. Quem espera sempre alcança.” (p. 136)

213- “Quem espera sempre alcança” é um ditado popular eternizado, nesta obra, pelo autor, o qual valoriza a esperança em dias melhores que virão.

TRECHO C.4 - “(Retorna da rua, atravessa a sala e o quarto, atinge a cozinha e dirige-se à Joana.) Palavra é palavra, negócio desfeito, punhal no peito.” (p. 137)

214- O dito popular “negócio desfeito, punhal no peito” refere-se a um ditado nordestino que expressa uma ameaça a quem desfaz um compromisso, anteriormente feito. Trata-se de uma ameaça física, uma ameaça de morte.

TRECHO D.4 - “(Para ele.) Vá-se embora, não me atente mais. A sala é sua, pode dormir nela, mas agora desinfete, volte somente à noite.” (p. 137).

215- O verbo “desinfetar” significa “desinfecionar, destruir germes bacterianos”. E, quando se usa a palavra “desinfete”, neste contexto, passa a ter uma conotação pejorativa, significando que a pessoa deve retirar-se do local por ter a presença indesejada.

TRECHO E.4 - “Eita! O que lhe deu nos miolos, bichinha?” (p. 137).

216- “Eita!” e “bichinha” são expressões características da Região Nordeste do Brasil. A primeira trata-se de uma interjeição de espanto e a segunda pode ser usada como substantivo ou adjetivo.

TRECHO F.4 - “(Trêmula) Está me dando um chilique... (p. 137).

217- “Chilique” é um termo coloquial que significa “ataque nervoso ou histérico, desmaio”.

TRECHO G.4 - “Velha Coroca, nariz de taboca...” (p. 138).

218- Trata-se de uma frase conhecida que era falada por moleques de rua, quando queriam ofender uma pessoa idosa do sexo feminino. A palavra “coroca”, em tupi-guarani, significa “sussurro”, “resmungo”, ou seja, “velha coroca” é uma pessoa idosa que reclama ou resmunga muito.

219- O vocábulo “taboca” significa “bambu” ou “taquara”.

TRECHO H.4 - “(Entra da rua gesticulando, como se repreendesse o moleque; vai ao quarto, onde se encontra Severa, semideitada numa rede.) A Vizinha não tarda; tinha ido ao Teatro Politeama, com a filha e o futuro genro. A velha ainda gosta dos seus fandangos, eu queria que você visse como ela chegou toda empiriquitada, toda perequeté. Aquela negra tem alma de branco.” (p. 138).

220- Nazareno Tourinho, nesta fala, resgata o nome de um dos teatros antigos de Belém: o Teatro Politeama.

221- “Fandangos” significa musical feito com danças e sapateados, utilizando violas e instrumentos de corda, num estilo dramático.

222- A palavra “empiriquitada” é um termo popular que significa “muito arrumada, com excesso de adornos”.

223- O vocábulo “perequeté” significa “faceiro”, “todo elegante e arrumado”.

TRECHO I.4 - “Não perde não. Dou o meu pescoço a cutelo. Conheço gravidez como a palma da minha mão, e por falar em mão sou parteira de mão cheia e com estas mãos já peguei mais de uma dúzia de crianças.” (p. 138).

224- “Cutelo” é um instrumento cortante, com lâmina, usado, antigamente, para a execução de pessoas. A expressão “Dou o meu pescoço a cutelo” significa ter certeza e confiança em algo que está sendo pronunciado.

225- O trecho resgata uma profissão quase em extinção, no século XXI: “parteira”. Em final do século XIX, as mulheres costumavam parir em casa, com o auxílio de uma parteira.

226- A expressão “de mão cheia”, neste contexto, significa um elogio: “excelente”.

TRECHO J.4 - “Isto é a falta de prática, primeiro filho é assim, depois acostuma. Não banque a “cabôca” do sítio.” (p. 138).

227- A palavra “caboca” registra uma marca de oralidade do paraense. E permanece bem atual, fazendo parte do nível coloquial de linguagem. “Caboca do sítio” é uma expressão popular que se refere a uma mulher simples, que vive no interior e não na cidade grande.

TRECHO K.4 - “Tudo é resultado do medo. Você está temerosa de... com perdão da palavra - temerosa de parir.” (p. 138).

228- Em final de século XIX e início de século XX, havia muito silêncio em relação a determinados assuntos, como: sexo, menstruação etc.. Era uma época em que os valores eram voltados ao respeito por tudo o que se referia à intimidade das pessoas. Uma época em que era, inclusive, vergonhoso pronunciar o verbo “parir”. Hoje, século XXI, já se pronuncia este verbo normalmente, de maneira natural, sem nenhum preconceito, timidez ou vergonha.

TRECHO L.4 - “A estória da oração costurada é esta: alguém enrolou uma oração num pedaço de couro, costurou bem costurada e deu para certa mulher que ia ter filho, garantindo que, na hora do parto, se ela segurasse e apertasse a bolsinha de couro com a oração, a criança nascia como um anjo. A mulher, quando teve a dor, tacou a oração na mão direita e haja a apertar - pois não é que o parto foi de rainha? Aí o boato se espalhou e toda mulher das redondezas, na hora de ter filho, apertava a bolsinha da oração entre os dedos e a criança nascia logo, lépida e faceira.” (p. 139).

229- Neste trecho, há o registro de uma gíria: “tacou”, a qual significa “colocou”. Todavia, a maior riqueza semântica do trecho reside no fato da perpetuação de uma das estórias populares que são contadas de geração a geração, verdadeiras estórias lendárias que se perpetuam de acordo com a tradição oral de um povo, gerando credices populares.

TRECHO M.4 - “É o seu erro. Se tivesse fé talvez se livrasse da caipora. A fé faz milagre, criatura.” (p. 139).

230- O vocábulo “caipora” vem do tupi-guarani e refere-se a uma entidade mitológica que habita nas matas. Em uma outra versão do folclore brasileiro, aparece representado através de uma figura indígena criança, nu e ágil.

TRECHO N.4 - “Fé é uma coisa, superstição é outra.” (p. 139)

231- Nazareno Tourinho, neste trecho, estabelece oportunidade para que o leitor-ouvinte reflita sobre as diferenças semânticas entre “fé” e “Superstição”.

TRECHO O.4 - “No fundo tudo é o mesmo, tudo é crença, o principal é ter crença. A estória da oração costurada prova isso, deixe eu acabar de contar. Por mais melindroso que o parto fosse, toda mulher, apertando a bolsinha, descansava logo; era água fria na fervura. Um dia, quando a mulherada já havia apelidado a bolsinha da oração de “pacotinho milagroso”, um velhote embriagado descosturou o couro, abriu a bolsinha e leu a oração; sabe o que estava escrito no papel?” (p. 139).

232- “Água fria na fervura” é uma metáfora muito usada, até os dias de hoje, e significa: “objetivo alcançado, mediante uma boa estratégia”.

TRECHO P.5 - “O que estava escrito, a tal oração do “pacotinho milagroso” só tinha estas três palavras: “PARI LOGO, BESTA”...” (p. 139).

233- O desfecho desta fala mostra o aspecto cômico das crendices populares.

TRECHO Q.5 - “Vem. E na oração dela pode confiar, a velha entende do riscado. Aquilo é curandeira de nascença, e ainda por cima formada com o Pagé Procópio, de Vigia.” (p. 139)

234- A expressão “entende do riscado” originou-se do estado do Rio Grande do Sul e significa “dominar uma profissão, um trabalho, uma tarefa qualquer.

TRECHO R.5 - “ Cura. Ela cura qualquer urucubaca. Em dois dias você fica toda sagica.” (p. 139)

235- O vocábulo “urucubaca” é uma palavra indígena e significa feitiço, catimbó, caiporismo.

236- A palavra “sagica” era uma gíria de época e significa animada, serelepe, faceira. Está em desuso.

TRECHO S.5 - “Assim é que se fala, mas não basta falar: endireite esta cara desenxabida e penteie este cabelo.” (p. 140).

237- “Desenxabida” significa “desanimada” e trata-se de um vocábulo quase em extinção, no século XXI.

TRECHO T.5 - “Os homens têm cada capricho tolo, não é? O meu finado marido não deixava eu me empoar, porque o pó para ele era novidade extravagante. Coitado, tão cedo o Diquito é que virou pó...” (p. 140).

238- Tourinho faz o resgate de um costume paraense bem antigo e que perdurou até recentemente, pelos anos de 1970. As pessoas, após tomarem banho, empoavam-se, ou seja, passavam pó perfumado no corpo, principalmente no pescoço. As mães faziam sempre isso com as crianças para lhes dar um ar de limpeza. E, atualmente, nunca mais se ouviu falar do verbo “empoar”, precioso vocábulo de uma relevante época.

TRECHO U.5 - “Levante e caminhe um bocadinho para a criança se acomodar no lugar dela. Ande, andar faz bem, cobra que não anda não engole sapo.” (p. 140).

239- “Cobra que não anda não engole sapo” é uma frase popular que significa que é necessário esforçar-se, quando se quer conseguir atingir um objetivo.

TRECHO V.5 - “Então repouse, vou tomar um caribé. (Desloca-se para a cozinha, onde um pote novo substitui o que foi quebrado; lá defronta Pedro, fumando, cismarento.) (p. 140).

240- Neste trecho, há um resgate bem relevante, referente a uma comida que era feita, no século XIX e XX, por pessoas humildes: “caribé” (mingau feito com farinha).

TRECHO X.5 - “Gravidez avançada é assim, seu tio-bimba.” (p. 140).

241- A expressão “tio-bimba” era um adjetivo muito usado, nesta época passadista (final do século XIX) e possuía uma conotação pejorativa. Significava alguém “bobo”, “tolo”.

TRECHO Z.5 - “Tenho pra mim que isso da Severa não é só gravidez, é desgosto porque eu não pus o Cabo Ferreira pra fora de casa.” (p. 140).

242- A expressão “tenho pra mim” trata-se de uma forma coloquial e significa “eu penso”, “eu acho”, “na minha opinião”.

TRECHO W.5 - “Não sei... sei que ele é um cínico de marca maior, cinismo ali é mato.” (p. 141).

243- A expressão “cinismo ali é mato” trata-se de uma metáfora que significa grande quantidade da existência de algo, haja vista que o mato cresce bem rapidamente e se espalha de maneira farta.

TRECHO Y.5 - “O que devia ter feito também não sei. Mas que você é um pamonha, é.” (p. 141)

244- O adjetivo “pamonha” era usado, no século XIX, e continua sendo usado, nos dias atuais, por pessoas idosas, e significa “alguém de poucas atitudes, que não age de forma eficaz, uma pessoa desprovida de energia e coragem”.

TRECHO A.6 - “No princípio eu era favorável à moradia do Cabo Ferreira aqui. Quando aluguei a sala não imaginei que ele premeditava namorar a Severa, quero morrer de gota serena se sabia...” (p. 141).

245- A expressão “gota serena” é uma expressão popular do Nordeste brasileiro. Refere-se a uma doença que passa de geração a geração. Caracteriza-se por inflamação nas articulações e ocorre quando o ácido úrico, no sangue, está com nível acima do normal. Conotativamente falando, quando se diz “morrer de gota serena” significa morrer de nervosismo, preocupação extrema.

TRECHO B.6 - “ 'Menas' verdade. O Cabo Ferreira persegue mesmo a Severa, não é implicância dela com ele não.” (p. 141).

246- A palavra “menas” exemplifica a fala do povo, desprovida de cuidados. Trata-se da linguagem informal, coloquial e corresponde à forma “menos”, que é a forma culta, exigida pela gramática brasileira.

TRECHO C.6 - “Seja como for, no princípio eu era pela moradia do Cabo Ferreira conosco, agora não. E sou de opinião que você deve reagir. Quem muito se abaixa...” (p. 141)

247- “Quem muito se abaixa...” refere-se ao ditado popular “Quem muito se abaixa, o fundo aparece”. Este ditado teve como origem o seguinte: “Quem muito se abaixa, oculo

padece.” Sabemos que a Língua Portuguesa é extremamente flexível, evolutiva e mutável; isso explica o fenômeno. O significado reside no fato de que, quando alguém exagera em fazer o bem a outra pessoa, ficando em uma situação de inferioridade, diante do outro, acaba se anulando de alguma forma, se fragilizando e ficando vulnerável.

TRECHO D.6 - “Sendo expulso daqui ele não tem pra onde ir. Está desarranchado no quartel.” (p. 141).

248- O vocábulo “desarranchado” significa estar desligado do quartel, sem lugar para fazer as refeições.

TRECHO E.6 - “Que se lixe!” (p. 141).

249- A frase acima trata-se de uma gíria e significa o desejo de alguém para que o outro sofra, se dê mal, que se depare com um infortúnio qualquer.

TRECHO F.6 - “Fique nessa fiúza e não estranhe depois a desmoralização.” (p. 141).

250- “Fique nessa fiúza” é o mesmo que ficar sendo roubado, sendo enganado.

TRECHO G.6 - “Sim. Os ‘filhos da Candinha’ não demoram a murmurar...” (p. 142).

251- A expressão “filhos da Candinha” é uma gíria e refere-se a pessoas maliciosas, maldizentes, curiosas, fofoqueiras.

TRECHO H.6 - “Pedro, não se faça de embasbacado. Daqui a pouquinho toda a vizinhança começa a falar que o Cabo Ferreira procura namorar a Severa nas suas barbas e você nem seu-souza...” (p. 142).

252- A palavra “embasbacado” significa pasmo, atônito, surpreso por algo inesperado.

253- A expressão “nas suas barbas” significa fazer algo na sua frente, cara a cara.

254- A expressão “nem seu-souza” remonta ao fato de alguém ouvir algo e não dar atenção ou não colocar em prática.

TRECHO I.6 - “O povo aumenta, mas não inventa... Pedro, o que você tem a fazer, e fazer depressa como quem rouba, é convidar o Cabo Ferreira para ir cantar noutra freguesia.” (p. 142).

255- “O povo aumenta, mas não inventa” é um ditado popular que mostra que, quando as pessoas falam sobre alguém ou um determinado problema ou acontecimento, sempre há um fundo de verdade. Nem tudo é mentira.

256- “Ir cantar noutra freguesia” é uma expressão popular que significa “ir para outro lugar”.

TRECHO J.6 - “Você tomou foi caldo de preguiça, para ser tão molongó.” (p. 142).

257- Diziam as pessoas de final de século XIX que, quando alguém tomava caldo de preguiça, ficava lento, desanimado. Trata-se, apenas, de uma crendice popular.

258- O vocábulo “molongó” significa “lento, mole, desanimado, devagar.”

TRECHO K.6 - “Quero lhe dar um chá de coragem, antes que seja tarde.” (p. 142).

259- A metáfora “um chá” significa um pouco ou um punhado.

TRECHO L.6 - “Tem coisíssima nenhuma. Tem é medo. Tem mais medo de afrontar o Cabo Ferreira do que o diabo da cruz. Por que não passa debaixo de um defunto para perder esse medo?” (p. 143).

260- De acordo com a superstição de muitos, em final de século XIX, quando uma pessoa passava por baixo de um defunto, ela deixava de ser medrosa.

TRECHO M.6 - “Educado não, zuruó. Parece um cachorrinho acorrentado, lambendo os pés cheios de chulé do Cabo Ferreira. O seu nome, em vez de Pedro Cavalcante de Oliveira, devia ser Pedro Cavalcante de COLEIRA...” (p. 143).

261- A palavra “zuruó” é um brasileirismo e significa “atordoado”.

262- O vocábulo “chulé” é uma representatividade do nível coloquial da Língua Portuguesa. “Chulé” significa “cheiro ruim”.

TRECHO N.6 - “Até que enfim. Salvou-se uma alma...” (p. 143).

263- A metáfora “salvou-se uma alma” significa que houve uma mudança rara e para melhor, em relação às atitudes de alguém.

TRECHO O.6 - “Vamos ser frouxo, mas assim é demais. Por que tem tanto pavor do Cabo Ferreira, hein?” (p. 143).

264- A palavra “frouxo” significa “medroso, covarde” e está no singular para representar o nível coloquial da Língua Portuguesa, pois as pessoas esquecem da concordância gramatical adequada, quando estão em uma situação de informalidade linguística.

TRECHO P.6 - “Pois vá remediando a situação, vá remancheando e depois não se arrependa.” (p. 143).

265- A palavra “remancheando” trata-se de uma gíria de época que significa “demorando, deixando para depois, procrastinando”. Atualmente, século XXI, a palavra em destaque não é mais usada.

TRECHO Q.6 - “Para mandar às favas o Cabo Ferreira? Há, sim: hoje mesmo você está com a faca e o queijo na mão.” (p. 143).

266- “Mandar às favas” é uma gíria que significa “descartar a pessoa, mandar embora”.

267- Diz-se “está com a faca e o queijo na mão”, quando se quer afirmar que a pessoa possui todas as chances e possibilidades para realizar algo.

TRECHO R.6 - “Adivinhou, passarinho verde... Aproveite a ocasião, berre que o seu lar não é antro de cachaceiro, e se o dito cujo estrebuchar, pau na moleira dele.” (p. 144).

268- Fala-se em “passarinho verde”, quando se quer expressar alegria, contentamento.

269- A gíria “pau na moleira” significa surrar alguém, golpeando-lhe a cabeça.

TRECHO S.6 - “Superior em que, um bestalhão daquele. Ele se gaba de muitas bravuras porém é tudo lambança.” (p. 144).

270- A palavra “lambança” é uma gíria e significa “mentira anunciada por vaidade”. Está em desuso.

TRECHO T.6 - “Não digo que é um bocó?” (p. 144).

271- O vocábulo “bocó” é uma gíria que significa “bobo”. Pouco usada, atualmente.

TRECHO U.6 - “Um palerma. Com um marido do seu tipo, coitada da Severa. Ela que passe pena de jurutaí por baixo da cama para proteger a honra, senão está frita.” (p. 144).

272- A honra de uma pessoa fica protegida, quando se “passa pena de jurutaí por baixo da cama”. Trata-se de uma superstição que desapareceu com o tempo.

273- “Está frita” é uma gíria que significa “está em péssima situação”.

TRECHO V.6 - “Tem, contudo não se fie muito... O Cabo Ferreira é matreiro, desencava um olho de boto...” (p. 144)

274- Há uma superstição a qual afirma que, se a pessoa possui um olho de boto e o leva consigo, no bolso da roupa ou em algum lugar do corpo, isso pode lhe conferir o poder de atrair alguém do sexo oposto. Esta superstição permanece atual.

TRECHO X.6 - “Ou ela dá com os burros n’água e você não pode nem se queixar, tem que ser corno manso.” (p. 145).

275- “Dar com os burros n’água” significa cometer algum erro do ponto de vista sexual.

276- “Corno manso” é uma gíria ofensiva. Significa o marido que sabe da traição da mulher e não toma nenhuma atitude para mudar a situação. Atualmente, ainda se usa este termo.

TRECHO Z.6 - “Falo, porque estou até aqui consigo. Então o Cabo Ferreira tem a petulância de perseguir a Severa e você não se dá por achado?” (p. 145).

277- A utilização do termo “consigo” é uma marca registrada da linguagem oral. Um registro que foge aos padrões gramaticais, não fazendo parte do nível culto da Língua Portuguesa.

278- “Não se dá por achado” é uma expressão popular que expressa que alguém não percebeu algo.

TRECHO W.6 - “Tomara que dê na veneta da Severa lhe enganar. Quando você menos esperar, pronto: acabou-se o que era doce...” (p. 145).

279- “Dar na veneta” é uma gíria que significa “ter uma ideia”.

280- “Acabou-se o que era doce” é uma expressão popular, dita em tom de brincadeira, que significa que algo era bom, mas terminou.

TRECHO Y.6 - “Quando você menos esperar, babau! Estará mais chifrudo que boi do Marajó!” (p. 145).

281- “Babau” trata-se de uma gíria onomatopeica.

282- “Chifrudo” é um vocábulo utilizado, neste contexto, para expressar traição. Diz-se “chifrudo” ao homem que é traído pela mulher.

TRECHO A.7 - “(Noutro diapasão, fraternalmente.) Pedro, eu sei, jamais Severa cairá em desonra. Estou-lhe cutucando dessa maneira para sacudir seu tino, para você tomar uma providência enquanto é tempo. O Cabo Ferreira pode reinar com a sua mulher, ela pode ter um abalo e perder o filho. Sou parteira há mais de dez anos neste Umarizal e tenho visto muita mulher abortar em consequência de susto e de ser magoada.” (p. 145).

283- “Reinar”, neste contexto, significa “insistir em assédio de forma séria e perigosa”.

284- A profissão “parteira”, extinta nas cidades grandes brasileiras, aqui é resgatada e registrada, perpetuando-se, assim, uma realidade existente, em Belém do Pará, em final de século XIX.

TRECHO B.7 - “Porém antes você pega uma acha de lenha maraximbé e sapeca nele. É pá casca.” (p. 146).

285- “Lenha maraximbé” era a lenha retirada da árvore icacinácea (*Emmotum fagifolium*).

286- “É pá casca”, expressão popular que expressa que algo acontecerá com certeza, de forma não duvidosa.

TRECHO C.7 - “Francamente, nunca houvera de pensar que você fosse tão boboca.” (p. 146).

287- A forma “houvera” indica uma manifestação da linguagem oral, na qual o falante da Língua Portuguesa utiliza o pretérito mais que perfeito no lugar do futuro do pretérito.

288- “Boboca” era uma palavra muito usada, na época de final de século XIX, e significa “bobo”, “tolo”.

TRECHO D.7 - “Ouça, Pedro, a mim ninguém toma por lesa. Qual é a verdade?” (p. 146).

289- A expressão “a mim ninguém toma” quer dizer “ninguém me interpreta, me classifica”.

TRECHO E.7 - “Nessa sua recusa de despachar o Cabo Ferreira há dente de coelho. Ou você é muito medroso mesmo, ou está mal intencionado com a sua mulher, ou esconde alguma coisa.” (p. 146)

290- Quando se diz “há dente de coelho”, significa que há algo que não foi explicado perfeitamente; algo inadequado; algo errado; algo secreto.

TRECHO F.7 - “É o medo. Você não tem tupete de botar as cartas na mesa com o Cabo Ferreira, não é?” (p. 146).

291- A palavra “tupete” significa, neste contexto, “coragem”.

292- A expressão “botar as cartas na mesa” é uma metáfora que significa “esclarecer algo com alguém de forma verdadeira e detalhada”.

TRECHO G.7 - “Quem, eu? Uma osga!” (p. 146).

293- A palavra “osga”, neste contexto, trata-se apenas de uma gíria com valor de interjeição, com sentido negativo.

TRECHO H.7 - “(Entra da rua, dando o primeiro passo com o pé esquerdo, retrocede e retifica a passada, a fim de penetrar na sala com o pé direito.) Custei, mas cheguei, e cheguei com o pé direito. (Invade o quarto para onde igualmente se dirige Joana, saindo da cozinha.) O que é isto, Severa? Puseram mandinga em você?” (p. 147).

294- “Chegar com o pé direito” trata-se de uma superstição caracterizada pela crença de que, quando uma pessoa entra em um local com o pé direito, ela atrai sorte.

295- A palavra “mandinga” era um vocábulo muito utilizado, no século XIX. Atualmente, século XXI, utiliza-se mais a palavra “feitiçaria” ou “macumba”.

TRECHO I.7 - “Bebeu o chá de erva-cidreira?” (p. 147).

296- Nesta época (século XIX), as pessoas acreditavam piamente no poder da cura pela natureza. A erva-cidreira é uma das plantas brasileiras capazes de oferecer cura.

TRECHO J.7 - “Não, ontem ela se alagou no tacacá, eu pensei que fosse fígado, dei o chá de sucuba.” (p. 147).

297- A expressão “se alagou no tacacá” significa “tomar tacacá em demasia”. Aqui, o escritor ressalta a gíria “alagar”, destacando, também, o tacacá, bebida típica de Belém do Pará.

298- Quando o autor faz referência ao chá de sucuba, ele eterniza o poder de cura das ervas brasileiras e amazônicas.

TRECHO K.7 - “Vai ver que é a mãe do corpo. Deixe examinar. (Apalpa Severa demoradamente; Pedro chega da cozinha, intervém, solícito.)” (p. 147).

299- “Mãe do corpo”, com base em crenças exotéricas, é um ser espiritual feminino que habita, no interior do corpo da mulher, principalmente durante a gravidez e depois do parto. Quando a criança nasce, este ser fica sentindo a falta da criança, começa a procurá-la e, devido a isto, a mãe sente os movimentos da criança, mesmo depois dela ter nascido. E a Mãe do corpo é responsável por determinadas doenças e algum mal-estar.

TRECHO L.7 - “(Detendo a destra sobre o músculo cardíaco de Severa.) Chi!... Vejam o baticum do coração.” (p. 147).

300- “Chi!” é uma interjeição que expressa, neste contexto, preocupação e espanto.

TRECHO M.7 - “(Encerrando o exame.) O que ela tem é doença chinfrim: espinhela caída.” (p. 147).

301- O vocábulo “chinfrim” significa sem graça, pobre, sem atrativo.

302- “Espinhela caída” é uma doença caracterizada pelo deslocamento do osso do meio tórax, provocando uma grande dor no peito, nas costas, pernas e a pessoa passa a sentir-se muito cansada, ao executar algum esforço físico.

TRECHO N.7 - “Na batata, mas eu curo isso em três tempos. Ponham um grelo de malvarisco no peito e nas costas, depois me informem o resultado.” (p. 148).

303- A expressão “na batata” trata-se de uma gíria e significa “com certeza”.

304- A expressão “em três tempos” significa “rapidamente”.

305- A palavra “grelho”, neste contexto, significa “um embrião quando surge da semente”. E “grelho de malvarisco” refere-se a um broto de malvarisco, que é uma planta chamada cientificamente de “*Althaea Officinalis*” e serve para combater gripe, bronquite, tosse e dor de garganta, sendo uma planta anti-inflamatória.

TRECHO O.7 - “A criança está no lugar, Severa. Não tenha dúvida. Este coirão nasce direitinho.” (p. 148).

306- Neste contexto, a palavra “coirão” significa “menino travesso”.

TRECHO P.7 - “Olhe como a barriga dela empinou, Vizinha. Com toda certeza é homem.” (p. 148).

307- Na superstição popular, quando a mulher grávida possui uma barriga muito empinada para a frente, sem alargar para os lados, acredita-se que o bebê nascerá pertencente ao sexo masculino.

TRECHO Q.7 - “O quê? Tesoura nova para cortar o umbigo do curumim? Não, sou parteira mas não tenho: casa de ferreiro, espeto de pau.” (p. 148).

308- O vocábulo “curumim” significa “criança” e possui sua origem no tupi, designando crianças indígenas.

309- “Casa de ferreiro, espeto de pau” é um ditado popular, usado quando se quer expressar que uma determinada pessoa tem habilidade para fazer algo, mas não usa essa habilidade para beneficiar a si própria.

TRECHO R.7 - “Minha filha, eu vou convocar os meus caruanas pra fazerem uma descarga no teu lar. Se não houver melhora no prazo de dois ou três dias é porque existe algum

trabalho de macumba feito contra ti, trabalho de inveja. Aí somente um tajá curado resolve." (p. 148).

310- "Caruanas" é um termo usado para designar espíritos, entes sobrenaturais, os quais habitam os igarapés e rios.

311-A expressão "fazerem uma descarga no teu lar" significa realizar um trabalho espiritual, com a finalidade de eliminar energias negativas.

312- A planta denominada "Tajá", cientificamente chamada de *Caladium Bicolor*, é uma planta usada pelas pessoas exotéricas para proteção. Chama-se tajá curado o tajá enfeitado e trabalhado nos mistérios da magia, com a finalidade de proteger alguém.

TRECHO S.7 - "Não tem o que errar: mata-se um gavião caipira, ensopa-se uma blusa ou um qualquer pano no sangue dele, queima-se a fazenda suja de sangue e com as cinzas alimenta-se o pé de tajá. Curado deste modo o tajá atrai a felicidade pro lar." (p. 148).

313- O trecho acima explica sobre o modo de se fazer um ritual espiritual para que se tenha um tajá curado, com a finalidade de proteger as pessoas e o ambiente.

TRECHO T.7 - "Minha filha, tu gosta de rezar? Então vou te ensinar a "Oração da Força do Credo". Tenho copiada lá em casa, trago no papel, pra não esqueceres. É curtinha, diz assim:

Meu amantíssimo Jesus

Eu vos ofereço este credo

Que rezo em tenção de Nossa Senhora do Desterro

Pra desterrar todos os meus inimigos

Pra que me livre da ponta de faca

Da boca de espingarda

De todo instrumento cortante

De todo malefício

De morrer afogada

Nosso Senhor Jesus Cristo no rio Jordão salvou a Pedro

Na barca de Noé eu me tranco

Eu me fecho

Nosso Senhor Jesus Cristo me acompanha na vida e na morte

E com três palavras eu me benzo." (p. 149).

314- Com este trecho Nazareno Tourinho expressa a fé, a religiosidade do povo belenense, a qual não se extinguiu e se faz presente, até os dias de hoje.

TRECHO U.7 - “Não, Matinta-Perera tem aparecido cedo, não quero topar com visagem. (Encaminha-se para a sala, seguida por Joana e Pedro. Severa permanece no quarto.)” (p. 149).

315- “Matinta-Perera” é um relevante mito da Região Amazônica, responsável por povoar o imaginário popular paraense. Trata-se de uma mulher misteriosa que sai de sua casa à noite, pede tabaco às pessoas para fumar e assobia, de madrugada, assombrando as pessoas, as quais acreditam ser ela uma bruxa, inclusive capaz de voar em sua vassoura e fazer o mal.

TRECHO V.7 - “Não era ela, não, era um rasga-mortalha. Mau agouro. Rasga-mortalha deu sinal, pode anotar, alguém entregará a alma a Deus por estas bandas.” (p. 150).

316- Rasga-mortalha é uma coruja de cor branca, de voo baixo. Quando ela voa, suas asas fazem um atrito e provocam um barulho semelhante a um tecido sendo rasgado. De acordo com a superstição popular, quando ela voa sobre uma casa, fazendo o característico barulho, certamente alguém que vive naquela casa morrerá.

TRECHO X.7 - “Já viu pau que nasce torto se endireitar? Continua atucanando a Severa.” (p. 150).

317- A primeira parte do trecho refere-se ao seguinte ditado popular: “pau que nasce torto morre torto”. Demonstra, na visão da personagem, que um ser humano mau caráter, jamais passará a ter bom caráter.

318- O vocábulo “atucanando” significa aborrecendo, irritando, apoquentando e está em total desuso.

TRECHO Z.7 - “(Sarcástica) Paresque... (p. 150).

319- A expressão “paresque” é uma forma oral que corresponde à seguinte forma escrita culta: “parece que”. Trata-se de mais um aspecto da oralidade, registrado pelo autor.

TRECHO W.7 - “(Para Joana) E você acoita na sua casa gatinha dessa espécie?” (p. 150).

320- “Acoitar gatinha” significa dar espaço à pessoa de má conduta.

TRECHO Y.7 - “Quando aluguei a sala para o Cabo Ferreira, já lhe disse, não pesquei a tramoia que ele arquitetava. Se arrependimento matasse...” (p. 150).

321- A expressão “não pesquei” é uma metáfora que significa “não compreendi”.

TRECHO A.8 - “Não tem a menor consciência. É um esganado por mulher.” (p. 150).

322- “Esganado”, neste contexto, significa ansioso, esfomeado, desesperado. Este vocábulo não é mais usado, atualmente, com estas significações.

TRECHO B.8 - “Quem diria! Um sujeitinho encarquilhado daquele, feio como a necessidade...” (p. 150).

323- A palavra “encarquilhado” significa enrugado, envelhecido.

TRECHO C.8 - “Metido a conquistador, se julga mordido de formiga taoca.” (p. 150).

324-As formigas Taocas são carnívoras, nômades e migratórias, também chamadas de Formigas-de-correição. Gostam de fazer ninhos dentro de tocos ocos de árvores. Vivem em colônia e andam em grupos. Possuem uma rainha, única, com um abdômen enorme. É a maior formiga da colônia. Ela pode colocar 300.000 ovos, a cada ciclo reprodutivo de 35 dias. Elas vivem, geralmente, 5 anos. Sendo assim, “julgar-se mordido de formiga taoca” significa considerar-se extremamente forte e poderoso.

TRECHO D.8 - “Porque existe muito marido com sangue de barata. Não vê este aí? Acha que para enfrentar o Cabo Ferreira deve aguardar primeiro a mulher ter criança, acha que deve esperar quase um mês, acha que isso não é sangria desatada.” (p. 151).

325-A barata é um inseto que não possui sangue tradicional, possuindo apenas um fluido chamado hemolinfa, o qual é transparente e sem pigmentos. Por isso, se diz que a pessoa que é calma e não reage a situações difíceis e vexatórias, tem sangue de barata, haja vista que popularmente acredita-se que o sangue conduz todas as emoções ao coração.

326- A expressão “sangria desatada” significa “problema grave, confusão”.

TRECHO E.8 - “O único jeito é vocês, sempre quando o Cabo Ferreira entrar em casa, virarem a vassoura pro ar e jogarem um pouco de sal no fogo.” (p. 151).

327- Aqui, Nazareno Tourinho destaca duas superstições: a primeira caracteriza-se pela crença de que, quando viramos uma vassoura de cabeça para baixo, a visita indesejada vai logo embora. A segunda caracteriza-se por acreditar-se que, ao ser jogado um pouco de sal no fogo, o indivíduo indesejado retira-se do local, perdendo as forças para nos fazer alguma maldade.

TRECHO F.8 - “(Entra alcoolizado.) Chegou eu. (Cambaleia, mira Joana de cima a baixo, provocadoramente.)” (p. 151).

328- Com a utilização do desvio linguístico “Chegou eu”, o autor eterniza a linguagem coloquial popular, bem diferente do nível culto, na forma: “Cheguei eu”.

TRECHO G.8 - “Por que me olha com estes olhos de seca pimenteira?” (p. 151).

329- A expressão “seca pimenteira” possui origem no Candomblé e refere-se ao famoso “olho gordo”, expressão usada para quem é invejoso e atrai acontecimentos ruins para aquele ser humano, vítima de inveja. Diz a crença popular, ainda, que há pessoas invejosas que têm o poder, com sua energia maléfica, de secar uma pimenteira ou outra planta qualquer.

TRECHO H.8 - “Vá se coçar, velha feiticeira.” (p. 151).

330- “Vá se coçar” é uma expressão que está sendo empregada de forma pejorativa, no sentido de “vá se ferrar, vá se lascar, vá se danar.”

TRECHO I.8 - “E você, vá mundiar desta casa, seu desavergonhado.” (p. 151).

331-O vocábulo “mundiar” significa “magnetizar, “assombrar”, “causar entorpecimento a alguém”. Quando se diz “vá mundiar desta casa”, é o mesmo que dizer, em nível coloquial, para a pessoa “ir fazer entorpecimento em outro lugar”.

TRECHO J.8 - “E ah! Se eu tivesse aqui com a minha muxinga, seu Curupira.” (p. 151).

332- A palavra “muxinga” significa “chicote para surrar alguém”.

333-A palavra “Curupira” é derivada do idioma tupi “kuru’pir” (significa “o coberto de pústulas”). Considera-se, ainda, que a palavra deriva de “curu”, contração de “corumi” (menino) e “pira” (corpo de menino). Trata-se de um dos mitos do folclore brasileiro: criatura habitante das florestas, com cabelo vermelho e aspecto de moleque, o qual possui os dois pés virados para trás, com os calcanhares para frente. É considerado um demônio das florestas que atormenta os índios, surrando-os. Diz a lenda que ele, também, faz com que os caçadores se percam, na floresta. Também chamado de Caipora.

TRECHO K.8 - “O que, velha? Vosmecê me surrava de rebenque? Era capaz disso?” (p. 151).

334- A palavra “vosmecê” trata-se da evolução da expressão “vossa mercê”. É a prova do dinamismo e evolução da língua.

335- “Rebenque”, também conhecido como “mango”, é um instrumento usado para açoitar cavalo.

TRECHO L.8 - “Sou mulher até pra lhe pôr um sapo na barriga.” (p. 151).

336- A expressão “pôr um sapo na barriga” é uma referência aos costumes praticados pelos exotéricos, em determinados rituais de magia negra, quando se desejava matar alguém. Tratava-se de um trabalho de bruxaria, utilizado com o sacrifício de sapo.

TRECHO M.8 - “Vizinha, não gaste sua vela com defunto tão ruim.” (p. 151).

337- A frase é uma metáfora com a intenção pejorativa de expressar que não se deve perder tempo com pessoas de mau caráter.

TRECHO N.8 - “É malhar em ferro frio.” (p. 151).

338- Trata-se de uma expressão popular, a qual significa que se está perdendo tempo com alguém que nunca muda.

TRECHO O.8 – “Cale a boca, velha arrelhada.” (p. 152).

339- “Arrelhada”, vocábulo em desuso, o qual significa “aborrecida”, “estressada”.

TRECHO P.8 – “(Imponente, para Ferreira.) Tenho fé em Deus, e na Virgem Santíssima, que você há de acabar os seus dias coberto de lepra num hospital ou coberto de ódio numa prisão.” (p. 152).

340- Neste trecho, comprova-se a fé católica, ao ser citada a Virgem Santíssima.

341- O autor faz referência a uma doença que não possuía cura, na época: a lepra.

TRECHO Q.8 – (A Pedro, num sussurro.) Aproveite a ocasião, escorraça ele. Quer que eu apanhe uma acha de lenha?” (p. 152).

342- O verbo “escorraçar” significa “expulsar”.

343- A expressão “acha de lenha” significa “um punhado de lenha”.

TRECHO R.8 – (Totalmente dominado pela embriaguez, fala sem atinar o que diz.) Dancei no Boi-bumbá... dancei e briguei... Foi cacete que nem Nosso Senhor em dois anos remenda os feridos...” (p.152).

344- Neste trecho, Nazareno Tourinho eterniza uma das danças folclóricas juninas paraense e brasileira: o Boi-bumbá, que se caracteriza por ser semelhante a um auto. Há a mistura de dança, teatro e aspectos circenses. Trata-se da interpretação da história de um casal de escravos: o pai Francisco e a mãe Catirina. Por ela estar grávida, sente o desejo de comer língua de boi. Então, o marido resolve matar o boi mais belo de seu Senhor. Quando o animal morre, o dono da fazenda convida pajés e curandeiros para ressuscitá-lo. Assim, o boi volta a viver e todos festejam dançando

TRECHO S.8 – “Você não bota cobro nas impertinências dele, é isto, está escutando? Cangaceiro! Não toma uma decisão, não ata nem desata.” (p. 153).

345- A expressão em desuso “botar cobro” significa “cobrar alguém, impedindo-o de realizar uma determinada atitude errada”.

346- “Não ata nem desata” significa “não tomar nenhuma atitude”.

TRECHO T.8 – “E eu sei o que digo. Você termina ficando sem a Severa. Deus só dá asa a quem não sabe voar; uma mulher tão virtuosa e um marido tão... deixa eu me calar, o melhor é meter a viola no saco... (p. 153).

347- “Deus só dá asa a quem não sabe voar” é uma antítese popular que significa, neste contexto, que alguém está desperdiçando uma bênção que lhe foi concedida.

348- “Meter a viola no saco” é uma metáfora que significa, neste contexto, “desistir de algo” ou “calar-se”.

TRECHO U.8 – “Severa... onde se socou a Severa?...” (p.153).

349- A expressão “se socou” é uma gíria e significa “se escondeu”.

TRECHO V.8 – “Não disse? E agora, seu degas?” (p.153).

350- O vocábulo “degas” significa a própria pessoa que fala ou uma pessoa importante, que tudo resolve, que tudo sabe.

TRECHO X.8 – “Será que você não gira bem da bola?” (p.153).

351- “Não gira bem da bola” é uma gíria que significa que a pessoa tem problemas mentais.

TRECHO Z.8 – “Saia, seu inconsciente; não ouviu Pedro dizer que ela está malacafenta?” (p. 154).

352- O vocábulo “malacafenta” significa “adoentada, indisposta”.

TRECHO W.8 – “O que tem os vizinhos? Dê uma banana para eles.” (p.154).

353- “Dar uma banana” é o mesmo que “não dar ouvidos, nem consideração a alguém”.

TRECHO Y.8 – “(A Ferreira.) Puxe já daqui! (Empurra-o para a sala.)” (p.154).

354- Neste contexto, o verbo “puxar” representa uma gíria e significa “ir embora, afastar-se”.

TRECHO A.9 – “(A Ferreira na sala.) Volte para rua. Volte para sua gandaia.” (p.155).

355- A palavra “gandaia” possui etimologia espanhola (gandaya) e, tanto na Espanha quanto no Brasil, significa um comportamento vadio, vagabundo, boêmio.

TRECHO B.9 – “Vou a uma festança do arromba... na Pedreira...” (p.155).

356- Diz-se “festa do arromba” a uma festa grande, bem movimentada, incrementada, animada e bem servida de excelentes iguarias.

357- Pedreira é o nome de um dos bairros de Belém do Pará, o qual perdura até os dias atuais.

TRECHO C.9 – “Pois o que espera? Vá logo senão eu me espoleta. (Puxa-o para a porta da rua.)” (p. 155).

358- O verbo “espoletar” significa “colocar espoleta”; porém, neste contexto, o sentido é figurado e significa demonstrar profundo estresse e acabar brigando.

TRECHO D.9 – “Estou a pique de me engalfinhar consigo, seu caraquento.” (p.155).

359- A palavra “caraquento” origina-se do castelhano “caraqueño” e significa uma pessoa com feridas pelo corpo.

TRECHO E.9 – “Não me desfeiteie... não me achincalhe...” (p. 155).

360- “Desfeitear” significa “tratar mal, desprezando alguém”.

361- “Achincalhar” significa avacalhar ou depreciar alguém, usando palavras pejorativas.

TRECHO F.9 – “(A Pedro.) E você, tudo o que sabe dizer é “tenha calma, tenha calma” – uma besta quadrada!” (p.155).

362- A expressão “besta quadrada” refere-se a uma pessoa extremamente ignorante, como se a sua ignorância ou burrice estivesse elevada ao quadrado.

TRECHO G.9 – “Por que deseja que eu me arribe?” (p.155).

363- A palavra “arribar” está sendo usada em sentido figurado e significa “deixar o ambiente, ir embora para outro lugar”.

TRECHO H.9 – “Porque você não tem um cuí de vergonha.” (p. 155).

364- O vocábulo “cuí” possui origem indígena (tupi) e significa farinha bem fininha e peneirada; porém, neste contexto, a palavra está sendo usada conotativamente e significa uma porção bem pequena de vergonha.

TRECHO I.9 – “Quem complica tudo é você. Não passa de um tapado. Fique no quarto com a sua mulher e me deixe sozinha. Sei onde tenho o nariz.” (p. 155).

365- Quando se diz que alguém é “tapado” (gíria), significa que a pessoa é “ignorante”.

366- “Sei onde tenho o nariz” é uma expressão popular empregada, no século XIX e início do século XX, e significa que a pessoa “sabe o que quer, conhece seus objetivos”.

TRECHO J.9 – “Perneta levada da breca... eu lhe dou uns bofetes...” (p. 155).

367- “Perneta levada da breca” é uma expressão pejorativa, a qual significa “aleijada sem classe, sem elegância, sem grandes virtudes”.

368- “Bofetes” é uma gíria empregada no sentido de “tapas”, “socos”.

TRECHO K.9 – “Só se for dia de São Nunca.” (p.155).

369- A expressão “dia de São Nunca” refere-se ao dia 30 de fevereiro. Esta data não existe porque este mês possui apenas 28 dias, no calendário gregoriano. Assim, inventaram um santo fictício, para representar um dia inexistente. Na obra, a expressão é usada de maneira irônica, para representar um dia que nunca existirá.

TRECHO L.9 – “E eu tenho precisão de me sujeitar à sua patifaria por causa de dinheiro? Axi! Porcaria.” (p.156).

370- “Axi! Porcaria” é uma interjeição de nojo. Ainda é usada, atualmente, por pessoas mais idosas e habitantes de cidades do interior do Pará.

TRECHO M.9 – “Para qualquer parte, até para onde o diabo perdeu o cachimbo.” (p.156).

371- A expressão popular “onde o diabo perdeu o cachimbo” faz referência a um lugar extremamente distante e ignorado por todos e é uma expressão usada em caráter jocoso e irônico.

TRECHO N.9 – “Eu sei o que vosmecê está maquinando... pago o aluguel dobrado, serve?” (p. 156).

372- “Maquinando” possui o mesmo sentido de “planejando”.

TRECHO O.9 - “Não. Quem tem nariz furado é índio.” (P. 156).

373- Neste contexto, a personagem, utilizando a expressão “Quem tem nariz furado é índio”, quer demonstrar a ausência de sua inocência ou ignorância. Ela intenciona dizer que possui esperteza.

TRECHO P.9 – “Ótimo, vou encher o pote. (Apresta-se para executar a tarefa.)” (p. 157).

374- Neste trecho, o autor demonstra uma característica social do século XIX: os belenenses não possuíam água encanada. A água era retirada de poços, cacimbas, igarapés e rios.

TRECHO Q.9 – “Se o Cabo Ferreira se mudar, sem espalhafate, levarei este pote para o largo de Nazaré, no dia do Círio. Promessa é promessa, eu prometi distribuir água para quem acompanha a procissão descalço. (Pedro sai para o quintal.)” (p.157).

375- Neste valioso trecho, Tourinho eterniza a festa religiosa, conhecida mundialmente: o Círio de Nazaré, festa que acontece, anualmente, em Belém do Pará, em homenagem à Virgem Nossa Senhora de Nazaré, sempre no mês de outubro. Ele ressalta as promessas que são feitas e cumpridas pelos fiéis, essencialmente da religião católica.

TRECHO R.9 – “Eu não disse? Eu bem que avisei! (Dirige-se para o quarto atarantado, deposita o pote em falso sobre a mesa, o pote cai e quebra-se ruidosamente, repetindo o acontecido no ato anterior.)” (p. 157).

376- O vocábulo “atarantado” quer dizer “atônito”, “atordado”.

TRECHO S.9 – “(Abastecendo as lamparinas.) Matutando, Severa?” (p.158).

377- Através desta rubrica, Nazareno eterniza uma característica da sociedade belenense, no século XIX, através da qual percebe-se que as pessoas utilizavam lamparinas para terem iluminação. As lamparinas são luminárias pequenas, as quais fornecem luz de pouca claridade e funcionam com os seguintes combustíveis: querosene, azeite. Possuem um pavio que sobressai de uma pequena rodela de madeira e pode ser aceso, na outra extremidade.

378- “Matutando” significa “pensando ou refletindo”.

TRECHO T.9 – “Um pampeiro. E estamos em julho, é verão. Como chove nesta terra.” (p. 158).

379- “Pampeiro” é um vento forte que sopra dos pampas da Argentina ou do Sudoeste brasileiro. Porém, no contexto da obra, significa uma forte chuva.

TRECHO U.9 – “É, chuva com sol, casamento da raposa com o rouxinol.” (p. 158).

380- A expressão “chuva com sol, casamento da raposa com rouxinol” trata-se de uma frase popular, criada em tom de brincadeira e poesia, para ilustrar a beleza da natureza, quando há sol e chuva, ao mesmo tempo.

TRECHO V.9 – “Não aponte para estrela que dá verruga.” (p.159).

381- Trata-se de uma superstição antiga, que perdura até os dias de hoje. Acredita-se que, quando uma pessoa aponta para as estrelas, ela pode vir a ter verruga.

TRECHO X.9 – “Já deixou escapulir para mim, que ando bicorando o seu comportamento: é o medo do parto. É você com medo do parto e o seu marido com medo do Cabo Ferreira.” (p.159).

382- O verbo “bicorar”, figuradamente falando, significa “espreitar, observar”. Palavra quase em extinção, atualmente.

TRECHO Z.9 – “Não fale nisso que amanheci com o olho esquerdo tremendo.” (p.160).

383- O autor registra uma superstição, que se caracteriza por acreditar-se que, quando o olho treme, trata-se de um aviso: algo de ruim acontecerá.

TRECHO W.9 – “Veja como são as coisas: Pedro não expulsou o Cabo Ferreira temendo uma confusão e cadeia – acabou indo para o xilindró por causa de uma insignificância. Castigo. Deus tanto castiga os valentes como castiga os covardes.” (p.160).

384- “Xilindró” é uma expressão popular que significa “cadeia”.

TRECHO Y.9 – “Estou de pleno acordo, minha filha, abra o olho.” (p. 160).

385- “Abra o olho” é uma metáfora, usada no sentido de “esteja atenta”.

TRECHO A.10 – “Ela está com a barriga tal qual uma camaleoa ovada, porém assim mesmo é possível que o devasso tente-lhe possuir. O Cabo Ferreira não tem escrúpulo com mulher. Para ele o que cair na rede é peixe.” (p. 160).

386- “O que cair na rede é peixe” é um provérbio popular que significa que “tudo serve”, “o que vier será aproveitado”.

TRECHO B.10 – “Com que grana? Todo o dinheiro que sobra do ordenado ele bebe de cachaça: não tem o que o periquito roa...” (p. 161).

387- A palavra “grana” é uma gíria que significa “dinheiro”, e não caiu em desuso.

388- “Não ter o que o periquito roa” significa não ter dinheiro, nem status social.

TRECHO C.10 – “(Jocosa) Quando a parentela do Cabo Ferreira der as caras, como essa casa é gita para acomodar muitas pessoas, a gente informa que a Vizinha hospeda todinha a família...” (p.161).

389- A gíria “der as caras” significa “vier, se fizer presente”.

390- A gíria “gita” significa “pequena”.

TRECHO D.10 – “Se fechava em copas...” (p. 161).

391- A expressão acima significa “ficava calada, afastada, reclusa em seu espaço”.

TRECHO E.10 – “Não, recebia todos no meu taperí e em meia hora descascava as palhaçadas do Cabo Ferreira, punha ele mais raso que o chão.” (p. 161).

392- “Taperí” significa “casa simples, barraco”.

393- “Punha ele mais raso que o chão” significa inferiorizar a pessoa e retrata o coloquialismo da Língua, com o desvio linguístico do verbo “pôr” e seu complemento (objeto direto), haja vista que, com base na gramática, o ideal seria a forma mesoclítica “pô-lo-ia”.

TRECHO F.10 – “Não sou de lesco-lesco, Joana.” (p. 161).

394- “Não ser de lesco-lesco” significa “não ser uma pessoa de muita conversa”.

TRECHO G.10 – “Pudera! Com três homens parrudos em casa... Vantagem fiz, eu, que descompus o Cabo Ferreira de corpo presente, na sala, enquanto o Pedro catava piolho da Severa no quarto.” (p. 161).

395- “Parrudos” significa “fortes”.

TRECHO H.10 - “Morda aqui! Duvido. O Cabo Ferreira é um assassino perigoso, já matou gente em Grajaú, não se farta de fazer propaganda disso. É assassino por vocação.” (p. 162).

396- A expressão “morda aqui” é uma metáfora que traduz uma dúvida que o falante possui, em relação ao seu interlocutor.

TRECHO I.10 - “E esse atraso... Acho que tem boi na linha...” (p. 162).

397- “Ter boi na linha” é o mesmo que “ter algo oculto, que não foi esclarecido”.

TRECHO J.10 – “Se vier bêbado eu perco as estribeiras e baixo a acha de lenha maraximbé na ilharga dele. Sou mulher para isso, quando o meu medo se transforma em coragem. Ele que venha com marmota.” (p. 162).

398- “Perder as estribeiras” é uma gíria que significa “perder a paciência”.

399- “Acha de lenha maraximbé” significa um “feixe de lenha do tipo maraximbé”.

400- “Ilharga” é a parte lateral do ser humano, perto dos quadris.

401- A palavra “marmota” significa “artimanha”.

TRECHO K.10 – “Que pilintra. Tão safado quanto ignorante.” (p. 162).

402- Diz-se “pilintra” ao cidadão que é cheio de embuste, que tenta demonstrar ser o que não é, vive de aparência.

TRECHO L.10 – “Se espremerem o Cabo Ferreira num tipiti, depois de escorrer todo o caldo da safadeza e da ignorância só resta bagaço.” (p.162).

403- “Tipiti” é um vocábulo bem paraense e significa uma espécie de vasilha utilizada para espremer mandioca.

TRECHO M.10 – “Sei lá. Se a senhora ouvisse ele falar nisso... conta coisas do arco da velha.” (p. 162).

404- “Do arco da velha” significa “do passado”.

TRECHO N.10 – “Ora si-si. Indagou um bocado de coisas sobre o passado de você e de Pedro.” (p. 163).

405- A expressão “ora si-si” é uma gíria de época e serve para se afirmar algo.

TRECHO O.10 – “Nada, me fiz de esquecida, como quem comeu casca de queijo.” (p. 163).

406- Este trecho faz referência a uma antiga superstição que dizia que a pessoa que comesse casca de queijo perderia a inteligência. E, por medo, quase ninguém comia casca de queijo.

TRECHO P.10 – “Ih!... meu olho esquerdo começou a tremer novamente... Mau sinal.” (p. 163).

407- Tourinho registra a superstição a qual afirma que, quando o olho esquerdo treme, algo de ruim acontecerá.

TRECHO Q.10 – “Isto eu desconheço. Um dia, quando Maria Bárbara caminhava por uma estrada deserta, pra ir lavar roupa no Marco, foi atacada.” (p. 164).

408- A forma “pra” é o registro da oralidade de nossos contadores de histórias.

409- O bairro chamado “Marco”, em Belém do Pará, é eternizado, neste trecho da obra.

TRECHO R.10 – “Eita! Seu mano. Vamos ter uma representação de poesia.” (p. 165).

410- “Eita! Seu mano” é um exemplo de linguagem em nível regional. A interjeição “eita!” expressa surpresa, alegria... e “Seu mano” representa o interlocutor, carinhosamente chamado de “mano” (irmão), por influência do vocábulo “hermano”, palavra castellana que é abreviada, em Belém do Pará.

TRECHO S.10 – “(Para Joana) Minha educação não tem parença com a sua. Sou um pouquinho letrada, neta de professora.” (p. 165).

411- “Pareença” significa “semelhança”.

TRECHO T.10 – “Então desemboque os versos; estou cuíra-cuíra para escutar, ô coisa ruim para eu achar boa...” (p. 165).

412- “Desemboque” é um vocábulo em desuso, atualmente, na linguagem oral, e significa “expresse”.

413- O vocábulo “cuíra” significa “inquieto, ansioso” e, quando se utiliza este vocábulo repetido, significa “muito ansioso, muito inquieto”.

414- A expressão “ô coisa ruim para eu achar boa” é uma ironia, haja vista que a poesia era algo agradável e não ruim à personagem que fala.

TRECHO U.10 – “Se caso aqui topares, caminhante,  
 Meu frio corpo já cadáver feito,  
 Leva piedoso com sentido aspeito  
 Esta nova ao esposo aflito, errante.  
 Diz-lhe como de ferro penetrante  
 Me viste por fiel cravado o peito  
 Lacerado, insepulto e já sujeito  
 O tronco feio ao corvo altivolante.  
 Que dum monstro inhumano, lhe declara,  
 A mão cruel me trata desta sorte;  
 Porém que alívio busque à dor amara,  
 Lembrando-se que teve uma consorte,  
 Que, por honra da fé que lhe jurara,  
 À mancha conjugal prefere a morte.” (p. 165, 166).

415- Neste trecho da obra, Nazareno Tourinho trabalha a intertextualidade, haja vista que registra os versos do poeta paraense Tenreiro Aranha, nascido em Belém, no dia 23 de junho de 1798 e falecido em 19 de janeiro de 1861.

416- O vocábulo “aspeito” significa “aparência, aspecto”.

417- A palavra “altivolante” significa “que voa muito alto”.

418- O vocábulo “inhumano” significa “desumano”.

419- A palavra “consorte” significa “cônjuge”.

TRECHO V.10 – “(Bate palmas, zombeteira) Meus parábolas, Vizinha.” (p.166).

420- A linguagem popular paraense é representada, neste trecho, através da utilização do vocábulo “parábolas”, o qual significa “parabéns” e faz parte do nível coloquial da linguagem.

TRECHO X.10 – “Carece, sim, sois merecedente, como dizia o meu pai, que não era professor, mas era o homem mais inteligente em Cametá, depois da Cabanagem.” (p. 166)

421- “Sois merecedor” é a forma culta que corresponde à forma coloquial “sois merecedente.”

422- Cametá é uma das cidades interioranas do Pará, a qual não apoiou o movimento da Cabanagem e possui um Monumento em Homenagem à Resistência à Cabanagem, fazendo referência aos conflitos nos quais mais de 300 cabanos foram assassinados em favor do império brasileiro.

TRECHO Z.10 – “Simpatia chegou ali, parou. Não existe curiboca mais graciosa neste quarteirão.” (p. 166).

423- “Curiboca” quer dizer “cabocla”.

TRECHO W.10 – “Isto é verdade. Não vê a Maria Bárbara? Minha avó afiançava que ela era ‘nobre e bela’.” (p. 167).

424- Nazareno eterniza a história de Maria Bárbara, que foi assassinada semelhantemente à Severa Romana.

TRECHO Y.10 – “Todas duas mulheres de soldado, todas duas barrigudas...” (p. 167).

425- “Barrigudas” significa “grávidas”. Este termo não é mais usado, atualmente.

TRECHO A.11 – “Só falta o Cabo Ferreira degolar a Severa... Vôte! Cruz, credo. (p. 167).

426- “Vôte!” é uma interjeição bem paraense e expressa, neste contexto, “nojo, medo, aversão”.

TRECHO B.11 – “Como se não bastasse aquela rasga-mortalha, hoje de manhãzinha xincuçã cantou triste mais de uma vez.” (p. 168).

427- “Xincuçã” é um pássaro encantado e agourento, e, de acordo com a superstição, diz-se que, quando ele canta perto de alguma residência, alguém morrerá.

TRECHO C.11 – “Não sei, ele deve estar organizando alguma coisa, Pedro não mete prego sem estopa. Tiro a sua janta?” (p. 168).

428-Desde o descobrimento do Brasil, quando as naus eram fabricadas, devido aos buracos abertos pelos pregos, a água passava. Por isso, as estopas eram colocadas, com betume, para impedir que as naus afundassem. Daí a expressão portuguesa: “não mete prego sem estopa”. Atualmente, ela é usada para indicar “uma pessoa cuidadosa”.

TRECHO D.11 – “Tire não. Espero Severa.” (p. 169).

429- Esta espécie de hipérbato, caracterizada pelo advérbio, após o verbo, é uma marca de oralidade coloquial do povo nordestino.

TRECHO E.11 – “Até amanhã, Joana. Vou indo porque quem com porco se mistura, farelo come... (Passa por trás de Ferreira, faz o sinal da cruz, exorcizando-o, afasta-se; Joana a segue, sorratamente.)” (p. 169).

430 – “Quem com porco se mistura, farelo come.” É um provérbio popular que significa que, se andarmos em más companhias, colheremos maus resultados para nossa vida.

TRECHO F.11 – “Ela risca já aí. Ainda soltam Pedro esta semana?” (P. 170).

431- “Risca” é uma gíria, atualmente em desuso, que significa “aparece, chega, vem”.

TRECHO G.11 – “Eu? Não tenho nada com o peixe.” (p. 170).

432- “Não ter nada com o peixe” é uma expressão popular que significa que a pessoa está alheia ao problema.

TRECHO H.11 – “Em questão de marido e mulher não convém meter a colher.” (p. 170).

433- Trata-se de um provérbio popular metafórico, que aconselha as pessoas a não se envolverem em problemas ligados a cônjuges.

TRECHO I.11 – “Gosto, porém não sou carrapato para viver pregada nos outros. Cada um que procure suas melhoras, cada macaco no seu galho.” (p. 170).

434- “Cada macaco no seu galho” significa que cada pessoa deve viver a sua vida, sem se envolver na vida dos outros.

TRECHO J.11 – “O que tem mostrar os peitos? Pergunte se a sua mãe lhe amamentava na frente de qualquer marmanjo.” (p. 171).

435- A palavra “marmanjo” significa “homem adulto”.

TRECHO K.11 – “Se vosmecê cochichar nas oiças de Severa... falando para ela arribar da companhia de Pedro e...” (p. 171).

436- O vocábulo “oiças” significa “ouvidos”.

437- A palavra “arribar” significa “sair, deixar”.

TRECHO L.11 – “Olhe que um dia a casa cai. Quem com muitas pedras bole, uma lhe dá na cabeça.” (p.172).

438- “Um dia a casa cai” é um ditado popular que significa que, um dia, algo vai dar errado.

439- “Quem com muitas pedras bole, uma lhe dá na cabeça” é um provérbio popular que significa que a pessoa imprudente, acaba sofrendo.

TRECHO M.11 – “E você é uma boa bisca! Um patifão!” (p. 172).

440- A expressão “boa bisca” é usada em sentido irônico e significa que a pessoa é mau caráter.

TRECHO N.11 – “(A Ferreira, saindo da cozinha.) Comigo é assim: pão-pão, queijo-queijo. (Na sala, para a Vizinha.) O que é isso? O seu tajá de estimação?” (p. 172).

441- A expressão “pão-pão, queijo-queijo” significa que a pessoa é objetiva, positiva e não fica titubeando nas atitudes, possuindo firmeza e decisão quanto aos atos praticados.

TRECHO O.11 – “Justamente o de estimação, curado numa sexta-feira 13.” (p. 172).

442- Referência ao tajá, planta usada em feitiçarias. E, de acordo com o exoterismo, quando o dia 13 ocorre em uma sexta-feira, esse dia passa a ser bem mais significativo para a execução de feitiçarias e encantamentos.

TRECHO P.11 – “Pois eu arrebento esta porcaria em cima de vocês. (Suspende o vaso com o tajá, faz menção de atirá-lo sobre elas: Joana corre capengando pela sala, a Vizinha também corre, atrapalham-se comicamente as duas, Ferreira desiste de atingi-las e lança o vaso para a rua.)” (p. 173).

443- A palavra “capengando” significa “mancando” e já não é usada, nos dias atuais.

TRECHO Q.11 – “Com licença, Vizinha, que vou lá dentro coisá...” (p. 175).

444- O vocábulo “coisá” era uma gíria usada, quando a pessoa esquecia a palavra adequada a ser utilizada, na frase. Funcionava como uma palavra coringa, que podia substituir um substantivo, um verbo ou outro tipo de palavra, no texto oral.

TRECHO R.11 – “Homem macho? Um assassino chué... (Sai para o quintal; Ferreira enrola um cigarro.)” (p.174).

445- A palavra “chué” significa “ordinário, de pouco valor, reles”.

TRECHO S.11 – “Mulherzinha de natureza opiniosa. Quanto mais pirracenta, mais bonita... (Tenta beijá-la.)” (p. 175).

446- “Mulherzinha” é uma palavra que, neste contexto, está sendo usada pejorativamente, no sentido diminutivo, como se a mulher fosse um mero objeto.

TRECHO T.11 – (“De sua fraqueza tira a pobre criatura forças para eximir-se à peçonha do ósculo criminoso”.) Não!!!” (p. 175).

447- O vocábulo “peçonha” faz referência à secreção venenosa de determinados animais.

448- A palavra “ósculo” significa “beijo”.

TRECHO U.11 – “Arrede daí, ande!” (p. 175)

449- O vocábulo “arrede”, relativo ao verbo “arredar”, é pouquíssimo usado, atualmente. Em seu lugar, usa-se o verbo “afastar”.

TRECHO V.11 – “Hoje nós dorme juntos...” (p. 175).

450- Aqui neste trecho, temos o retrato fiel da linguagem coloquial oral. A gramática considera um desvio linguístico relacionado à concordância verbal. A forma considerada culta pela gramática seria: “Hoje nós dormiremos juntos...”.

**APÊNDICE IV- Validação do questionário aplicado aos alunos, posteriormente modificado**

**VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO  
RELAÇÃO ENTRE OBJETIVOS E PERGUNTAS**



**UAA**

**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN  
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN  
PROGRAMA DE DOCTORADO EN CIENCIA DE LA EDUCACIÓN**

Prezado(a) Professor(a) Doutor(a):

Sou doutoranda da Universidade Autônoma de Asunción, Py. Estou desenvolvendo uma tese de Doutorado, sob a orientação do Professor Pós-Doctor “Homerval Ribeiro Teixeira”, intitulada “**Uma análise semântica da peça teatral ‘Severa Romana’, de Nazareno Tourinho, voltada à educação**”.

Neste contexto, conto com a colaboração do(a) Senhor(a) no intuito de observar o questionário que será aplicado aos alunos, a fim de perceber se há coerência ou não entre as perguntas e os objetivos traçados.

**OBJETIVO GERAL:** Verificar se os alunos do Ensino Fundamental II da ETRB, do nono ano, possuem conhecimento linguístico e literário necessário para realizar uma análise semântica da obra “Severa Romana”.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

A-Analisar semanticamente a linguagem paraense da obra “Severa Romana”, no campo da escrita e oralidade;

B-Conhecer o filme “Severa Romana, em Tese”, construído por alunos e professores da Escola de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros;

C-Sugerir a inserção da leitura e análise da obra “Severa Romana”, dramaturgia de Nazareno Tourinho, no conteúdo programático de Língua Portuguesa, aos alunos de Ensino Fundamental II, do nono ano, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros;

D-Conhecer a cultura paraense, do final do século XIX e início do século XX, exposta na obra “Severa Romana”;

E-Identificar aspectos da cultura paraense do final do século XIX e início do século XX, com base nas memórias culturais encontradas na peça teatral “Severa Romana” e com base no filme curta-metragem “Severa Romana, em Tese”.

Certa de sua colaboração desde já agradeço e me coloco a disposição para qualquer esclarecimento!

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES AOS EDUCANDOS	COERÊNCIA		JUSTIFICATIVA
<b>A- Analisar semanticamente e a linguagem paraense da obra “Severa Romana”, no campo da escrita e oralidade.</b>	01- A obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, lhe trouxe acréscimos ao seu universo educacional, no campo da escrita e oralidade? a-( )Nenhum.      b-( )Poucos.      c-( )Alguns.      d-( )Muitos.	( ) SIM	( ) NÃO	
	02- Quantas palavras, expressões e significações novas você agregou ao seu vocabulário, após a leitura da obra “Severa Romana”? a-( )01 a 10.      b-( )11 a 20.      c-( )21 a 30. d-( )31 a 40.      e-( )Mais de 40.	( ) SIM	( ) NÃO	
	03-No campo da escrita e oralidade, você percebeu palavra(s) ou expressão(ões) usada(s), no final do século XIX e início do século XX, que não se usa(m) mais? a-( )Muitas.      b-( )Poucas. c-( )Algumas.      d-( )Nenhuma.	( ) SIM	( ) NÃO	
	04-A linguagem paraense, com suas expressões regionais, com seus significados polissêmicos, se difere da linguagem de outras regiões e estados brasileiros? a-( )Nunca.      b-( )Às vezes.      c-( )Quase sempre      d-( )Sempre.	( ) SIM	( ) NÃO	
	20- Cite alguns exemplos de palavras ou expressões desta obra que enriqueceram o seu vocabulário: _____ _____ _____	( ) SIM	( ) NÃO	





<b>D- Conhecer a cultura paraense, do final do século XIX e início do século XX, exposta na obra “Severa Romana”.</b>	05- Analisando a obra, você acha que houve modificações no comportamento das pessoas, quanto a credices, superstições e costumes, do ano de 1900 aos dias atuais? a-( )Nenhuma.                      b-( )Poucas. c-( )Algumas.                      d-( )Muitas.	( ) SIM	( ) NÃO	
	06-Em 1900, o assassinato de Severa Romana foi considerado um enorme escândalo, haja vista que a violência contra a mulher era rara. E, atualmente? O assassinato de mulheres continua sendo raro? a-( )Muito.                      b-( )Pouco. c-( )Algumas vezes.                      d-( )Não respondeu.	( ) SIM	( ) NÃO	
	09-Antes de ter assistido à aula, ministrada pela Professora Ângela do Céu, você já conhecia a obra teatral “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho? a-( )Pouco.                      b-( )Muito. c-( )Desconhecia.                      d-( )Não respondeu.	( ) SIM	( ) NÃO	
	10-Você já havia lido outra peça teatral de Nazareno Tourinho? a-( )Sim.                      b-( )Não.  -Se você disse “sim”, cite o nome da peça ou fale sobre ela:  _____ _____	( ) SIM	( ) NÃO	

	<p>11-Você já conhecia, antes deste trabalho de pesquisa, o dramaturgo Nazareno Tourinho?</p> <p>a-( ) Pouco.                      b-( ) Muito. c-( ) Desconhecia.              d-( ) Não respondeu.</p> <p>13- Nazareno Tourinho não escreveu só obras teatrais. Escreveu poemas, trovas, literatura espírita, etc.. Antes de participar deste trabalho de pesquisa científica, você já conhecia alguma obra literária (diferente da dramaturgia) de Nazareno Tourinho, e a sua importância, na Literatura Paraense?</p> <p>a-( ) Superficialmente.      b-( ) Profundamente. c-( ) Nada.                      d-( ) Não respondeu.</p> <p>-Se você conhecia, cite o nome ou fale sobre ela(s):</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>14-Além de “Severa Romana”, Você já assistiu, ao vivo, em algum teatro, a alguma peça teatral de Nazareno Tourinho?</p> <p>a-( ) Sim.                      b-( ) Não.</p> <p>-Se você respondeu “sim”, cite o nome ou fale algo sobre a peça:</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>( ) SIM</p> <p>( ) SIM</p> <p>( ) SIM</p>	<p>( ) NÃO</p> <p>( ) NÃO</p> <p>( ) NÃO</p>	
--	---	--	--	--

	<p>16-Antes de realizar a leitura da obra Severa Romana, escrita por Nazareno Tourinho, você já conhecia a história verdadeira (literal) da jovem Severa Romana, assassinada em 2 de julho de 1900?</p> <p>a- ( ) Superficialmente.      b- ( ) Profundamente.  c- ( ) Nada.                      c- ( ) Não respondeu.</p> <p>17- Se sua resposta à questão anterior foi “Sim”, responda à questão abaixo. Se foi “Não”, deixe-a em branco:</p> <p>-Quem já havia lhe contado a verdadeira história de Severa Romana?</p> <p>a- ( ) Um(a) professor(a), na escola, porque fazia parte da disciplina que ele(a) lecionava.  b- ( ) Um(a) professor(a), mas não fazia parte do programa exigido, a ser ministrado.  c- ( ) Alguém que eu conheço, fora da escola.  d- ( ) A televisão ou rádio.  e- ( ) Revistas, jornais, internet.</p>	<p>( ) SIM</p> <p>( ) SIM</p>	<p>( ) NÃO</p> <p>( ) NÃO</p>	
--	---	-------------------------------	-------------------------------	--



**APÊNDICE V- Roteiro de validação modificado para construção do questionário**

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES AOS EDUCANDOS	COERÊNCIA		JUSTIFICATIVA
<p><b>1-Identificar palavras e/ou expressões da peça teatral “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, enfocando a semântica da linguagem local conhecida pelos alunos;</b></p>	<p>01- A obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, lhe trouxe acréscimos ao seu universo educacional, no campo da escrita e oralidade? a-( )Nenhum.      b-( )Poucos.      c-( )Alguns.      d-( )Muitos.</p> <p>02- Quantas palavras, expressões e significações novas você agregou ao seu vocabulário, após a leitura da obra “Severa Romana”? a-( )01 a 10.      b-( )11 a 20.      c-( )21 a 30. d-( )31 a 40.      e-( )Mais de 40.</p> <p>03-No campo da escrita e oralidade, você percebeu palavra(s) ou expressão(ões) usada(s), no final do século XIX e início do século XX, que não se usa(m) mais? a-( )Muitas.      b-( )Poucas. c-( )Algumas.      d-( )Nenhuma.</p> <p>04-A linguagem paraense, com suas expressões regionais, com seus significados polissêmicos, se difere da linguagem de outras regiões e estados brasileiros? a-( )Nunca.      b-( )Às vezes.      c-( )Quase sempre      d-( )Sempre.</p> <p>20- Cite alguns exemplos de palavras ou expressões desta obra que enriqueceram o seu vocabulário:</p>	( ) SIM	( ) NÃO	
		( ) SIM	( ) NÃO	
		( ) SIM	( ) NÃO	
		( ) SIM	( ) NÃO	
		( ) SIM	( ) NÃO	

	<hr/>			
<b>2-Descrever o conhecimento que possui o aluno sobre a obra “Severa Romana”;</b>	<p>05- Analisando a obra, você acha que houve modificações no comportamento das pessoas, quanto a credices, superstições e costumes, do ano de 1900 aos dias atuais?</p> <p>a-( )Nenhuma.                      b-( )Poucas.  c-( )Algumas.                      d-( )Muitas.</p> <p>06-Em 1900, o assassinato de Severa Romana foi considerado um enorme escândalo, haja vista que a violência contra a mulher era rara. E, atualmente? O assassinato de mulheres continua sendo raro?</p> <p>a-( )Muito.                      b-( )Pouco.  c-( )Algumas vezes.                      d-( )Não respondeu.</p> <p>09-Antes de ter assistido à aula, ministrada pela Professora Ângela do Céu, você já conhecia a obra teatral e as expressões contidas na obra de “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho?</p> <p>a-( )Pouco.                      b-( )Muito.  c-( )Desconhecia.                      d-( )Não respondeu.</p> <p>10-Você já havia lido outra peça teatral de Nazareno Tourinho?</p> <p>a-( )Sim.                      b-( )Não.</p> <p>-Se você disse “sim”, cite o nome da peça ou fale sobre ela:</p> <hr/> <hr/>	<p>( ) SIM</p> <p>( ) SIM</p> <p>( ) SIM</p> <p>( ) SIM</p>	<p>( ) NÃO</p> <p>( ) NÃO</p> <p>( ) NÃO</p> <p>( ) NÃO</p>	

	<p>11-Você já conhecia, antes deste trabalho de pesquisa, o dramaturgo Nazareno Tourinho?</p> <p>a-( ) Pouco.                      b-( ) Muito. c-( ) Desconhecia.              d-( ) Não respondeu.</p> <p>13- Nazareno Tourinho não escreveu só obras teatrais. Escreveu poemas, trovas, literatura espírita, etc.. Antes de participar deste trabalho de pesquisa científica, você já conhecia alguma obra literária (diferente da dramaturgia) de Nazareno Tourinho, e a sua importância, na Literatura Paraense?</p> <p>a-( ) Superficialmente.      b-( ) Profundamente. c-( ) Nada.                      d-( ) Não respondeu.</p> <p>-Se você conhecia, cite o nome ou fale sobre ela(s):</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>14-Além de “Severa Romana”, Você já assistiu, ao vivo, em algum teatro, a alguma peça teatral de Nazareno Tourinho?</p> <p>a-( ) Sim.                      b-( ) Não.</p> <p>-Se você respondeu “sim”, cite o nome ou fale algo sobre a peça:</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>( ) SIM</p> <p>( ) SIM</p> <p>( ) SIM</p>	<p>( ) NÃO</p> <p>( ) NÃO</p> <p>( ) NÃO</p>	
--	---	--	--	--



	<p>c- ( ) Em relação à educação, a obra enriqueceu meu vocabulário e aspectos semânticos.</p> <p>d- ( ) Esta obra não me trouxe nenhum enriquecimento.</p> <p>22- Após ter o conhecimento da obra dramaturgica “Severa Romana”, que aspectos da história e cultura paraense foram resgatados e acrescentados à sua educação? (Pode marcar mais de uma alternativa.)</p> <p>a- ( ) Pude resgatar e conhecer os costumes paraenses do século XIX.</p> <p>b- ( ) Conheci os medos daquela época: medo da Matintaperera, do Xincuã, etc..</p> <p>c- ( ) Conheci a linguagem com suas marcas de oralidade, gírias, expressões de época, provérbios, ditos populares e palavras diferentes que, hoje em dia, não são mais usadas.</p> <p>d- ( ) Resgatei as superstições e crendices daquela época, como por exemplo: crer que uma planta pode proteger uma pessoa, livrando-a do mal.</p> <p>e- ( ) Nenhum aspecto histórico ou educacional me foi acrescentado.</p>	( ) SIM	( ) NÃO	
--	---	---------	---------	--



<b>5-Propor a inserção da obra “Severa Romana”, no currículo de Língua Portuguesa, dos alunos de Ensino Fundamental II, do nono ano, do Colégio de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros.</b>	12-Você acha que deveria haver, desde remotas séries, a inclusão do estudo de autores paraenses, na disciplina “Língua Portuguesa”? a-( )Nunca.                      b-( )Às vezes. c-( )Sempre.                      d-( )Quase sempre.	( ) SIM	( ) NÃO	
	18- Para o seu enriquecimento cultural, você acha que seria importante estudar obras literárias de Nazareno Tourinho), desde as séries iniciais, na escola? a-( )Nunca.                      b-( )Às vezes. c-( )Quase sempre.              d-( )Sempre.	( ) SIM	( ) NÃO	
	21-Se, desde as séries iniciais, os alunos estudassem as obras e características literárias e linguísticas de autores paraenses, você acha que seu conhecimento estaria mais enriquecido? Sim ou não? Justifique:  <hr/>	( ) SIM	( ) NÃO	
	15- Em que nível escolar algum(a) professor(a) de sua escola lhe falou da obra “Severa Romana” e de seu autor, Nazareno Tourinho? a-( ) Nas séries iniciais, do Ensino Fundamental I. b-( ) No Ensino Fundamental II, sexto ano. c-( ) No Ensino Fundamental II, sétimo ano. d-( ) No Ensino Fundamental II, oitavo ano. e-( ) Esta é a primeira vez que estudo sobre a obra “Severa Romana”, no Ensino Fundamental II, nono ano apenas fazendo parte desta pesquisa de campo	( ) SIM	( ) NÃO	

Assinatura e formação do professor(a) Doutor(a): -----

**APÊNDICE VI- Roteiro do questionário aplicado aos alunos**

**Questionário de pesquisa (referente às aulas ministradas pela Professora Doutoranda Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos), aplicado aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Tenente Rêgo Barros, sobre a obra “Severa Romana”, escrita pelo Dramaturgo Nazareno Tourinho.**

**A- Você assistiu às aulas ministradas pela Professora Doutoranda Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos sobre a obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho. Leu e analisou os materiais que lhe foram entregues, incluindo o texto teatral “Severa Romana”. Assistiu ao filme curta-metragem, intitulado “Severa Romana em tese”, assim como leu o roteiro do filme citado. Após ter realizado essas tarefas, responda às questões abaixo:**

01- A obra “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho, lhe trouxe acréscimos ao seu universo educacional, no campo da escrita e oralidade?

a-( ) Nenhum.    b-( ) Poucos.    c-( ) Alguns.    d-( ) Muitos.

02- Quantas palavras, expressões ou significações novas você agregou ao seu vocabulário, após a leitura da obra “Severa Romana”?

a-( ) 1 a 10.    b-( ) 11 a 20.    c-( ) 21 a 30.    d-( ) 31 a 40.    e-( ) Mais de 40.

03- No campo da escrita e oralidade, você percebeu palavra(s) ou expressão(ões) usada(s), no final do século XIX e início do século XX, que não se usa(m) mais?

a-( ) Muitas.    b-( ) Poucas.    c-( ) Algumas.    d-( ) Nenhuma.

04- A linguagem paraense, com suas expressões regionais, com seus significados polissêmicos, se difere da linguagem de outras regiões e estados brasileiros?

a-( ) Nunca.    b-( ) Às vezes.    c-( ) Quase sempre.    d-( ) Sempre.

05- Analisando a obra, você acha que houve modificações no comportamento das pessoas, quanto a crenças, superstições e costumes, do ano de 1900 aos dias atuais?

a-( )Nenhuma. b-( )Poucas. c-( )Algumas. d-( )Muitas.

06- Em 1900, o assassinato de Severa Romana foi considerado um enorme escândalo, haja vista que a violência contra a mulher era rara. E, atualmente? O assassinato de mulheres continua sendo raro?

a-( )Muito b-( )Pouco. c-( )Algumas vezes. d-( )Não respondeu.

07- De acordo com o roteiro do filme “Severa Romana, em tese”, e algumas cenas do filme a que você assistiu, houve aspectos relevantes os quais serviram para enriquecer-lhe, no campo semântico cultural?

a-( )Sim. b-( )Não. c-( )Talvez. d-( )Não respondeu

08- Em que aspecto(s) o projeto cinematográfico, intitulado “Severa Romana, em tese” trouxe benefícios artísticos, semântico e culturais à sua vida? (Se quiser, pode marcar mais de uma alternativa.)

a-( )No aspecto artístico.

b-( )Em relação à linguagem de uma época que difere da época atual.

c-( )Em relação aos costumes, tradições, crenças, superstições que diferenciam o final do século XIX e o século XXI.

d-( ) Em relação a poucos aspectos, quase nenhum.

e-( )Em nenhum aspecto. Não me trouxe nenhuma contribuição.

09- Antes de ter assistido à aula, ministrada pela Professora Ângela do Céu, você já conhecia as expressões contidas na obra teatral “Severa Romana”, de Nazareno Tourinho?

a-( )Pouco. b-( )Muito. c-( )Desconhecia. d-( )Não respondeu.

10- Você já havia lido outra peça teatral de Nazareno Tourinho?

a-( )Sim. b-( )Não.

-Se você disse “sim”, cite o nome da peça ou fale sobre ela:

---

---

11-Você já conhecia, antes deste trabalho de pesquisa, o dramaturgo Nazareno Tourinho?

a-( ) Pouco      b-( ) Muito.      c-( ) Desconhecia.      d-( ) Não respondeu.

12-Você acha que deveria haver, desde remotas séries, a inclusão do estudo de autores paraenses, na disciplina “Língua Portuguesa”?

a-( ) Nunca.      b-( ) Às vezes.      c-( ) Sempre.      d-( ) Quase sempre.

13- Nazareno Tourinho não escreveu só obras teatrais. Escreveu poemas, trovas, literatura espírita etc.. Antes de participar deste trabalho de pesquisa científica, você já conhecia alguma obra literária (diferente da dramaturgia) de Nazareno Tourinho, e a sua importância, na Literatura Paraense?

a-( ) Superficialmente.      b-( ) Profundamente.      c-( ) Nada.      d-( ) Não respondeu.

-Se você disse “sim”, que obra(s) você conhecia? Cite o nome ou fale sobre ela(s):

---

---

---

14- Além de “Severa Romana”, você já assistiu, ao vivo, em algum Teatro, a alguma peça teatral de Nazareno Tourinho?

a-( ) Sim.      b-( ) Não.

-Se você respondeu “sim”, cite o nome ou fale algo sobre a peça:

---

---

15- Em que nível escolar algum(a) professor(a) de sua escola lhe falou da obra “Severa Romana” e de seu autor, Nazareno Tourinho?

a-( ) Nas séries iniciais, do Ensino Fundamental I.

b-( ) No Ensino Fundamental II, sexto ano.

c-( ) No Ensino Fundamental II, sétimo ano.

d- ( ) No Ensino Fundamental II, oitavo ano.

e- ( ) Esta é a primeira vez que estudo sobre a obra “Severa Romana”, no Ensino Fundamental II, nono ano, apenas fazendo parte desta pesquisa de campo.

16- Antes de realizar a leitura da obra Severa Romana, escrita por Nazareno Tourinho, você já conhecia a história verdadeira (literal) da jovem Severa Romana, assassinada em 2 de julho de 1900?

a- ( ) Superficialmente.    b- ( ) Profundamente.    c- ( ) Nada.    d- ( ) Não respondeu.

17- Se sua resposta à questão anterior foi “Sim”, responda à questão abaixo. Se foi “Não”, deixe-a em branco:

- Quem já havia lhe contado a verdadeira história de Severa Romana?

a- ( ) Um(a) professor(a), na escola, porque fazia parte da disciplina que ele(a) lecionava.

b- ( ) Um(a) professor(a), mas não fazia parte do programa exigido, a ser ministrado.

c- ( ) Alguém que eu conheço, fora da escola.

d- ( ) A televisão ou rádio.

e- ( ) Revistas, jornais, internet.

18- Para o seu enriquecimento cultural, você acha que seria importante estudar obras literárias de Nazareno Tourinho, desde as séries iniciais, na escola?

a- ( ) Nunca.                      b- ( ) Às vezes.    c- ( ) Quase sempre.    d- ( ) Sempre.

19- De acordo com a construção do roteiro do filme “Severa Romana, em tese”, que aspectos relevantes serviram para enriquecer-lhe, no campo da arte, cultura e educação? (Pode marcar mais de uma alternativa.)

a- ( ) Em relação à arte, aprendi como se caracteriza um roteiro para cinema.

b- ( ) Em relação à cultura, aprendi muito sobre as superstições, crenças, costumes populares e outras características do século XIX.

c- ( ) Em relação à educação, a obra enriqueceu meu vocabulário e aspectos semânticos.

d- ( ) Esta obra não me trouxe nenhum enriquecimento.

20- Cite alguns exemplos de palavras ou expressões desta obra que enriqueceram o seu vocabulário:

---

---

---

---

---

21- Se, desde as séries iniciais, os alunos estudassem as obras e características literárias e linguísticas de autores paraenses, você acha que seu conhecimento estaria mais enriquecido? Sim ou não? Justifique:

---

---

---

---

---

22-Após ter o conhecimento da obra dramaturgica “Severa Romana”, que aspectos da história e cultura paraense foram resgatados e acrescentados à sua educação? (Pode marcar mais de uma alternativa.)

a- ( ) Pude resgatar e conhecer os costumes paraenses do século XIX.

b- ( ) Conheci os medos daquela época: medo da Matintaperera, do Xincua, etc..

c- ( ) A linguagem com suas marcas de oralidade, gírias, expressões de época, provérbios, ditos populares, e palavras diferentes que, hoje em dia, não são mais usadas.

d- ( ) Resgatei as superstições e crendices daquela época, como por exemplo: crer que uma planta pode trazer livramento a uma pessoa.

e- ( ) Nenhum aspecto histórico ou educacional me foi acrescentado.

**APÊNDICE VII – Carta aos pais dos alunos pesquisados****UAA****UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN****FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN****PROGRAMA DE DOCTORADO EN CIENCIA DE LA EDUCACIÓN**

Prezado(a) Sr.(a.),

Sou Professora da Escola Tenente Rêgo Barros e doutoranda da Universidade Autônoma de Asunción-Py. Estou desenvolvendo uma tese de Doutorado, sob a orientação do Professor Pós-Doctor Homerval Ribeiro Teixeira, cujo tema é **“Uma análise semântica da peça teatral ‘Severa Romana’, de Nazareno Tourinho, voltada à educação”**.

Analisaremos semanticamente a obra “Severa Romana”, ressaltando as crenças, religiões, superstições, falares e regionalismos linguísticos, costumes e tradições, evidenciando os valores culturais e educativos do Estado do Pará, os quais esta obra pode transmitir aos que a conhecem, enquanto instrumento de educação. Os valores citados serão transmitidos aos alunos do nono ano do Ensino Fundamental II, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Tenente Rêgo Barros, em Belém do Pará, região Norte do Brasil”.

Considero este trabalho relevante à prática pedagógica da leitura, interpretação e análise textual porque o mesmo reside no fato de que “Severa Romana” é um texto dramático, de Nazareno Tourinho, uma obra pertencente ao Gênero Dramático da Literatura, extremamente importante à história do Pará, não somente por recontar um pouco da trajetória de vida de uma mulher considerada Santa Popular, vista como heroína, por ter morrido defendendo a honra, mas por ser uma obra de valor historiográfico, no que se refere à linguagem popular e regional, com grandes marcas de oralidade; por registrar costumes, crenças e tradições; e por mostrar toda uma cultura de final do século XIX e início do século XX. Assim, os discentes que a conhecem passam a ter sua cultura mais enriquecida, como cidadãos críticos e participativos, na sociedade.

Os resultados serão socializados tanto em seminários científicos, encontros, congressos e eventos literários, sociais e educacionais, bem como servirão de embasamento para futuros trabalhos acadêmicos.

Assim, gostaria de contar com a sua participação, autorizando para que seu(sua) filho(a) possa participar deste trabalho de pesquisa de campo, lendo o texto da peça teatral “Severa Romana”, que lhe será ofertado gratuitamente; assistindo a uma aula, ministrada por mim, pela manhã, no auditório da escola, em horário a combinar com a Direção da ETRB; e respondendo a um breve questionário de entrevista. A aula será ministrada sobre os seguintes assuntos: Gêneros Literários (Épico, Lírico e Dramático); Tipologia Textual; Níveis de Linguagem; Análise Semântica da obra “Severa Romana”.

Este trabalho objetiva levar o aluno-leitor à reflexão, à criticidade, responsável pela (re)construção da cidadania, a partir da leitura e da compreensão de textos de circulação social, como a obra dramatúrgica de Nazareno Tourinho.

Vale ressaltar que as opiniões apresentadas pelo(a) aluno(a) são fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Evidencio, também, que os sujeitos pesquisados não receberão ônus pela participação na pesquisa; todavia, ficarão no anonimato para não serem expostos e terem preservada a sua integridade.

Sua assinatura, abaixo, implicará sua aceitação. Desde já, agradecemos a sua colaboração e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,



---

**Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos**  
**Doutoranda em Ciências da Educação**  
**Universidade Autônoma de Asunción**  
**angelaatriz@yahoo.com.br**

Sim, autorizo meu(minha) filho(a), \_\_\_\_\_ a  
participar desta pesquisa científica.

Belém, \_\_\_\_\_ de março de 2019.

---

Pai, mãe ou responsável

**APÊNDICE VIII- Termo de consentimento destinado a Nazareno Tourinho****UAA****UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN  
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN  
PROGRAMA DE DOCTORADO EN CIENCIA DE LA EDUCACIÓN****TERMO DE CONSENTIMIENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Belém, 10 de Agosto de 2018

Excelentíssimo Senhor Nazareno Tourinho,

Sou doutoranda da Universidade Autônoma de Asunción, Py. Estou desenvolvendo uma tese de Doutorado, sob a orientação do Professor Pós-Doctor “Homerval Ribeiro Teixeira”, intitulada **“Uma análise semântica da peça teatral ‘Severa Romana’, de Nazareno Tourinho, voltada à educação”**.

Considero este trabalho relevante referentemente à prática pedagógica da leitura, interpretação e análise textual porque o mesmo reside no fato de que “Severa Romana” é um texto literário, que pertencente ao Gênero Dramático da Literatura, extremamente importante à história do Pará, não somente por recontar um pouco da trajetória de vida de uma mulher considerada Santa Popular, vista como heroína, por ter morrido defendendo a honra, mas por ser uma obra de valor historiográfico, no que se refere à linguagem popular e regional, com grandes marcas de oralidade; por registrar costumes, crenças e tradições; e por mostrar toda uma cultura de final do século XIX e início do século XX.

Como objetivo geral desta pesquisa tem-se: verificar se os alunos do Ensino Fundamental II da ETRB, do nono ano, possuem conhecimento linguístico e literário para realizar uma análise semântica da obra “Severa Romana”.

Os resultados serão socializados tanto em seminários científicos, encontros, congressos e eventos científicos da área social e educacional, bem como servirão de embasamento para futuros trabalhos.

Por isso, solicitamos sua autorização para a realização desta pesquisa, a qual envereda pela análise semântica da obra “Severa Romana”; todavia, solicitamos, ainda, uma breve entrevista com o próprio autor para possíveis esclarecimentos sobre a obra e as efemérides biográficas do autor da obra em questão.

A meta deste estudo é despertar o aluno-leitor à reflexão, à criticidade, responsável pela (re)construção da cidadania, a partir da leitura e da compreensão de textos de circulação social, como esta obra dramatúrgica. Evidenciamos que esta permissão não irá gerar proventos para o autor e sua obra pesquisada.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,



**Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos**  
**Doutoranda em Ciências da Educação**  
**Universidade Autônoma de Asunción**  
[angelaatriz@yahoo.com.br](mailto:angelaatriz@yahoo.com.br)  
fone: (91) 993726902

**APÊNDICE IX- Resposta ao termo de consentimento destinado a Nazareno Tourinho****Termo de Permissão**

**Após ter recebido a atriz e professora Ângela do Céu Gonzaga de Vasconcelos, por diversas vezes, em minha residência, a fim de lhe conceder entrevistas sobre a minha obra dramaturgica e, após ter lido o capítulo de sua tese de Doutorado em Ciências da Educação, intitulado “Efemérides Biográficas de Nazareno Tourinho”, declaro pertinentes as colocações escritas por ela sobre a minha biografia pessoal e literária.**

**Desta feita, dou-lhe total permissão para publicar este capítulo, em sua tese, haja vista que as declarações por ela escritas são verdadeiras e respondidas por mim em algumas entrevistas.**

**Belém, 29 de agosto de 2018.**

**Nazareno Bastos Tourinho**